

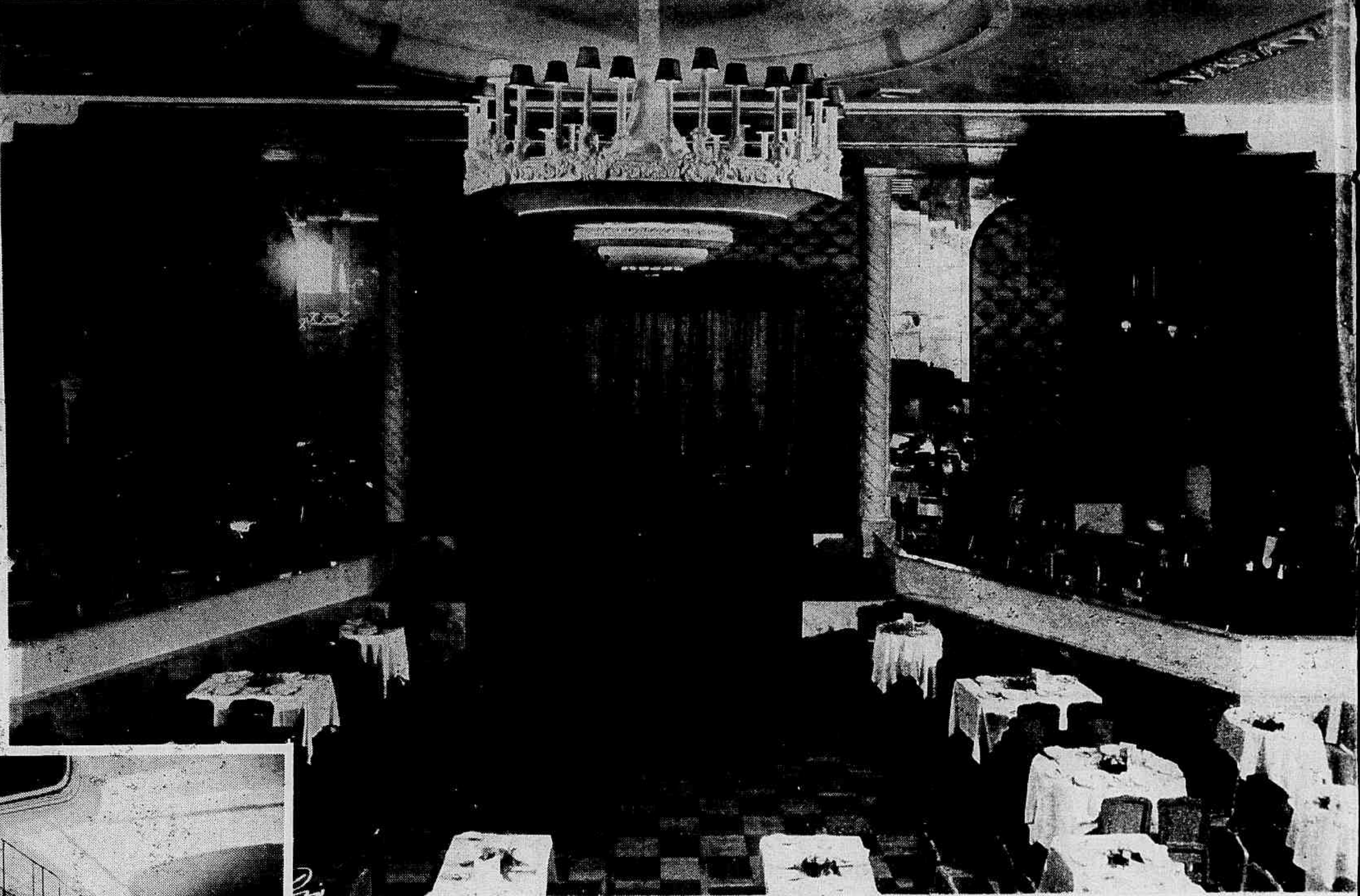
Revista da Semana

Ano XLIV - N.º 27 - 3 de Julho de 1943 - Cr \$ 2,50 na Capital e Cr \$ 3,00 nos Estados



SUPLEMENTO DE

A NOVA "boite" do CASSINO ATLANTICO



Vista parcial da "boite" do Atlântico, em que aparecem os motivos de sua decoração.

Dentro da moldura rústica da natureza praiana, destaca-se o Palácio do Pôsto Sêis, prodígio da arte e da técnica modernas.

A nova "boite" do Atlântico — gosto, decoração requintada.

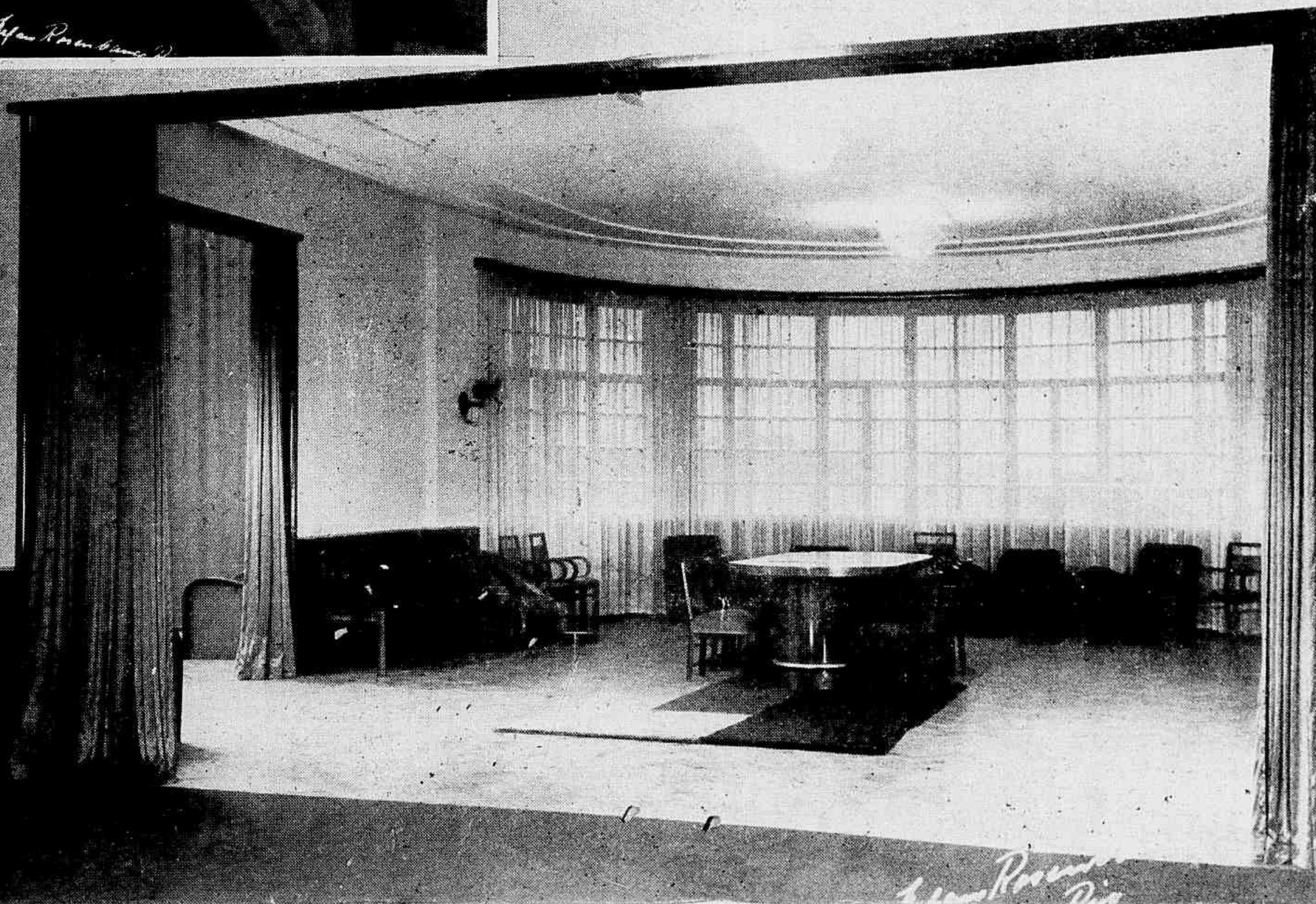
Salão de leitura do Cassino Atlântico.



Dentro do panorama magnífico que apresenta a curva graciosa da Praia de Copacabana, ergue-se, diante dos olhos do forasteiro êxtasiado, o prodígio arquitetônico do Cassino Atlântico, que apresenta em seus contornos simétricos, toda a beleza da arte moderna, posta em confronto com as maravilhas da natureza inigualável do litoral carioca.

Mas o entusiasmo do turista atinge o auge, quando lhe é dado passar momentos de verdadeiro êxtase, na nova "boite" da Maravilha do Pôsto Sêis, onde artistas de renome traçaram linhas inimitáveis de elegância e delicadeza.

Para que os nossos leitores tenham uma idéia do que é o maravilhoso interior do magnífico palácio, estampamos nesta página alguns aspectos das novas instalações do mais elegante centro de diversões da América do Sul.



Canhão inutil

por

Berilo

Neves



NAlonga marcha dos exércitos da Liberdade, através das terras adustas da A'frica, ficou esta cena trágica, eloquente como um minuto da Eternidade, simbólica como uma lição dos séculos. Inutilizado o seu canhão, feita em fragmentos a peça que guarnecia, o artilheiro morto é como uma saudade dorida a pôr guarda a um sonho desfeito... Os olhos, já vítreos, fixam um ponto invisível do Céu, as pernas caem-lhe, corpo abaixo, como farrapos desvaliosos, uma das mãos prende-se-lhe ao cinto, e a outra, ciosamente fechada, guarda alguma coisa — que tanto pode ser uma carta de despedida, como um pouco da terra africana...

Também assim morreram, há mais de dois mil anos, os mercenários soldados cartagineses que sonhavam conquistar a Roma antiga. Aquela mesma terra histórica guarda o segredo político de Amílcar Barca e a aventura militar de seu filho, Aníbal... Terra queimada de sol, ali se desfaz depressa, em poeira e vento, a carcassa pretensiosa dos conquistadores. Falta-lhes o frio polar, para as manter eternas, como fósseis ilustres de idades perdidas... A A'frica é um imenso sudário: em suas dobras jazem, para sempre, civilizações e impérios, exércitos e aventuras, sonhos e tragédias, cujos restos sutis palpitam na poeira de ouro das miragens, na alucinação febril dos sedentos...

Este soldado é o fragmento anônimo de um exército que fez tremer, nos alicerces, o mais poderoso Império dos nossos dias. Como uma coluna de fogo, essa horda de bárbaros marchava rumo a Alexandria, a caminho de Suez — o pórtico do Oriente, o vestíbulo histórico da grande Índia... Um milagre de Deus fê-lo parar a poucos quilômetros da cidade que se fundou em honra do maior guerreiro da Idade Antiga: Alexandre, de Macedônia. Ali, de novo, bifurcou-se a história do Mundo e Alexandria salvou-se juntamente com o Império Britânico e a Humanidade. Aquele exército diabólico, que parecia rápido como um *simun* e invencível como um cataclismo, deteve-se às portas da cidade famosa — para não dar nem um passo à frente... De lá, de El-Alamein e de outras posições avançadas, o exército teuto veio às arrecuas, batido por forças que traziam nas suas bandeiras aquela misteriosa inscrição vista, por Constantino, nas nuvens do Céu: *in hoc signo vinces*... Que é feito das orgulhosas *Panzerdivisionen* que ameaçavam a quietude religiosa das Pirâmides? Um canhão partido e um soldado morto atestam a sua fuga através das areias candentes do Deserto... Destroços de peças, restos de veículos blindados, fragmentos de máquinas e engenhos bélicos — eis o que restou de uma arrancada que seria digna de Homero se não conviesse melhor ao gênio humorístico de Swift. Este artilheiro morto e sua peça partida são a miniatura melancólica de um dos grandes desastres da História. Ali não era possível um Xenofonte, por não haver uma epopéia. E a cena seria de todo burlesca se não pairasse, sobre tudo, o regelado fantasma da Morte...

Este soldado estava certo de voltar a Berlim, com o fuzil florido das rosas vermelhas do triunfo. Os ouvidos já lhe antecipavam o estrondar das aclamações. A boca ensaiava o riso festivo dos heróis. Entretanto, agora está só e frio. Cerca-o o enorme silêncio da Morte, a que se junta a mudez natural do Deserto. Está duas vezes morto: porque perdeu a vida, e porque perdeu a batalha... Um soldado que morre, mas cuja causa triunfa, é riscado do número dos vivos mas entra para a falange

— mais larga — dos heróis. A Pátria lembrar-lhe-á o nome, e os meninos, nas escolas, dissertação sobre a significação gloriosa dos seus feitos.

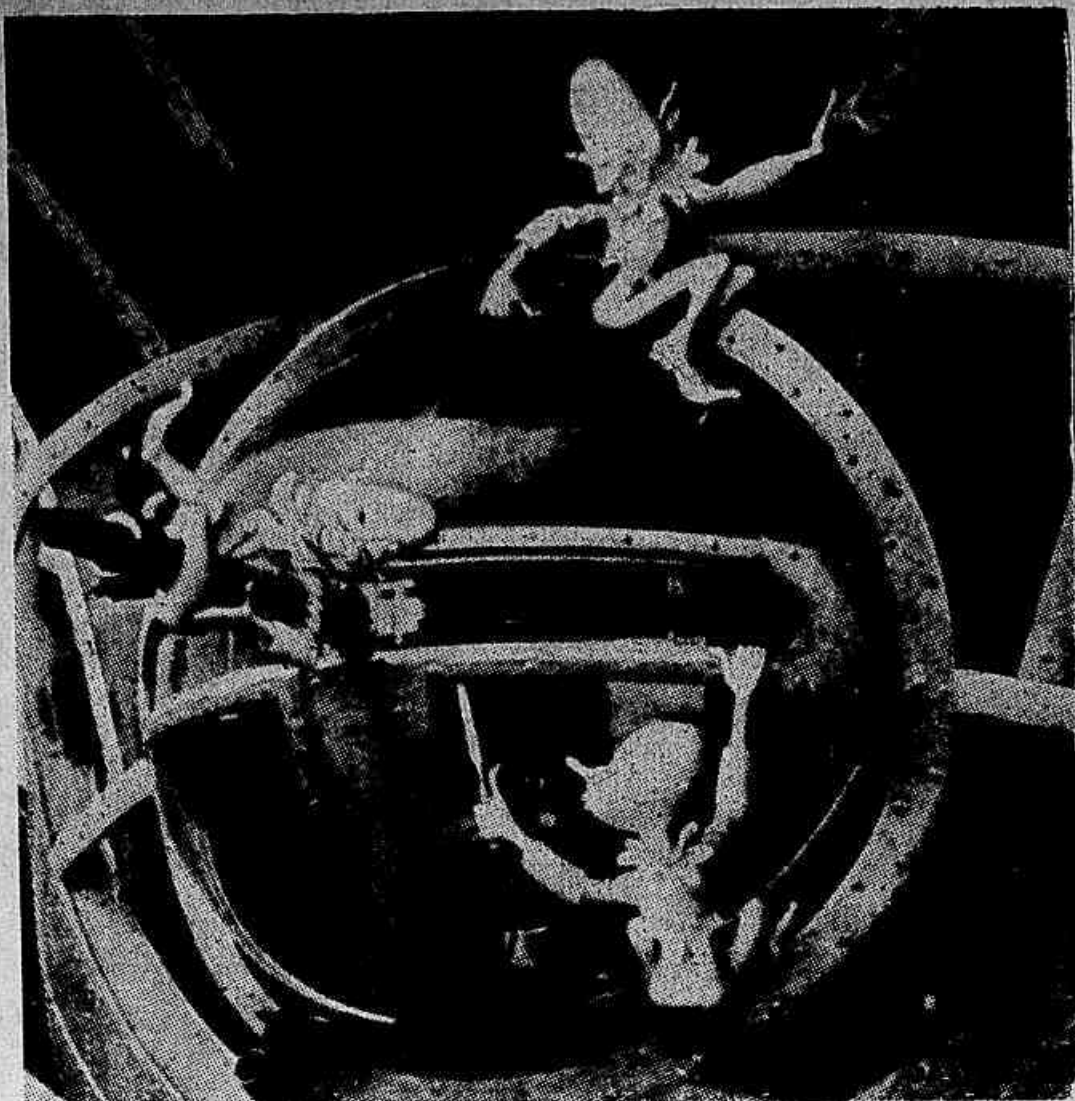
Este soldado intruso sentiu, muito dentro da boca, o sabor da terra que ia conquistar... Ganhou-a, mas como túmulo. Para sempre, agora, habitará a A'frica — na intimidade fervilhante dos vermes.

Deus não perdoa aos conquistadores a prosápia insensata com que falam em seu sagrado nome. Estas tropas, vestidas de pardo e cobertas de aço, vieram ao continente negro para acabar com um grande Império. Traziam, na boca, o ramo de oliveira, mas a alma lhes estava acogulada de fel... Hitler chamava a si o papel de executor dos decretos divinos. No imenso livro da Eternidade, estaria escrito o último capítulo do Império Britânico. O ditador germânico — que está lavando em sangue e lágrimas a face esbraseada do Mundo — atribuiu-se o mister de reformar a ordem universal à custa de milhões de mortos. A marcha para Alexandria era um momento musical de uma enorme sinfonia guerreira a rolar, pelos continentes em fóra, em todos os quadrantes da Terra. A Europa já sentira o peso da bota germânica, ferrada de novo para ferir melhor a carne macerada das vítimas. A África seria o segundo fascículo da maior epopéia político-militar dos nossos tempos. A América viria em terceiro lugar.

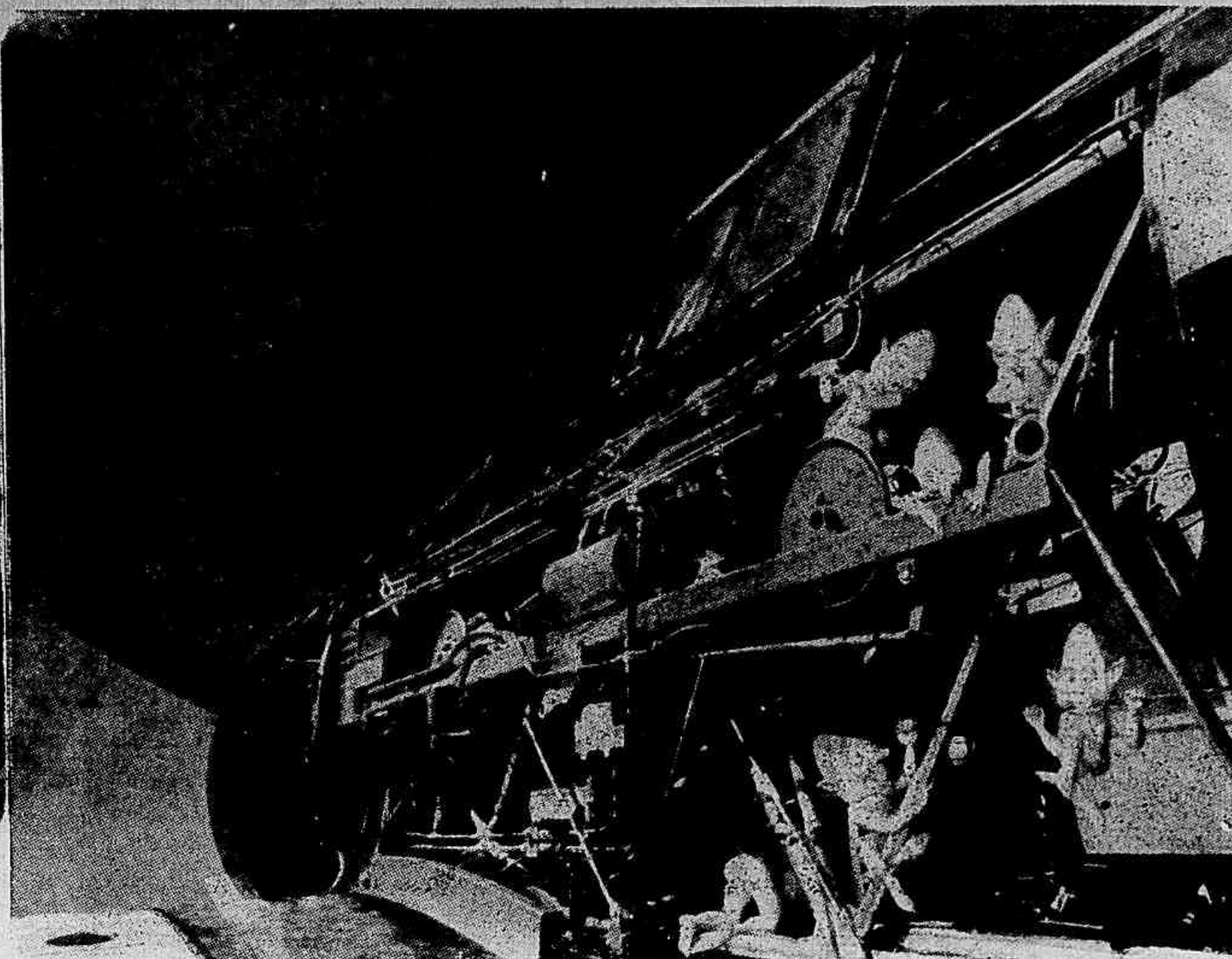
Ali se deteve, porém, a hoste cartaginesa, não para o seu chefe se deliciar em Cápua, mas para voltar costas ao sonho doirado do Oriente... Suez desfez-se em areia e névoa... Malta resistiu, ainda uma vez, honrando o nome dos cavaleiros antigos que lhe tornaram ilustre a cruz e sagrada, a causa. E Rommel voltou à pátria não como um herói que vem receber aplausos dos compatriotas, mas como um facinoroso que se excusa, perante o chefe, de não ter podido matar mais e pilhar melhor...

O soldado morto olha para o Céu que é a meta suprema dos vivos e mortos deste mundo. Talvez o Senhor se apiede da alma deste desgraçado, que, como os judeus à hora do Gólgota, não sabia o que estava fazendo... O canhão em estilhaços jamais fará ouvir de novo sua voz potente. Os restos desta peça alemã haverão de figurar, um dia, em algum museu do Cairo ou de Londres. As moscas famintas já rumorejam em torno deste destroço humano, antegozando as delícias de um banquete digno de Lúculo. Que falta para completar o quadro da desolação e da morte?

Assim perecem os que fogem às leis inflexíveis da Providência, entregues pelo mesmo Senhor a Moisés, num monte altaneiro da A'sia... *Quem com ferro fere, com ferro será ferido*... O Novo Testamento confirma a palavra divina, expressa nas emências bíblicas do Sinai. Este homem estava fora da lei de Deus e da justiça dos homens. Era um agressor a serviço de um monstro. Era um instrumento individual de um crime histórico. Sua morte tornou-se inevitável como os efeitos da lei universal da gravitação. Assim perecerão todos os que se rebelarem contra os decretos do Altíssimo. *Não matarás*... Não é, apenas, um soldado morto, com os olhos fixos na Eternidade: é uma lição de Deus aos conquistadores de todos os tempos e aos aventureiros de todas as nações.



Algumas vezes os *gremlins* fazem um trabalho complicado. Este trio anda às voltas com a prôa dum bombardeiro. Um desaparafusa os vidros para que entrem as correntes de ar no avião. Outro muda de posição a metralhadora. O terceiro pensa nalguma coisa também importante a fazer.



Este sexteto de pequeninos *gremlins* faz um curso de malevolência num avião de treino que serve tanto para os novos pilotos como para os *gremlins* novatos. Os pequeninos duendes precisam conhecer bem o complicado mecanismo para poderem agir.

UM NOVO MITO - OS GREMLINS

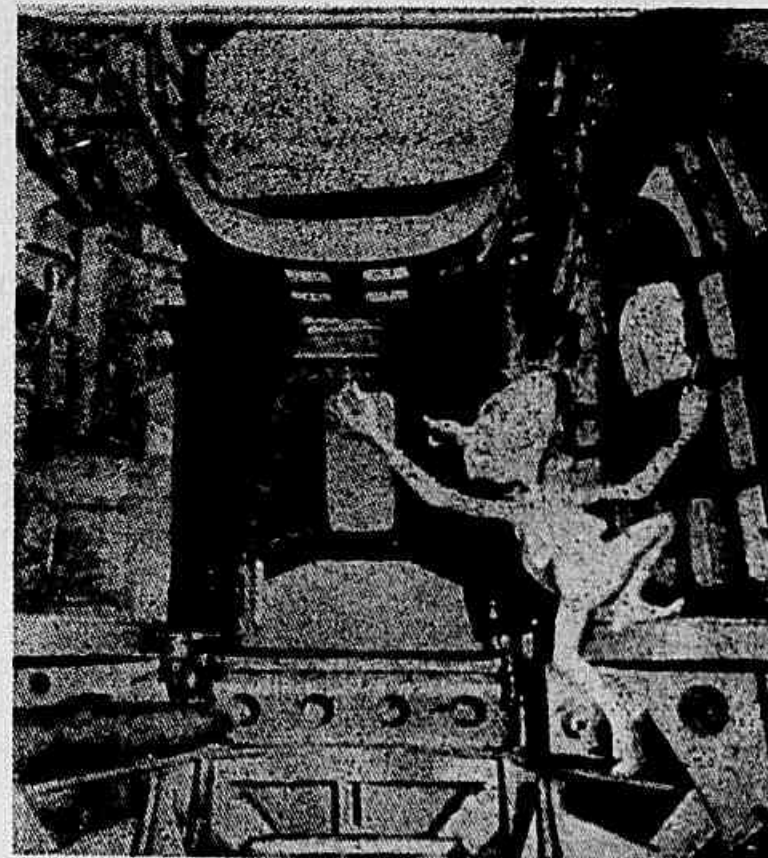
As pessoas que dão uma importância exagerada á diferença entre a realidade e a fantasia já começaram a indagar a si mesmas si os gremlins de fato existem. Sua dúvida é bastante natural, porque, embora os jornais tenham andado ultimamente cheios de notícias sobre a atividade dos gremlins, a maioria nunca os viu. Só os aviadores vêem os gremlins. E eles são tão reais para os aviadores como Papai Noel para as crianças.

Os gremlins são uma espécie de gnomos aéreos. São os companheiros constantes dos aviadores militares. Viajam com estes não em camaradagem, mas para provocar distúrbios. Produzem furos nas azas de um avião, forçando o piloto a explicar que foram gremlins e não balas inimigas que deram o prejuízo. A's vêses estragam o trem de aterrissagem, de maneira a fazer com que o piloto se veja obrigado a aterrar com o ventre do avião e depois a contar que foram os gremlins e não seu descuido os verdadeiros responsáveis. Outras atividades dos gremlins são mostradas nestas fotografias autênticas.

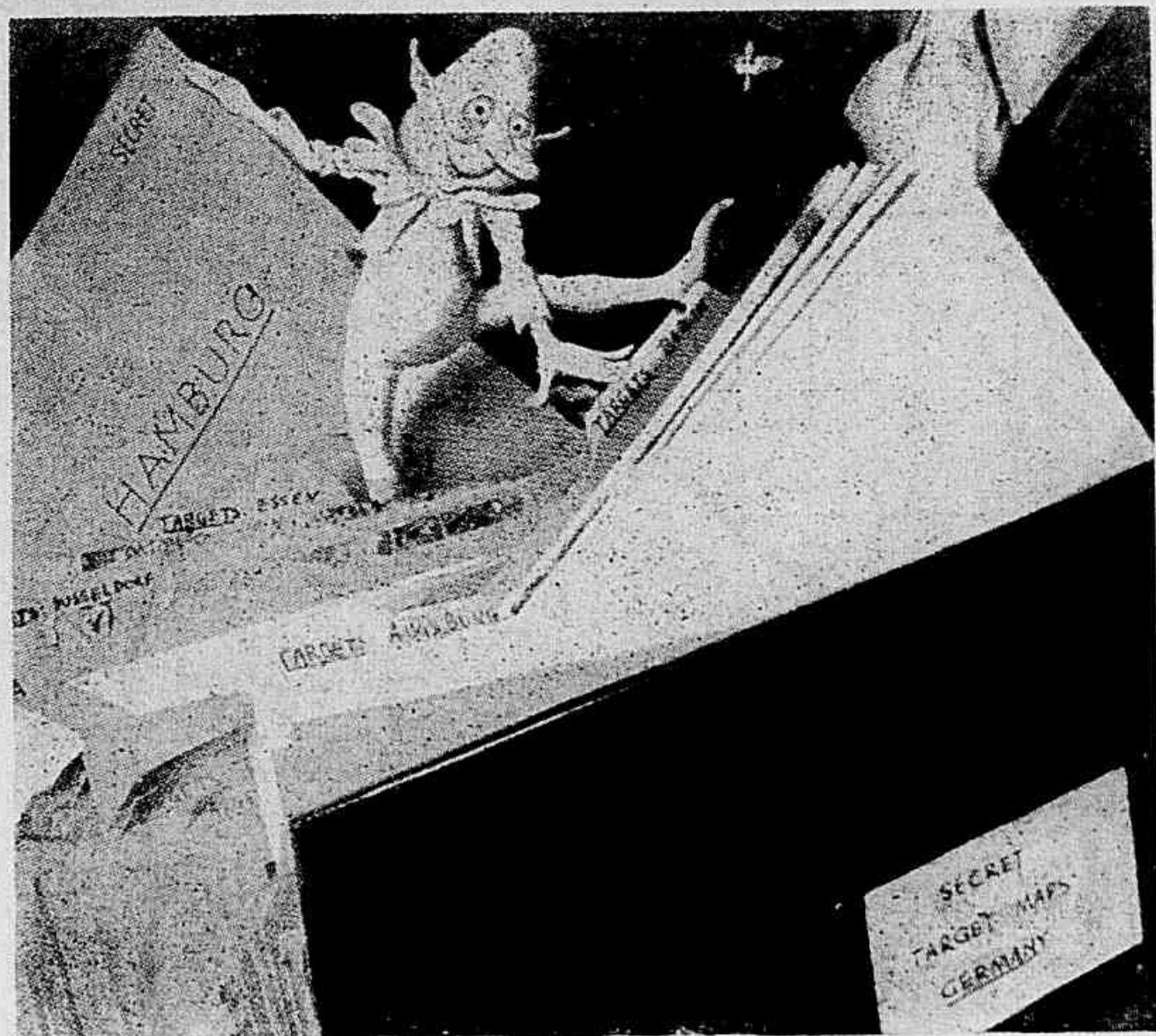
Os gremlins nunca causaram acidentes fatais ou, si os causaram os pilotos não puderam vir contar-no-los. Agora que os aviadores já se inteiraram completamente da existencia dos gremlins, são capazes de censurá-los por tudo que lhes acontece de mau. Isto explica o curioso fato de apesar dos gremlins existirem com o único objetivo de os prejudicar, os aviadores nutrirem por eles grande amizade.

Os pilotos descobriram estes operosos gnomos quando começaram a afligir a RAF, antes da guerra. Atualmente enxameiam sobre os aviões ingleses e norte-americanos na Inglaterra, e sabe-se que existem nos Estados Unidos. Ninguém os noticiou na Alemanha. Ha séculos passados, os gremlins eram senhores dos lagos e dos rios. Mas a evolução que age sobre os gnomos como sobre as salamandras ou os pterodátilos, transformou-os em figuras fluidas com cabeças aero-dinâmicas. Descreveram-nos usando chapéus em forma de taça e barbas brancas. Isto é arcaico. Os gremlins usam casacos apertados e sapatos pontudos. Uns usam espetos e outros não. A única explicação para esta diferença é que alguns gostam de usar espetos e outros não.

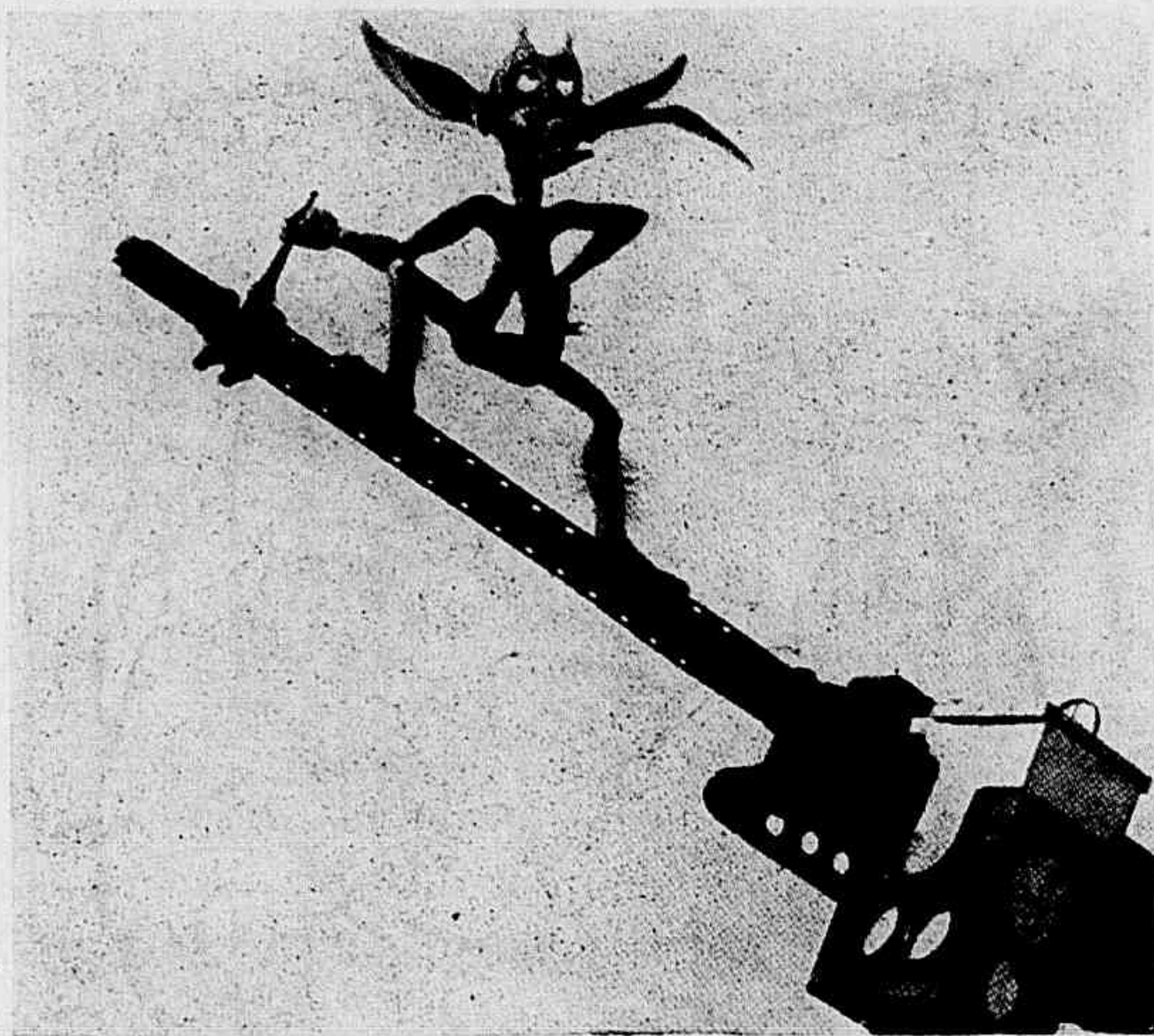
Normalmente os *gremlins* trabalham sozinhos. Este foi convidado por um aviador inglês a viajar no seu avião, e ingratamente faz das suas, deste modo.



Um momento de felicidade para os *gremlins* é poderem descansar, dansando e cavaqueando nas asas dos aviões de transporte seu trabalho é apenas com os bombardeiros.



Este gremlin foi retirado da ativa por estar ficando velho. Ele, no entanto, ainda tem tempo de atrapalhar os pilotos, misturando fichas e mapas no arquivo secreto.



Os gremlins de pernas cabiludas, que os técnicos acreditam não ser um verdadeiro gremlin, foi visto apenas em Gibraltar. Têm um grande buraco no meio da barriga. O vento assobia passando por esse orifício e os pilotos ficam pensando que estão indo mais velozes do que na realidade.



Atrapalhar o piloto é importante. Este diabinho está fazendo um barulho que parece um motor falhando. O piloto parece preocupado.

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam:

Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando dor de cabeça, peso, calor e mal-estar na cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ansias e vontade de vomitar, biliosidade, arrôtos, mau gosto na boca, indigestão, muita sede e quentura na garganta, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, língua suja, mau hálito, certas coceiras e irritações da pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar estes males use **Ventre-Livre**, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use **Ventre-Livre**

Lembre-se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

Tenha sempre em casa
Ventre-Livre

REVISTA DA SEMANA

Publicação de arte, literatura e modas — A decana das Revistas nacionais
Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICA

Porte simples: Um ano — Cr.\$ 63,00; Seis meses — Cr.\$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr.\$ 80,00; Seis meses — Cr.\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr.\$ 170,00; Seis meses — Cr.\$ 90,00
O número avulso custa Cr.\$ 1,50 em qualquer parte do país;
o número atrasado: Cr.\$ 2,00

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Telefones: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447;
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323, Telefone 4-7866

Tem agentes em todas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434. Lourenço Marques. No Uruguai: Moratori & Cia. — Constituyente, 1746. Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33, Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Este número consta de 52 páginas

A nossa capa

A nossa capa é um flagrante da mulher do Século XX.

A mulher de 1943 é a mesma mulher que cortou o cabelo para a defesa do seu torrão natal e é a mesma mulher que ouve, comovida, um verso balbuciado em noite de luar. É romântica, sem ser fragil, pálida e fria e é prática sem ser masculinizada: é um misto de trabalho e abnegação, coragem e meiguice.

A mulher não se contenta mais em se despojar de seus adornos e sua mesada em benefício da Pátria. Ela, hoje, troca

a toilette fina e custosa pelo macacão de operário. E suas mãos que deviam estar sobre o teclado do piano ou firmando a agulha do crochê nos serões calmos do lar, empunham, resolutas, o volante do onibus, o controle do avião que ela transporta para poupar um piloto, o arado que revolve a terra humosa e, nas fábricas, seguram martelos, sarracham parafusos, fazem tanques, confeccionam balas, produzem aviões, constroem navios!

Mãos que apagam incêndio e mãos que socorrem feridos; que enxugam as lágrimas deste e afagam e consolam aquele; mãos de dedos longos e finos que não se cansam nunca, que não param jamais; mãos femininas, firmes, calmas e lindas, que sustentam uma luta, que fazem uma guerra, que vencem uma batalha: mãos da Vitória!

TRANSPORTADORA RODOVIARIA
LUSO-BRASILEIRA S. A.

As iniciativas de carater privado que visam intensificar os meios de transporte repercutem, entre nós, com especial significação, porque vêm concorrer para o desafogo de necessidades coletivas.

E não é por outras razões que registramos, nesta oportunidade, a fundação, nesta Capital, da Transportadora Rodoviaria Luso Brasileira, abreviadamente, *Lubrasa*, sociedade anônima destinada a explorar o ramo de transportes em rodovias. Calcada em sólido capital, a nova organização conta desde já numerosa clientela mercê da boa ordem com que iniciou seus trabalhos, o que seria de prever ainda pela razão de ter á sua frente elementos destacados em nosso meio, figuras cujos nomes inspiram a máxima confiança, pois é Diretor-presidente o Sr. João Café Filho, Vice-presidente o Sr. Adelino da Silva Casanova, Primeiro-tesoureiro o Sr. Laurindo Lengruber Filho e Diretor-gerente o Sr. Antonio Caetano.

A Transportadora Rodoviaria Luso Brasileira, com sucursais em Niterói, Campos, Recife, Natal, João Pessoa e outras cidades do país é uma organização de carater nacional, tendo a sua sede á Travessa Ouvidor n.º 10, no Distrito Federal.

DESPERTE A BILIS
DO SEU FÍGADO

E Saltará da Cama Disposto para Tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Pílulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pílulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: Cr. \$ 3,00.



ÁGUA INGLESA

GRANADO

TÔNICA
E APERITIVA

NA ANEMIA
CLOROSE E
CONVALESCENÇAS

T. TARQUINO

PRISÃO de VENTRE?

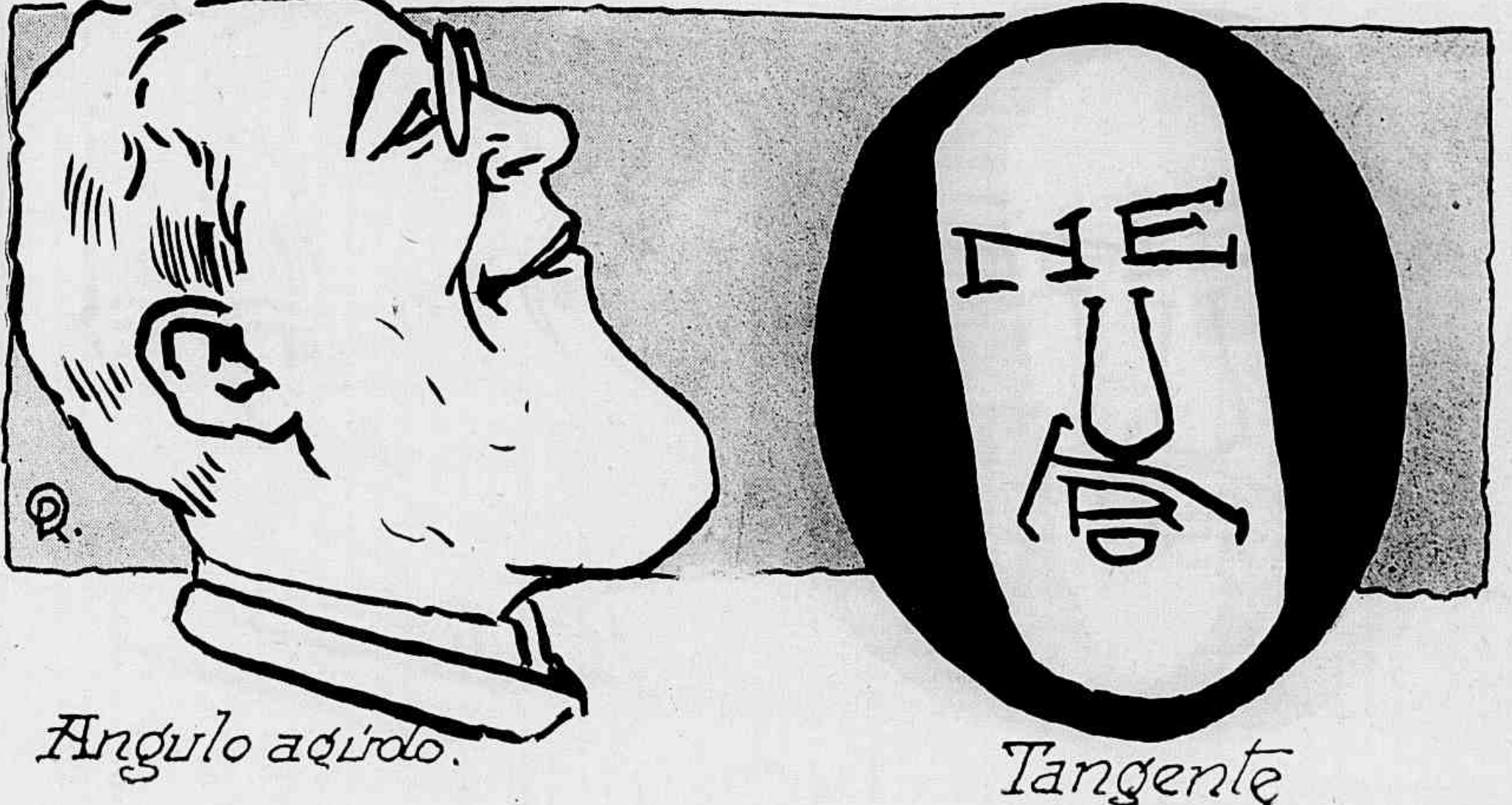


Pilulas
ALOICAS

REGULARIZAM OS INTESTI-
NOS SEM TORTURA-LOS.

Pedaços de geometria

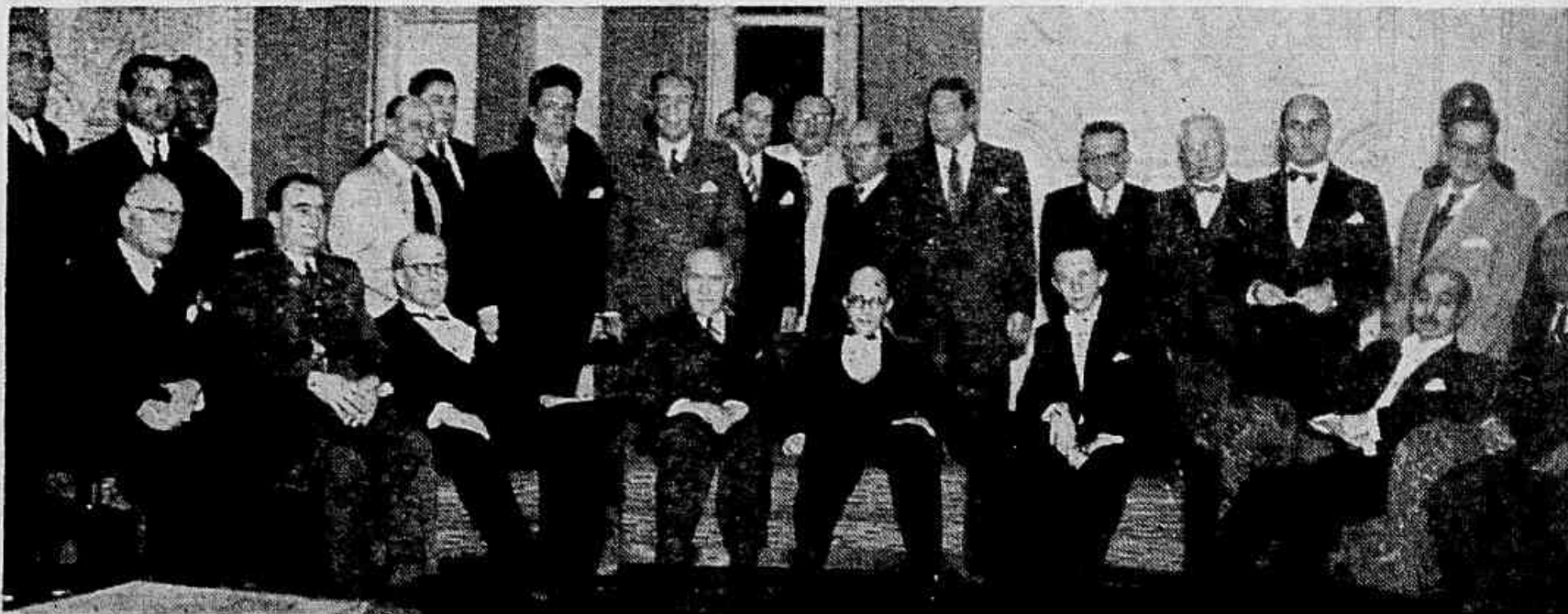
NB. As similhanças não são garantidas, mas os nomes são exatos





O governador da Guiné Francesa, sr. Jean Rapenne, e seu chefe de gabinete, sr. Jacques Boissier, quando desembarcavam do "clipper" no aeroporto Santos Dumont.

Figuras e Fatos



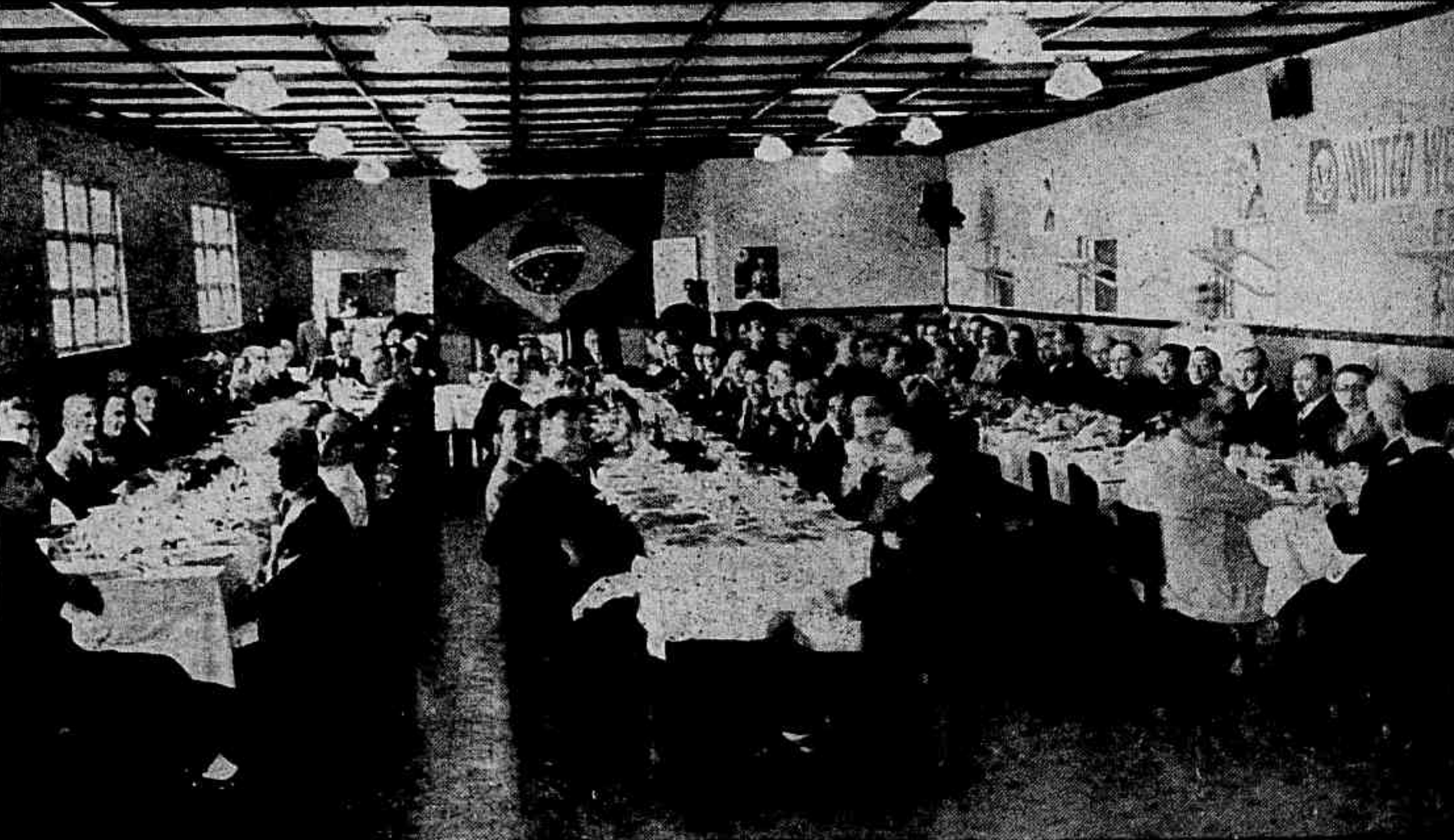
NOVO MEMBRO DA ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA — Vem de ser recebido na Academia Nacional de Medicina, como seu membro efetivo, o clínico Alvaro Lourenço Jorge, médico de largos recursos profissionais, chefe de clínicas no Hospital Miguel Couto e no Hospital da Ordem do Carmo. A foto que ilustra estas linhas foi colhida na Academia Nacional de Medicina, na noite da posse do seu novo membro, vendo-se entre os presentes os ministros Gustavo Capanema e Oswaldo Aranha, o coronel Jesuino de Albuquerque, secretário de Saúde e Assistência da Prefeitura, os professores Moreira da Fonseca, presidente daquele senaculo, Aloysio de Castro, que foi encarregado de receber o dr. Lourenço Jorge na Academia, Miguel Couto Filho, Henrique Roxo, Martagao Gesteira, Roberto Freire, o major Isolino Ulha, representante do prefeito Dodsworth, o dr. Alvaro Lourenço Jorge e outros.



A NOVA EXPOSIÇÃO DE PRATAS — Como era ansiosamente esperado pelos amadores de arte, inaugurou-se festivamente a exposição de prataria portuguesa idealizada e criada pelo sr. A. Corrêa, apaixonado colecionador e conhecedor de objetos de prata. A Exposição Permanente de Pratas Portuguesas reúne num ambiente adequado a delicadeza e preciosidade da "montra", os mais finos trabalhos cinzelados pelas mãos habéis dos artistas lusitânicos que trabalham exclusivamente para a afamada casa Reis Filho, do Porto da qual o sr. A. Corrêa é representante no Rio de Janeiro. A inauguração da Exposição de Pratas Portuguesas veio preencher uma grande lacuna existente em nosso comércio de objetos de arte, por isto que serão agora mais difundidos e conhecidos entre nós os celebres trabalhos artísticos dos ourives portugueses, que enfeitam hoje os salões mais nobres de todas as grandes metrópoles. Como era de esperar, os elementos mais representativos da sociedade carioca compareceram à instalação dessa "montra" de arte, que teve lugar em salas da suntuosa passadeira da exposição, a rua Gonçalves Dias, 37. Durante a festa da inauguração a REVISTA DA SEMANA fotografou os dois grupos que figuram acima, nos quais aparece o sr. A. Corrêa, cercado de pessoas de sua família, amigos, clientes e elementos da sociedade carioca presentes à solenidade.



CONCERTO — O Centro Artístico Musical realizou a 19 de Junho ultimo o seu 201.º concerto no salão nobre da Escola Nacional de Música, com uma audição da pianista Maria Calazans. O programa constou de Beethoven, Chopin, Manuel Faulhaber, H. Oswald, L. Fernandes e outros números, todos magnificamente interpretados e calorosamente aplaudidos pela culta assistência.



ASSOCIAÇÃO ATLETICA BANCO DO BRASIL — No dia 19 de Junho ultimo, foi comemorado o 25.º ano de serviço bancário de cerca de 120 funcionários do Banco do Brasil. Foi-lhes oferecido pela Associação Atletica Banco do Brasil um almoço de confraternização que transcorreu num ambiente de cordialidade, tendo assumido o lugar de honra o dr. João Marques dos Reis, presidente do Banco do Brasil.

A novela de sensação

CARA ou CORÔA

por JAMES CLIFTON PETERS

(Traduzida especialmente para a REVISTA DA SEMANA)

EU não conhecia Stevens muito bem, prestem atenção, mas desde que se ofereceu a oportunidade, fiquei radiante em convidá-lo para passar comigo o "week-end". Era uma das poucas celebridades que eu sempre desejara conhecer.

E, desse encontro, não sofri nenhuma decepção. Era um homem de cerca de cinquenta anos, alto e enxuto, com os cabelos grisalhos e a face dum moreno tão prodigioso que atestava logo uma permanência de muitos anos em terras tropicais. Não era afetado nem presumido a respeito de sua importância, era um bom conversador, um esplêndido companheiro. Em suma nós nos entendemos às mil maravilhas.

Eu me lembro que no domingo nossa conversa veio a incidir sobre a Nova Guiné. Stevens havia começado por lá sua carreira e tinha a reputação de saber tanto como ninguém a respeito da ilha. Mas, coisa singular, eu o achei extremamente relutante em discutir o assunto. Imaginára que ele fervilhasse de reminiscências do lugar onde suas pesquisas tinham lançado as bases de teorias que haviam revolucionado o tratamento das moléstias tropicais. Enganara-me. Bastou

mentonar a Nova Guiné e Stevens esfriou. Era óbvio que o lugar lhe recordava alguma coisa desagradável. Uma ou duas vezes, pela contração dos lábios e pelo momentâneo descontrolo da face e dos olhos, percebi que a emoção sentida por ele era de dor — como se o assunto tocasse numa velha mas ainda sensível cicatriz.

Em consequência, hesitei em mencionar o nome de Digby Crawford. Crawford era meu vizinho, homem de recursos, cuja mania era colecionar armas e curiosidades, particularmente das tribus da Nova Guiné. Quando ele ouviu dizer que Stevens vinha ficar comigo, suplicou-me que o levasse á sua casa, no domingo á noite. Parecia que Stevens era seu herói dos heróis, e ele desejava acima de tudo conhecê-lo. Eu tinha prometido fazer o que fôsse possível.

Mas, agora, certo como estava da aversão de meu hóspede pelo assunto, no qual Crawford estava interessadíssimo, hesitei em falar a Stevens. Quando, porém, lhe falei a respeito e expliquei a mania de Crawford, fiquei mais do que surpreendido pela cordialidade com que o convite foi

aceito. Absolutamente não pude compreender isso.

Desse modo, naquela noite fomos á casa de Crawford. Seguimos pela estrada dos fundos e atravessamos o jardim de Crawford. O dia fôra quente e a noite trouxera pouco alívio aocalor. Quando vinha uma brisa, deslisava por nós como um rio ardente. Descêra uma penumbra plúmbea e ao poente brilhavam ainda os últimos raios de um ocaso escarlate. O jardim de Crawford era constituído por flôres e arbustos tropicais. Seu perfume era esquisito e muito penetrante. Pairava no ar de tal modo que a respiração não trazia nenhum refrigério. Eu sempre detestára aquele jardim, mas Stevens pareceu expandir-se e desalterar-se na sua atmosfera.

— Oh, Senhor, mas que cheiro bom! — exclamou, dilatando os pulmões. — E' o mal dessas flôres do norte que vocês teem, essas rosas, margaridas e coisas semelhantes — não teem nenhum perfume. Coisas sem graça, que elas são. Este homem Crawford é que sabe como deve ser um jardim.

Suas passadas eram lépidas como as dum rapazinho, ao cruzarmos a vereda. Uma vez por outra, agarrava meu braço com uma viva exclamação de prazer e me fazia parar para examinar certa corola que, mesmo na treva que se adensava, ardia como uma chama.

— Isto é o que eu chamo de "flôres"! — dizia de vez em quando. Crawford recebeu-nos na porta que abria para o jardim. Estivera nos aguardando. Apresentei os dois. Stevens disse qualquer cumprimento acerca do jardim e Crawford ficou deliciado.

— E' minha mania — explicou ele. — Tudo que se relaciona com os trópicos me fascina. Todos os meus amigos troçam de mim por causa disso.

Stevens deu um muchocho — Já estive lá? — perguntou ele.

Crawford confessou que não. — Nunca consegui fazer essa viagem, — explicou ele. — Tem sido sempre uma coisa e outra para atrapalhar, mas espero fazê-la algum dia.

— Talvez seja melhor não ir — observou Stevens. — Aqui você tem a versão romântica sem os pântanos, as doenças, o calor e o perigo.

— Mas absolutamente não é a mesma coisa.

— Bem, não é, — admitiu Stevens. — Não é. Deus sabe a fascinação que os trópicos exercem sobre a gente. Mas quando você se vê metido por lá, chama-se de touco e jura nunca mais visitá-los de novo. Aquilo não é terra para homem branco. Acontecem certas coisas por lá... — Ele se calou de repente e uma expressão estranha e distante lhe velou os olhos. Era a mesma expressão que eu tinha visto uma ou duas vezes antes, quando nossa conversação girára em torno de seus dias passados na Papuasía.

Ficamos sentados no terraço e o criado japonês de Crawford trouxe "drinks" cintilantes de gelo. A noite quente e os pesados odores do jardim pairavam em torno de nós como um invisível mar. A fumaça de nossos charutos desenhava pátidas corôas no crepúsculo.

Então Crawford ergueu-se.

— Você gostaria de vêr minha coleção? — perguntou ele. — Teem-me dito que é uma boa coleção.

Nós nos dirigimos ao salão que Crawford tinha arranjado como museu. O salão esava brilhantemente iluminado. Contemplamos as prateleiras e mais prateleiras de armas de aspecto temeroso, ídolos grotescos e tambores de guerra. Havia um armário de cabeças humanas mumificadas, secas e disformes pelo tratamento a que haviam sido submetidas. Uma ou duas das cabeças tinham pele que não era negra mas levemente amarelada e cujos cabelos louros jamais teriam adornado um crâneo de pápua.

Stevens andava interessadamente pelo salão, dum canto a outro. Parava para examinar uma coleção de setas eriçadas e lanças farpadas, deixava-as e se curvava sobre alguns machados e adagas de osso de aspecto malévolos.

— Na maioria estão envenenados — avisou Crawford. — Tenha cuidado.

— E' uma coleção maravilhosa, — disse-lhe Stevens calorosamente. — Não creio que já tenha visto coisa igual.

Deixou os machados e foi examinar um grupo de tambôres. Crawford voltou-se para mim. — E' tal o que eu esperava que ele fôsse e mais alguma coisa ainda, — disse-me ele. — Não admira que tenha realizado tantas proezas. Um homem como este poderia fazer tudo o que quisesse.

Eu concordei. Era óbvio que Stevens acabava de fazer outro amigo.

— Engraçado — notei — e o interesse que ele está tomando por todo esse seu material. Quando tentei fazê-lo, falar sobre a Nova Guiné, esfriou e tinha uma expressão esquisita nos olhos.

Fiquei com a impressão de que acontecera por lá alguma coisa que o fazia relutante em mencionar o lugar. Depois vem aqui e calmamente desmancha minha teoria, mostrando-se entusiasmado como uma criança por estas coisas. Agora estou completamente fôto.

— Esquisito, — concordou Crawford, e se voltou para olhar para Stevens.



De repente ele se tornou rígido.

Minha cabeça rodou justamente a tempo de ver Stevens cair. Por um momento, a surpresa nos manteve imóveis. Não podíamos imaginar o que sucederia. Vêr um homem em perfeita saúde, rindo e palestrando um momento antes e imediatamente depois desabado ao chão desamparadamente, é na verdade desconcertante.

— Meu Deus! — ouvi Crawford murmurar. — Ele se cortou numa daquelas lanças envenenadas.

O mesmo pensamento me assaltara.

Quasi juntos, rompemos o nosso torpê e corremos para Stevens. Ele estava deitado de costas, os olhos meio abertos, de modo que só o branco era visível. Os braços pendiam abertos e havia baba nos cantos da boca. A expressão do rosto era horrível.

Mas estava ainda respirando. E em parte alguma do corpo conseguíamos descobrir o mais leve arranhão que pudesse vir provir duma lança ou duma seta. Olhamos um para o outro, estatelados.

Então Stevens soltou um longo suspiro e se remexeu. Nós o pusemos sentado. Ele nos olhava com olhos vagos e espantados, como os de um homem que volta a si dum violento abalo. A côr principiou a voltar-lhe às faces.

— Está melhor? — Crawford perguntou-lhe ansiosamente.

Stevens passou a mão pela testa. — Estou perfeitamente bem — disse. — Acho que sim. Que foi que aconteceu?

— Você desmaiou — disse-lhe eu. — Caiu redondamente, como se tivesse sido derrubado por um machado.

A côr que voltava às faces de Stevens esvaneceu-se de novo. O rosto estava enrugado e repuxado e eu teria jurado que ele envelhecera dez anos naquele momento.

Começou a fazer força para se pôr de pé.

— Levem-me para fora daqui — quasi que berrou.

— Para o terraço — disse Crawford apressadamente. — Vamos para lá. Você pôde sentar-se e descansar. Precisa de um "drink".

— Sabe Deus como isso é verdade! — murmurou Stevens.

Saímos para o terraço. O japonês trouxe bebidas e copos tilintantes. Stevens virou o seu de um gole e não protestou quando o enchêram de novo.

A noite fechara de todo. Uma treva quente, sufocante, envolvia-nos. Os cheiros do jardim pendiam-nos das narinas. Não havia a menor brisa e o mundo parecia totalmente tranquilo. O céu fervilhava de estrelas e um morcego ou outro se recortava contra ele, quando batia as asas atôa. O sêco flufú de suas asas era perfeitamente audível.

Stevens sorveu o segundo "drink" com mais calma. Acendemos charutos. Os fósforos eram como pequenas bombas abrindo rombos na treva e, quando se apagavam, os charutos acêsos eram como carvões que se inflamavam e apagavam em ritmo, regulares como um batei de coração.

Por muito tempo, ninguém falou. Depois Stevens disse, abruptamente:

— Acho que vocês estão dando tratos á bola para saber porque eu desmaiei daquele modo.

Eu soltei um resmungo. Crawford disse qualquer coisa sobre o calor.

Stevens soltou uma gargalhada breve. — Calor! — disse ele. — Você chama isto calor? Lembre-se de que passei a maior parte de minha vida em lugares onde a temperatura nunca baixava de quarenta graus. Não, foi por causa de sua coleção.

— Você estava olhando os tambores.

— Justamente. Eu estava olhando os tambores.

Caiu num longo e sombrio silêncio.

— A Nova Guiné é o lugar mais infernal do mundo — disse ele, bruscamente. — Nunca se sabe o que vai acontecer no minuto seguinte. Tem tantos tentáculos como um pólvoro e eles se estiram para nos alcançar, através de milhares de milhas e de anos...

Fez uma pausa violenta.

— Vou contar-lhes uma coisa, — disse de súbito — embora eu nunca esperasse contar isso a quem quer que fôsse. É uma questão de



contar ou ficar louco, portanto não pensem em ficar lisonjeados pela minha confiança.

Seu charuto brilhou mais e mais intensamente. O lume crescente debuxou na treva o rosto de Stevens, como um camafêu de esquisita execução. Nem Crawford nem eu dissemos uma palavra. Esperávamos.

— Foi na primeira vez que eu estive na Nova Guiné — começou Stevens de repente. — Eu vivia absolutamente só. Os outros me diziam que eu estava louco. Profetisaram que eu morreria

dentro de um mês. Diziam que as cabeceras do rio Sepik eram o cemitério dos homens brancos.

Como acontece com a maioria dos arautos de calamidades, esses acertavam apenas pela metade. Eu me instalei no alto do rio Sepik e comecei a trabalhar. Os aborígenes absolutamente não me incomodavam. Com certeza eu tinha um bocado de sorte. Havia uma epidemia eruptiva grassando entre eles quando cheguei e tive a bôa

(Continúa na pág. 48)



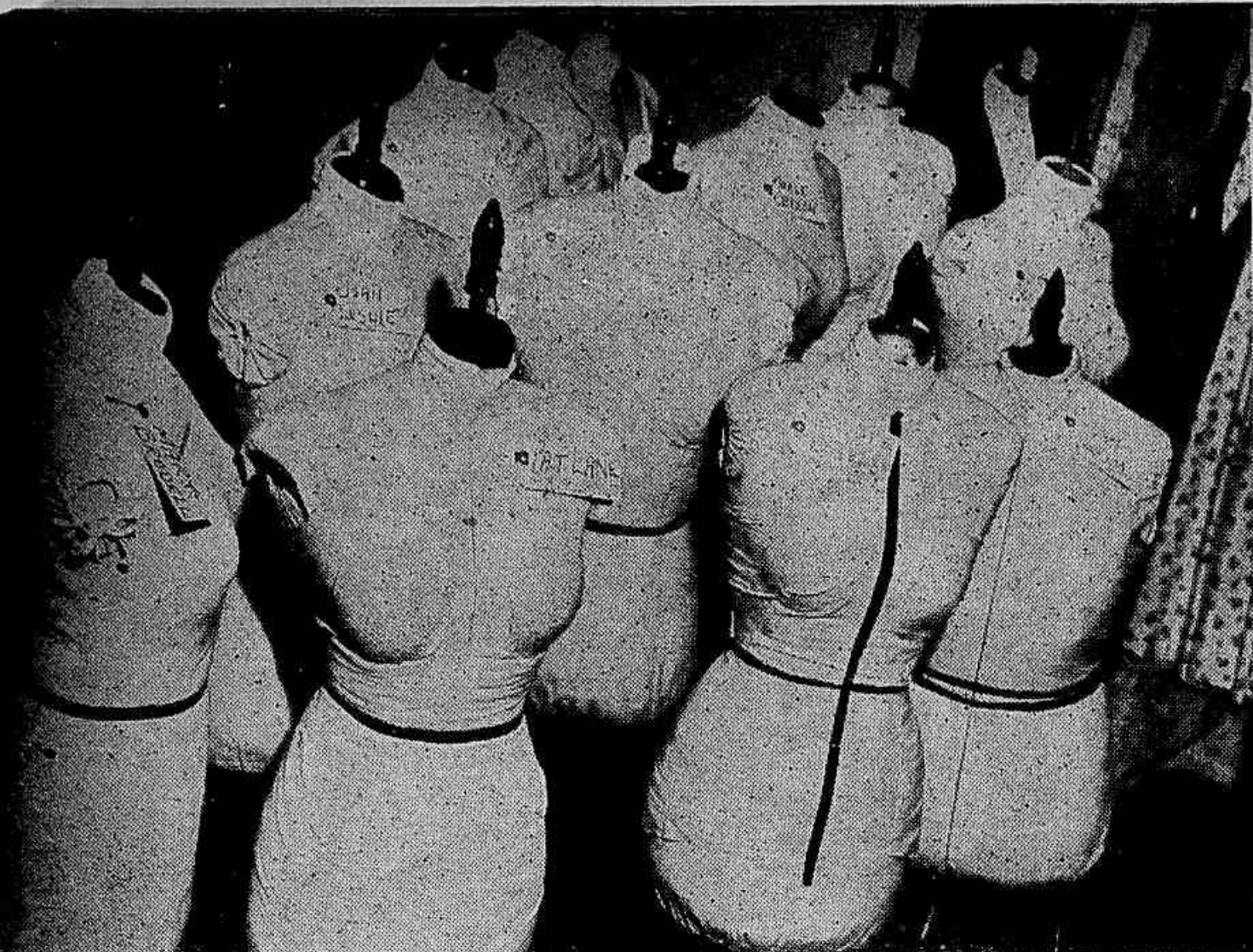
SABONETE

VALE QUANTO PESA

E' O IDEAL PARA O BANHO !

GRANDE · BOM BARATO

A' VENDA EM TODO O BRASIL



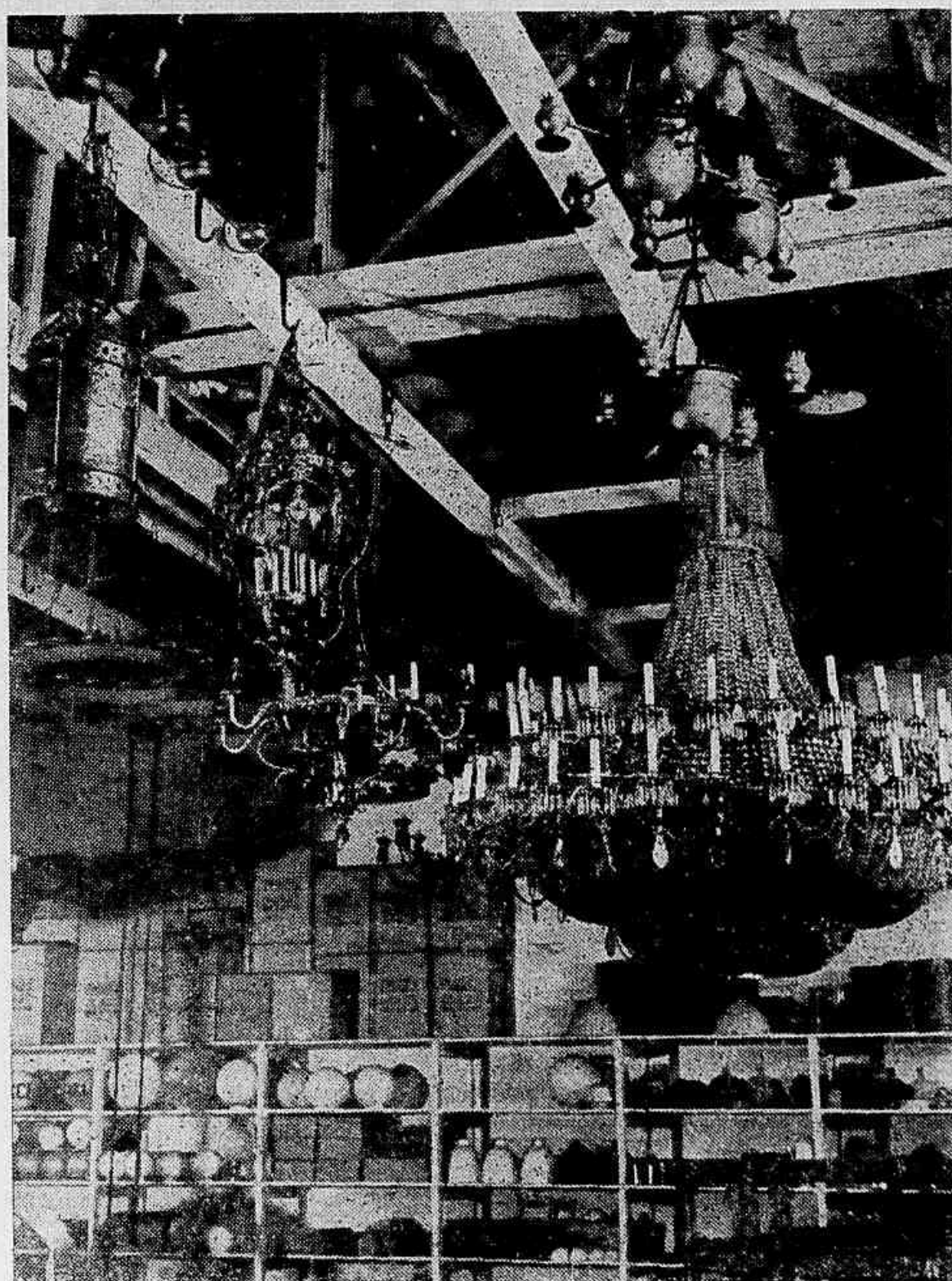
Manequins... Neste canto encontramos moldes usados para experimentar as roupas das atrizes. Entre as que aparecem vemos Patricia Lane, Mary Bro-dell, Betty Davis, Mary Astor, May Robson, Ann Sheridan e nosso guia, Miss Leslie. 4



Vestuário... Miss Leslie e suas hóspedes visitam a seção de roupas de guerra e admiram alguns dos milhares de trajes catalogados e conservados aqui. Ha uma fortuna em roupas armazenadas neste lugar onde si fôr pedido aparecerá um traje de qualquer período da história do mundo, em imitação naturalmente.

HOLLYWOOD

E' estranho que um dos lugares mais conhecidos do mundo tenha partes ignoradas. E no entanto existem caminhos ocultos na colônia do cinema onde os comuns Tom, Dick e Harry que veem procurar a fama nunca são convidados e que constituem território proibido até mesmo para as grandes atrizes. De fato, só tivemos notícia dessa região graças a Joan Leslie, estrela de 17 anos que habita aquela parte do firmamento de Hollywood coberta pelos estúdios da Warner Brothers. Seria impossível que Joan se transformasse em exploradora si não acontecesse que sua



Cortêjo... Podíamos escrever uma história dos transportes através dos artigos desta seção. Antigas carruagens são confrontadas com carros moderníssimos.

Lâmpadas novas e antigas... Esta seção do estúdio da Warner é dedicada a candelabros e outras especies de lâmpadas. A qualquer momento o encarregado dessa seção pôde fornecer o artigo necessário a uma sala de baile ou a uma piscina.

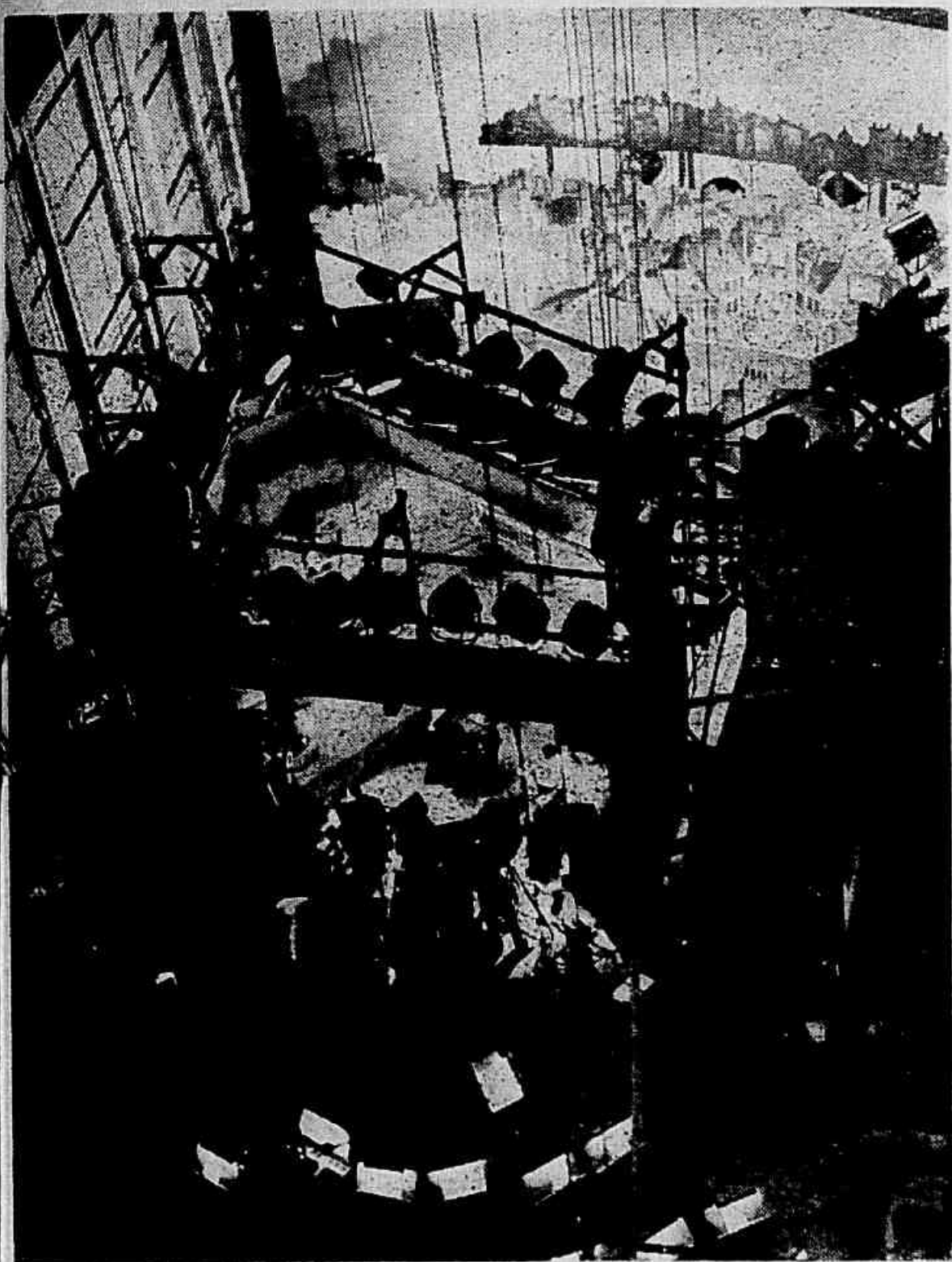
DESCONHECIDA

mãe, Mrs. Agnes Blondel e sua irmãzinha Betty fossem visitá-la e propusessem uma volta pelo estúdio. Assim, quando Joan obteve dois dias de folga entre dois filmes, deu-se a volta e a câ-mera acompanhou Miss Leslie e suas hóspedes.

As séries de fotografias que segue mostra o que existe por trás da cena na indústria cinematográfica, a quantidade terrificante de organização que existe por trás daquelas duas horas de divertimento pelas quais você paga um preço tão módico. Sabemos que *colossal* é uma palavra muito desperdiçada no mun-

Bustos... Uma "visão" da "seção" de "estatuária" chamada a sala dos notáveis onde se conservam os ornatos para um "set". Peça um Cesar, um Sócrates ou um Marco Aurelio e logo será satisfeito. Aqui também são feitas as fotografias das estrelas.





Na sombra... E aqui estamos na sala 7 Warner a mais larga que existe no mundo do cinema. Estamos na sombra enquanto uma bateria de lâmpadas focaliza um "set" em baixo. Na sombra conosco está uma orquestra que se ouve nos filmes, porém é raramente ouvida. Aquela cidade na distância é o cenário.

do de Hollywood, mas não seria exagerada se a aplicássemos ao que existe por trás das cenas, ao que se gasta na confecção dos filmes, em vez de relacioná-la ao filme em si mesmo. Entenderão melhor o que queremos dizer quando estudarem estas fotografias feitas em várias partes da gruta de Aladino que é o estúdio onde se faz um filme. *Dê-lhe um nome e será seu*", é a frase dos técnicos de estúdio. E provarão o que dizem se você pedir uma lâmpada do século XV ou um sorvete de *ice cream* do século XX.



Vestiário de mendigo... Um dos mais estranhos recantos de Hollywood e este em que trabalha Dick Moder. Ele prepara roupas sujas e rasgadas para os papéis respectivos.

Apresentação... A pequena que aparece aqui é Joan Leslie, estrela da Warner. Sua mãe Mrs. Agnes Brodel admira a cena enquanto a irmãzinha Betty registra o espanto. Esta fotografia foi feita na sala de armas do estúdio, onde se notam armas de todos os tempos.



Morgue... Miss Leslie toma a Sis Mom num compartimento do estúdio para terminar a volta. Milhares de cópias de filmes são conservadas aqui.

Livros Novos

MARABÁ, peça em quatro atos, em verso, de Stella Leonardos da Silva Lima — Rio de Janeiro, 1943.



Pôr em cena um personagem como Gonçalves Dias constitui empreendimento deveras melindroso e que a muitos comediógrafos experimentados e prestigiosos faria hesitar... Mas a mocidade, ou certa casta de gente moça não reconhece dificuldades — senão para as vencer. E' o caso da senhorinha Stella Leonardos da Silva Lima.

Esta poetiza, autora já de *Assim se formou a nossa raça* e *A grande visão*, representa um tipo admirável de juventude. Os seus primeiros versos, feitos antes dos quinze anos, surpreenderam, não só pela espontaneidade, mas também pela veemência expressiva. A autora se colocava decididamente fora da classificação de menina-prodígio. Debalde se procuraria, na fluência e graça dos seus versos, a nota propriamente infantil que, em casos de tal natureza, sempre transparece e se denuncia, como zombando do insofrimento daqueles talentos ainda em formação... Havia já ali qualquer coisa de vigoroso, adiantadamente primaveril, anunciando, sem dúvida possível, a riqueza e as galas do verão próximo. Depois, *Assim se formou a nossa raça* trouxe com a inspiração elevada e a destreza da execução, o conhecimento profundo do assunto entre histórico e lendário a que a senhorinha Silva Lima se abalançara. O outro poema: *A grande visão* ostentava ainda estudo mais acurado e preciosa cultura. E aqui temos *Marabá*, biografia teatralizada do cantor dos Timbiras, grandioso em tudo, até no desfecho patético do seu desaparecimento.

Marabá, que interpreta alguns episódios daquela vida de beleza e de infortúnio, desenvolve-se inteiramente em alexandrinos. Versos doutras medidas só aparecem em algumas recitações de Gonçalves Dias e nas trovas dum desafio madrigalesco entre estudantes. As próprias descrições dos cenários, teve a autora o capricho de as compor no metro augusto. Assim na rubrica inicial do segundo ato.

Maio de Portugal. Saveiros enastrado
de flores no Mondego, estudantes aos brados,
as côres do Brasil flamulando no mastro,
por entre aclamações, palmas, vivas, num rastro.

Um banquete depois, na Lapa dos Esteios;
grande caramanchel, no qual se avistam, cheios,
a pender dos tanchões, a enfeitar os sarmentos,
os cachos de uva rubra em bagos sumarentos,
e em baixo da ramada espessa da videira,
uma rústica mesa e bancos de noqueira.

E no terceiro ato:

São Luiz. Sala de estar. Uma escrava costura.
Pela porta do lado aparece a figura
de um rapaz sobraçando um belo ramallete.
A tesoura e o dedal tombam sobre o tapete
quando a negra o depara e o rapaz se aproxima...

Entre as passagens da peça destaca-se, naturalmente, pelo poder emotivo, aquela em que Gonçalves Dias e a sua amada reconhecem o impossível da sonhada união por ser ele marabá, mestiço, e a família dela se aferrar a orgulhosa intransigência. E a cena final, no camarote do *Ville de Boulogne*, desempenhada por artistas dignos de tal lance, sem dúvida produziria magnífico efeito teatral.

A senhorinha Silva Lima tem já no prélo as peças igualmente em alexandrinos: *Palmares*, "biografia de Castro Alves", e *Do rufar dos tambores*, "biografia de Olavo Bilac."

PAIXÃO DOS HOMENS, romance de Jenny Pimentel de Borba. — Rio de Janeiro, 1943.

A sra. Jenny Pimentel de Borba merece, como bem poucos cultores das letras, a qualificação de infatigável. Este louvor, que tão facilmente se confere, já por simpatia, já por irreflexão e ainda por não caber no caso mais elogioso adjectivo à autora de *Paixão dos homens* se aplica com verdade e justiça perfeitas. Quem assim a considere não lhe faz favor nenhum. E igualmente não procederá por generosidade ou lisonja quem lhe reconhecer dotes brilhantes e valiosos recursos de escritora.

A série ascendentemente impetuosa e cálida de *Mendiga de amor*, *Quarenta graus à sombra*, *Mormaço e Braza*, vem agora juntar-se no mesmo ritmo acelerado, *Paixão dos homens*. A arte da sra. Pimentel de Borba deve culminar nesta última produção. De certo ela não quererá ir mais longe no mesmo sentido passionai. Outros romancistas do gênero se satisfariam com muito menos. E o seu paramento de escritora, temperamento dinâmico como agora se diz, de alta e aguda vibração, ansioso de efeitos novos, de inéditismo, certamente vai entrar por outro caminho, além do mais, para variar.



A protagonista, mademoiselle Gee, correntemente M'm'-sel Gi, ou Gi tout court, representa uma d'esses tipos a quem Abel Hermant chamou "curiosas de amor", e por vezes se aproxima do modelo antigamente denominado "mulher fatal". Não está por isso isenta de amar de verdade nem de sofrer como qualquer de nós. A criadora não se preocupou, em verdade, com a definição psicológica da criatura. Atirou-a a um meio especialmente propício e deixou que ela evoluisse e se explicasse, a bem dizer, por si mesma. A ação do romance não obedece a um plano rigoroso, de episódios marcados e com a clássica afabulação. Tudo se passa entre seres impetuosamente levados pela vida. E a esse arremesso, que não raro assume a feição de rajada ou de voragem, essencialmente corresponde o estilo da romancista. A sra. Pimentel de Borba escreve como os seus personagens vivem: precipitada, febril, quasi delirantes, delirantemente. E, se o seu livro não está especialmente indicado para as mocinhas ainda no colégio, em compensação todas as pessoas adultas e emancipadas o poderão apreciar.

O BRASIL PRECISA DE ENFERMEIRAS, por Edméa Dezanne — Rio de Janeiro, 1943.

A sra. Edméa Dezanne, voluntária socorrista da Cruz Vermelha Brasileira, reúne neste volume os seus trabalhos de aula, do gênero a que os estudantes de Coimbra dão a pilhérica denominação de "sebenta" e que, castiçamente se designa por apostila. Para isso tornou atenta e caprichosamente as suas notas nas aulas dos mestres a quem proclama insigne: Dr. Artur Alcântara e Irmã Margarida. E' de ver, porém, que a simples tarefa de cópia não tornaria valioso e nem talvez aproveitável. Pela inteligência aplicada, de seguro poder apreensivo; a intuição veemente de assimilar os princípios, as noções capitais; o método laborioso de classificar as matérias, a cada uma dando o desenvolvimento necessário ou aplicando o mais conveniente sistema de condensação, de síntese; e finalmente pela clareza conseguida na exposição das doutrinas contidas no presente volume, por sua vez e com bastante dignidade a aluna se tornou mestra. Resta agora que as candidatas a enfermeiras estudem e anotem com o mesmo desejo sincero de aprender estas páginas escolares.



As matérias contidas no livro, além do hino, letra e música, da Cruz Vermelha Brasileira, e duma notícia da fundação da Cruz Vermelha, distribuem-se sob os seguintes títulos de agrupamento: Elementos de anatomia e fisiologia humanas — Socorros urgentes. Noções sobre o tratamento de doentes e feridos — Técnica dos curativos — Diversos — Orientação sobre tratamentos.

ENCANTAMENTOS, "poemas escolhidos", de Nabor Fernandes — Petrópolis — 1943

Ninguém sustentará que seja caso frequente, nas nossas letras, passar um livro de versos da primeira edição. O sr. Nabor Fernandes alcançou essa boa fortuna. Os seus *Encantamentos* — como ele próprio nos informa numa nota liminar — desapareceram rapidamente do mercado.

Eram, além do mais, obra de estréi. E assim, se neste momento um poeta se deve considerar de parabens é o sr. Nabor Fernandes.

Trata-se dum rimador à antiga, quer dizer: da escola antiga ou, antes da única.

Em geral, os seus versos observam os preceitos — e não aos preceitos, como, por artes do demônio, safu recentemente numa destas notícias — da boa da verdadeira arte poética. O seu gosto e a sua técnica chegam a armar dificuldades, pela certeza e o júbilo de as vencer, como em algumas composições de dissílabos e até de monossílabos. Não deixe, porém, outras vezes o sr. Fernandes de se dar um pouco de liber-



QUINA PETROLEO ORIENTAL

PERFUME RIVIERA



Fixa o penteado, dá vida aos cabelos, evitando o embranquecimento prematuro. Extingue a caspa e combate todos os parasitas capilares.

A' VENDA EM TODO O BRASIL

dade na métrica ou na disposição das rimas, como, por exemplo, ua página intitulada *Arranha Céu*:

No arrabalde da vida eu comprei um terreno
Da "Senhora Ilusão",
E mandei construir um edifício moderno
Para o meu coração.
Com a "Sorte" eu firmei um contrato estupendo.
Que vos passo a narrar:
Colocou fundações muito firmes e fortes
Que me dão esperanças
Das paredes um dia se elevarem aos céus
Das alegres bonanças.
O Edifício hoje em dia se alçou orgulhoso,
Sem temer outro igual!
Vão crescendo os andares, vão crescendo, crescendo,
Trinta e cinco ou quarenta? E contar quem os ha de?
Eu apenas os conto... Eu que os conto pensando
No compromisso vão que — ai de mim! — vim tomando
Com a Felicidade...



SAPUPEMA, contos amazônicos de José Potyguara — Rio de Janeiro, 1943.

O sr. José Potyguara oferece-nos neste volume dez contos regionais. Oferece-nos dizemos, no sentido de dádiva — e o presente é deveras apreciável.

Conhecedor como poucos das plagas amazônicas, da gente, dos costumes, dos panoramas e especialmente dos dramas do trabalho no seringal, nas terras de amanho, pelas lagoas e pelos rios, o escritor nos dá sempre uma idéia viva dos seus assuntos como nos apresenta, apanhados do real e indubitavelmente "parecidos" os seus personagens. A feição corrente das narrativas e a facilidade dos diálogos nos demonstram como tudo



aquele lhe é familiar ao espírito e bem amado do coração. Vindo para a grande cidade, o sr. Potyguara trouxe consigo as imagens daqueles rudes heróis e daqueles mártires obscuros. Na primeira história, a luta de dois homens, pai e filho, contra o tumulto e a truculência duma enchente e em que o moço, quasi criança ainda, desaparece, vencido pelas águas em cachão, assume alta e singular expressão patética. Em *Alagação* ha um espectáculo diluviano que nos enche a imaginação, nos obriga a colaborar nele, caminhando ao lado do caboclo Chico Reinaldo, pobre perseguido do destino, boneco animado pela fatalidade. Outros trabalhos, porém, encerra casos divertidos, pitorescas anedotas. A vida a bordo dos "gaiolas com emigrantes ingenuos, jogadores aladroados, efusivos caixeiros viajantes, ricações de fanceria e conquistadores baratos; as aventuras de viagem e de caça, em que os naturais da terra gosam a ignorância e o desaso dos doutores da cidade; as cerimônias e festas nos cafundós do mato; as cenas de namoro, por assim dizer, primitivo; as fanfarrônicas, as gabarolices,

as mentirolas — toda a possível farsa sertaneja se insinua por entre as páginas violentas ou dolorosas de *Sapupema*, livro que tanto vale pela espontaneidade inventiva quanto pela flagrante e intensa interpretação da verdade.

NOS BASTIDORES DA PUBLICIDADE, por Ary Kerner — Rio de Janeiro — 1943.

Este livro traz um subtítulo deveras necessário por que, sem ele, o seu conteúdo se tornaria suspeito, pouco atraente pelo menos. Graças a tal precaução, ficamos sabendo que o volume encerra, não historietas da praça e pretextos para reclamos mas sim, "Revelações sensacionais sobre os segredos e requintes da publicidade política comercial e individual."

Um personagem de R. de Flers e G. A. de Caillavet, depois de recapitular a sua vida de luta pela notoriedade e a fortuna, especialmente a sua carreira de jornalista, acaba declarando que, como homem de letras, adotou o unico gênero graças ao qual ainda nos nossos tempos se podem ter idéias próprias, convicções e estilo: a publicidade. O sr. Ary Kerner, nesta espécie de tratado ou ensaio, sobretudo se vale da imaginação. Começa por nos demonstrar — e cada escritor ou filósofo prova as coisas à sua maneira, bem entendido! — como a própria natureza nos dá a cada momento lições da ciencia que ele professa. O regato, chalhando entre as pedras; o pássaro garganteando ao alto das ramarias, realmente anunciam: aquele a sua limpidez e frescura, este a sua graça musical. Chamam a atenção de quem vai passando para as suas virtudes, a sua superioridade pelo menos em relação às águas paradas ou turvas, às aves não canoras ou sem virtuosidade; e dalgum modo, portanto, tratam dos seus negocios. Assim o autor raciocina e discorre no capítulo inicial. Passa depois à "Publicidade na Historia"; e sucessivamente, com rigoroso cuidado sistemático, da "Publicidade comercial", da "Publicidade individual" e, por fim, da "Filosofia da publicidade". A linguagem é sempre singela, sem pretensões, mas clara e insinuante. Qual-



quer pessoa lerá com interesse este livro por onde se espalham, já os traços de observação ou reflexão pessoal, já as citações tendentes a provar não só as vantagens como a condição imprescindível da publicidade. A obra do sr. Kerner deve ter largo êxito; e para o caso provável de se esgotar e ele resolver dar segunda edição, poderá acrescentar-lhe ao elemento erudito a frase célebre de Chateaubriand: "O proprio Deus precisa dos sinos."

J. L.

HENRIQUE FONTES — LACERDA COUTINHO — Edição do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda — Florianópolis — 1943.

Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, Henrique Fontes reuniu em volume um a sua conferencia no citado Instituto e varias poesias do dr. José Candido de Lacerda Coutinho, seu conterrâneo ilustre cujo centenário natalício se achou condignamente celebrado tanto no seu Estado natal como no Rio de Janeiro. Precede o livro, de nitida impressão, uma explicação do dr. Gustavo Neves, diretor do D. E. I. P.

A conferencia de Henrique Fontes é excelente resumo da vida de Lacerda Coutinho e de sua obra poetica e cultural de nota erudita.

Vindo ao Rio de Janeiro, a curso medico que completou, Lacerda Coutinho conseguiu tornar-se conhecido na imprensa carioca na qual colaborou a descoberto ou por meios de numerosos e pitorescos pseudonimos.

Coadjuvado por amigos, "desse que não andam a invejar-se", conforme diz Henrique Fontes, agradecido aos subsidios fornecidos por aqueles amigos, conseguiu ser ótimo conferencista — biografo ao traçar toda a vida do biografado e o faz com precisão de conceitos, segurança de dados e boa linguagem, e isso tudo não é para qualquer conferencista. Um estudo minudente acerca de Lacerda Coutinho não poderá dispensar o livro de Henrique Fontes.

E. D.

AGUA TONICA DE QUININO



N O bar, nas varandas do hotel, nas praias, nos clubes, nos navios entre os momentos de vida esportiva e de vida mundana, a AGUA TONICA DE QUININO é a bebida predileta. Simples ou misturada com GIN DUBAR, nessa composição esplendida que é GIN TONICA.

UM PRODUTO DA

ANTARCTICA

A. 203

CONTINENTAL

ESCRAGNOLLE DORIA

CENTENARIO DE HAHNEMANN

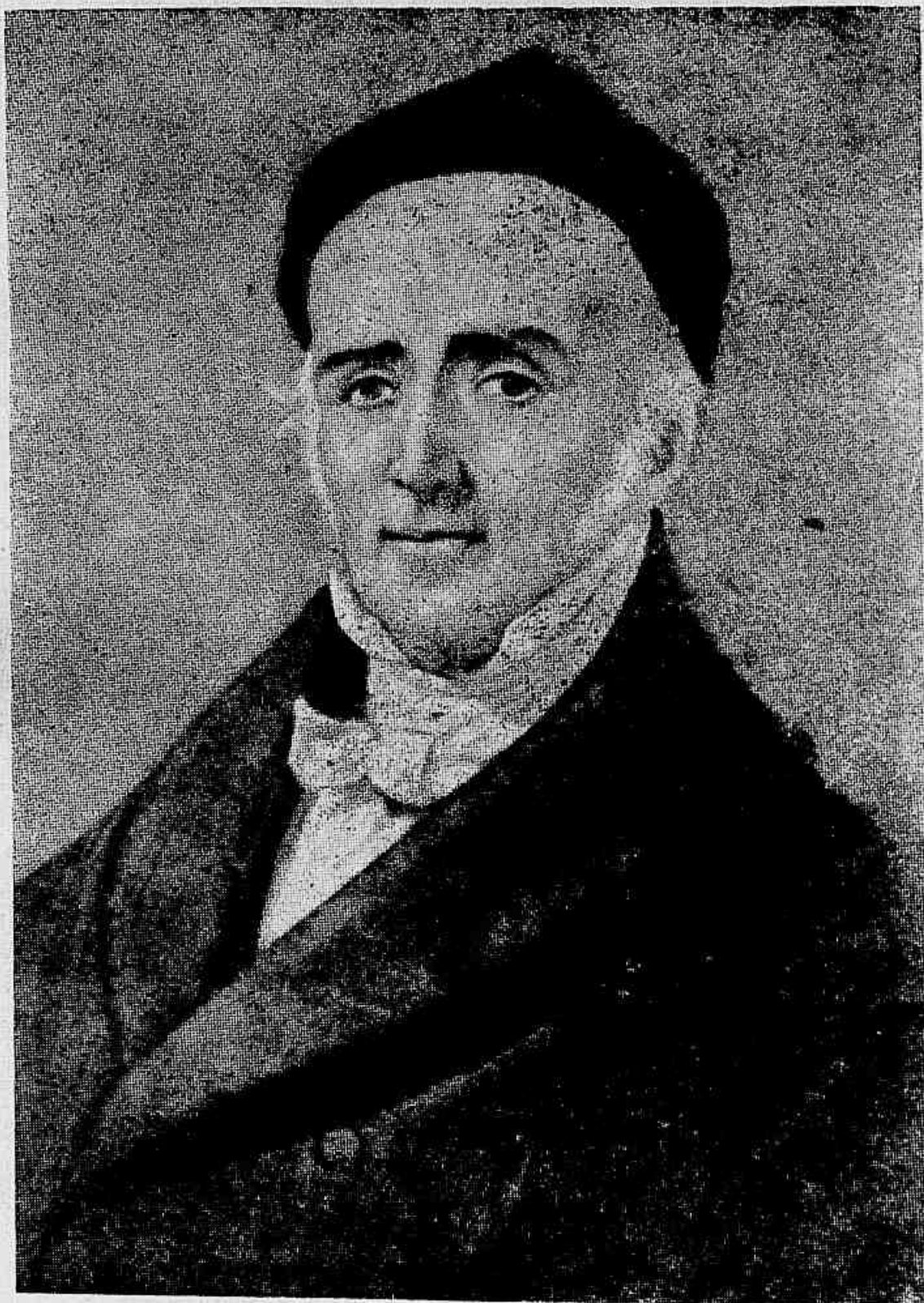
O corpo humano, e mesmo o do ultimo inseto, é maquina de inerivel perfeição. No corpo humano todas as descobertas, toda ciencia da mecanica mais transcendente encontram applicação. Mesmo no vasto campo das hipoteses não se acha o que ajuntar, suprimir, melhorar na maravilhosa obra.

Palavras de autoridade medica e da experiencia de trinta anos de exercicio clinico por parte de Poumies De La Sibontie nos *Souvenirs d'un Médecin de Paris*, livro de vivo interesse para a Historia da Medicina e bem assim para a Historia de França pelo lado anedotico, informativo e inedito.

A obra maravilhosa é formada, ainda segundo o dr. Poumies, por ossos de sustento ao edificio do corpo humano, por nervos dos quais parte o movimento, por musculos que o executam, por vasos sanguineos portadores de vida ao organismo inteiro, enfim por orgãos com esfera, vida e funções proprias.

Maravilhosa em geral, salvo na teratologia, a obra do corpo humano se vê constantemente ameaçada por inumeros males. A saúde inestimavel bem, mas sobremaneira precario. E' vitima do que cada um dos seus possuidores não pode ou não quer evitar, dos grandes flagelos epidemicos ou endemicos aos ataques sorrateiros, inopinados ou violentos do infinitamente pequeno passivel do campo da microscopia para exame ao qual não raro se furta a microbiaria vanda a e mortal depois de cruel.

A medicina e a cirurgia, do mais alto da antiguidade até hoje, entre avanços e recuos de ciencia ou de arte, tratam de preservar a obra maravilhosa do corpo hu-



Samuel Hahnemann

mano. Acodem-lhe aos estragos, protegidos os organismos são pela higiene, aliviados ou salvos os enfermos pela terapeutica e pela cirurgia atenta está á asepisia e á antisepsia, no combate a microbios designados ás vezes por nomes bonitos enfeitando até em latim terriveis inimigos da integridade vital.

Para defesa da obra maravilhosa do corpo humano os avanços da ciencia foram descobrindo novas armas, como as fornecidas pela serumterapia, pela opoterapia, pela bacteriologia, sem esquecer o que a semiologia deve aos raios X, á radiografia e á radiosopia.

Mas se tudo isto, e mais e mais, surge em defesa da obra maravilhosa do corpo humano o intuito de acudir-lhe tambem divide opiniões científicas. Está explicada em medicina a formação de Escolas. Estas para propagação e sustentação de teorias supõem chefes e adeptos. Como as artes plasticas, a filosofia, etc, a medicina conhece Escolas no seculo a seculo da humanidade pensante, isto é a minoria da mesma humanidade.

O melhor titulo da medicina é a sua antiguidade, já de tantas Escolas, já com juramentos medicos, já com preceitos deontologicos vigentes até hoje, se nem sempre observados. Assim o de nunca dizer ao enfermo o seu risco de vida, preceito, tambem imposto pela caridade cristã embora ninguem possa escamotear a hora da morte. Adial-a é tentativa da medicina e da cirurgia.

Desde noite de tempos remotos as Escolas se degladiavam no campo da medicina em cuja historia os nomes medicos e os processos de curar superabundam.

A' medicina do seculo XIX, tido por das luzes, sopradas pelo seculo seguinte, não podiam faltar Escolas, embora Celso existente assaz antes de nós, no seculo de Augusto, tenha observado que o medico se forma pela experiencia, não pela discussão

facilmente envenenavel, os contendores, irritados ou furiosos, ficando por fim do seu proprio parecer.

Ao recapitular as lembranças do seu curso medico, o dr. Poumiers nos mostra Bronssais atacando sem dó quanto mais piedade o veneravel Pinel, ao qual muito devem os loucos, por tanto tempo rudemente maltratados, com o desconhecimento do que de sensibilidade lhes pôde restar n'alma da qual a razão se evadio para tornar ás vezes pelos momentos lucidos.

Entre as doutrinas medicas do seculo passado figura uma atacada, como outras, teorias pela regra geral da contestação. Trata-se da homeopatia á qual oferecia velha peleja a alopatia. Como todos sabem, portanto não nos sendo licito ignorar, a homeopatia de base na lei da similaridade trata as enfermidades servindo-se de agentes capazes de provocar uma afeção semelhante áquela que se deseja debelar; a alopatia tratando doenças por meio contrarios á natureza das mesmas.

E' nobre abraçar uma doutrina sem por isso desdenhar da contraria. Assim tem feito homem de grande responsabilidade científica, um Hallion, da Academia de Medicina de Paris, um Dejust, do Instituto Pasteur, procedendo a exame critico da homeopatia. Ao faze-lo lembrou-se Dejust da lei de similitude entrevista por Hipocrates e sancionada pelas descobertas de Pasteur, o Bemfeitor.

Seja agora dito que Caso a homeopatia queira divisa latina talvez pode chamar a si o *vires a quirit eundo* assegurando que o caminhar aumenta as forças da Fama.

Por prova não são bastantes os paizes nos quais a doutrina homeopatica é acolhida e ensinada, nos Estados Unidos, onde Boston mantém curso de ensino mixto aos patico-homeopatico, na Alemanha com cadeiras de homeopatia nas Faculdades de Berlim e Francfort, no Mexico onde a homeopatia se acha oficialmente ensinada. Da lista se não excluem a Suecia, a Holanda, a Russia, a Espanha, a Italia e a Argentina.

No rôl dos grandes homeopatas dos Estados Unidos, á testa de mais de quinze mil facultativos de Nova York, Chicago, e Filadelfia, figuram um Richard Hughes, um Ruddok e uma Madame Tylee representante do seu sexo na medicina hahnemanniana.

A Inglaterra acompanha os Estados Unidos e apresenta os estudos de Carrol Dunhan, Farrington, Nash, Allen Thymothy, Allen, H. C. autor do consultado *Key-notes*.

Aos que sem nenhuma razão, ou titulo podem tomar partido é entretanto permitido pensar que numa doutrina praticada em tantos paizes, estudada a fundo e preconizada á serio por tanta gente ilustrada deve haver motivo para consideração sobre apreço, ouvida tambem a vós dos enfermos aliviados ou curados por tratamento exclusivo de qualquer outro.

Do contrario força será chegar á intolerancia de Bouillaud ao declarar que se visse curas operadas pela homeopatia nelas não acreditaria, difficil tambem acreditar que isto fosse dito por um professor da Faculdade de Medicina de Paris, por um descobridor celebre, qual o das relações entre as doenças cardiacas e o reumatismo articular agudo.

Outro sistema terapeutico combativo foi a dosimetria tão preconizada por Borggraeve, applicando medicamentos granulados contendo só os principios ativos das substancias medicamentosas.

Homeopatia e dosimetria têm anais no Brasil, eles de muitas paginas no Rio de Janeiro. Aqueles anais registram polemicas entre alopatas e homeopatas, destes um ou outro mais aceso em cólera indinamisada tal a intolerancia do adversario.

A dosimetria praticada no Brasil, sobretudo no Rio de Janeiro, dá lembrança aos nomes de João Raymundo Pereira da Silva, João Batista de Lacaille, José de Góes e Siqueira e Alfredo da Rocha Bastos.

Entre nós a homeopatia sobreleva entre grandes nomes, os de Bento Mure Saturnino Meirelles e Joaquim Murinho, nem por isso deixando em olvido no outrora os de João Vicente Martins, Mello Moraes Pac e Emilio Gerson fieis ao hahnemanismo puro e resistindo ás tentativas de modifical-o por parte de Duque Estrada Coutinho, Maximiano Marques de Carvalho e outros evolucionistas.

Em 1840, por Bento Mure, entrou o Rio no conhecimento e na aceitação da homeopatia. Na primeira cidade do paiz foram surgindo boticas, não se dizia ainda farmacias, casas de saúde, livros, imprensa, institutos homeopaticos. Saturnino Meirelles obteve enfermaria na Santa Casa da Misericórdia para tratamento homeopatico, enfermaria á testa da qual o antigo alopata esteve de verdade por mais de cinco lustros.

Esta rapida e de certo muito deficiente noticia venha a memoria quando em 1943 transcorre o primeiro centenario de morte do fundador da Homeopatia Cristiano Frederico Samuel Hahnemann nasceu a 11 de Abril de 1755 na Saxonia Meissen, cidade á beira do curso do Elba. De berço em pleno seculo XVIII, uma vez medico, Hahnemann clinicou na Alemanha, na Austria, em França onde veio ter otogenario. O dr. Poumiers, que lhe era infenso, a 15 de Setembro de 1835 foi um dos ouvintes da sessão publica na qual Hahnemann encarregou discipulo seu de lêr agradecimnto ao governo francês por lhe permitir professar publicamente a sua doutrina na patria de sua segunda esposa.

Poumies vio então Hahnemann e assim o retratou: estatura mediana, rosto pouco expressivo, olhos embaciados e fixos, fronte baixa e deprimida. No retrato talvez seja preciso dar dous descontos, o da velhice e o da antipatia do colega simpatico ás doutrinas de Gall. Pretendia este ser possivel reconhecer pela configuração craneana varias disposições intelectuais e morais do homem e dos animais. Salvo erro, a frenologia viveu e só se a lembra quando algum se refere a certas vocações patenteando bossas, a da pintura, a da matematica, a da musica, sem excluir a da ladroeria de bossas sem conta de geração em geração.

Outro retrato de Hahnemann é da pena de coevo illustre e com este colorido de estilo: "a 4 de Abri em um baile da baroneza Gicili na Carvajal, vi pela primeira vez este celebre Medico, chefe dos homeopathicos. Ha realmente singular este homem. Tem 82 annos, baixo, grosso, mas agradável. Explica-se com muita dificuldade em Francez. O seu vestuario ha mui fóra do ordinario. Achava-se metido num roupão forrado de pelles, na cabeça um barrete de philosopho de forma judaica. Parecia realmente uma daquellas pinturas da Escola Flamenga que tanto admiramos.

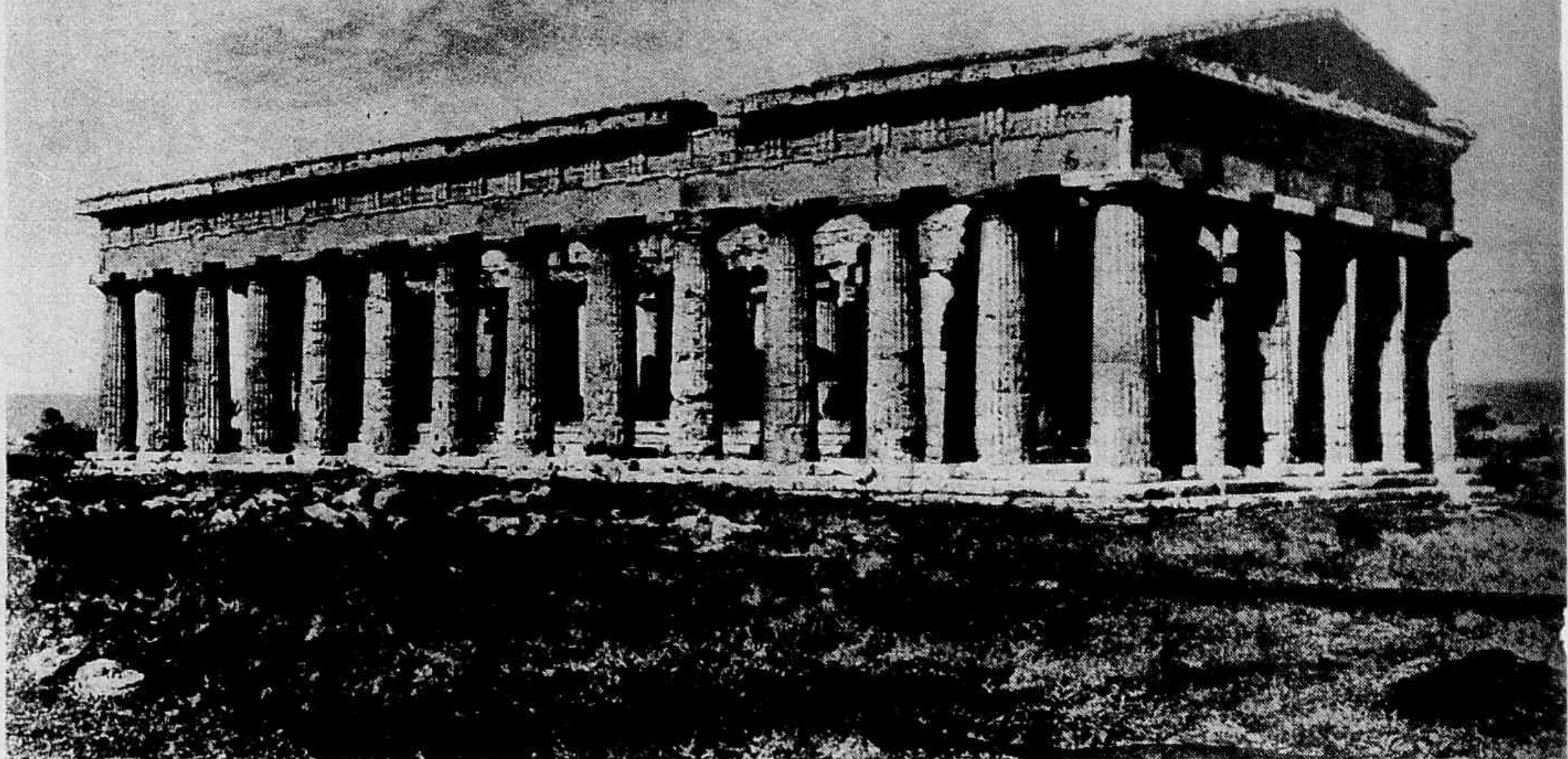
Elle casou ultimamente com moça Franceza de 23 ou 24 annos, o que deu a Mr. Desgranges ensejo de dizer, ao pé de mim, que o sys.ema a homeopathico tambem se applicava ao amor e ás suas dinamisções.

Hahnemann teve a ventura de viver em época na qual se não considerava a longevidade um estorvo social, honrada ainda a mesma como nos povos da antiguidade, na Grecia e em Roma sem esquecer a China onde os maiores não tidos por menores. Gente toda atrozada, mas que ficou na Historia por figuras inapagaveis e insubstituídas, ótimo no caso o primeiro adjetivo, se pessimo o segundo.

Otogenario, Hahnemann ainda era convidado e ia a bailes, com liberdade de trajas sem duvida em atenção a peso de idade, concedendo regalias. A tesoura do alfaiate, até pelo preço pode distinguir-se ao talhar roupas, mas a bonifrates jámais dará gloria e reverencia.

A 2 de Julho de 1843, em Paris, Cristiano Frederico Samuel Hahnemann succumbia, sepultado no cemiterio *Montmartre*. Neste, embalsamado, jouve por bastante tempo até ser trasladado para a necropole do Pere Lachaise. Deu-se-lhe ai tumulo vistoso, de busto á frente, erguido por subscrição de amigos e admiradores, tais se confessando em inscrição no marmore. Mas na memoria da humanidade uns tantos nomes se gravam para sempre sobretudo a poder do bem.

Tapete Mágico



Quando a horda de bárbaros se despejou, há dois mil anos, sobre as civilizações antigas, o que escapou á sua sanha atravessou os séculos e serviu para mostrar aos nossos dias os claros cimos espirituais a que haviam atingido os homens pretéritos. Contra os céus do Mediterrâneo, a brancura dos mármore dos templos e das estátuas ficou atestando para sempre — para sempre? — o alto sentido de beleza, de equilíbrio e de harmonia da obra do passado. As ruínas modernas que esta guerra está deixando para a futura humanidade, resíduos de fábricas de concreto, blocos de construções coletivas, desmoronados espigões de arranha-céus desafiando as bombas e os canhões — que idéia darão da nossa hora presente? Contemple-se esta maravilha de linhas clássicas do templo de Netuno, em Pesto, e corra-se o olhar pelo que sobrou da destruição de Stalingrado, por exemplo, e teremos, nesse confronto breve, uma fonte de melancólicas sugestões. Outras guerras virão, outras ruínas se hão de seguir, e o mundo chamado da mais alta civilização da história vai sumindo e deixando retalhos de sua sobrevivência bem longe de se poderem comparar com o que o passado nos legou, até o advento desta luta de totais destruições.

Paul Chabas... Ele amava os recantos quietos nas enseadas verdes da costa da França. Manhãs frias de princípio do outono, tardes de dourados céus boiando na água tranquila. Suas banhistas trazem sempre, como esta, um "frisson" de águas tocadas já de leves arrepios, um convite ao aconchêgo das peles fêlpudas e suntuosas da estação nova.



Nas montanhas de Hardanger, em pleno coração tranquilo da Noruega, estas felizes camponêsas se ataviavam ainda até bem pouco, com os seus tradicionais vestuários vistosos e alegres, que eram uma verdadeira festa para os olhos turistas. Até quando terão elas de meter, no fundo das velhas arcas que escaparam á sanha do invasôr, estas belas roupagens que valem por todo um poema de venturas simples?





NOSSA TERRA

A "bahiana" vai correr mundo nos filmes de Walt Disney

OS ARTISTAS E OS FOTOGRAFOS DA BAHIA MOBILIZADOS PARA A FIXAÇÃO DO TIPO AUTENTICO — UMA FIGURA REGIONAL QUE SE MANTEVE IMUTAVEL ATRAVES DOS TEMPOS — A PRETA DO ACARAJE IRA A HOLLYWOOD LEVANDO CONSIGO O AMBIENTE DAS LADEIRAS E DAS CASAS ONDE MORARAM AS IAIA'S

DE EVALDO SIMAS PEREIRA — FOTOS DE VOLTAIRE

(Distribuido pelo Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda, especial para REVISTA DA SEMANA)

O homem impar do cinema acaba de endereçar um convite à *Bahiana* para ir a Hollywood. Este é talvez, o mais curioso encontro que ela vai ter, desde a sua vinda para terras brasileiras. E chegará à cidade dos sonhos representando um elemento da formação social do Brasil.

Eis uma glória inteiramente desconhecida para a *bahiana*. Hoje, o país inteiro a reverencia, através de musicas e de estilizações, e o cantico saudoso dos longínquos tempos de Africa está com o *gêge* deturpado e ameaçado de desaparecer, porque a geração nova está traíndo a tradição, deixando o tórso para mostrar a carapinha espichada a ferro. Os batuques estão sendo substituídos pelos clubes e quasi que só as pretas velhas estão mantendo os habitos e costumes antigos, nesta época de berrante glorificação da *bahiana*. Antes, era estudado o seu gesto despreocupado e profundamente humano no papel de mãe preta, cantadas as suas desventuras na escravidão, gabados os engenhos quituteiros na alquimia picante dos azeites, de tantas influencias dietéticas...

Existe, entretanto, sobreviva a todas as mutações, a *bahiana* autêntica, que manteve, através dos seculos, uma personalidade indiscutível. Esta personalidade se afirma nas mesmas batas de renda, nos mesmos panos da Córta, nas mesmas saias engomadas, nos mesmos tórso vistosos, nas sapatinhas de salto que ainda retinam nas ladeiras de Salvador nos mesmos dias de festas, nos mesmos dias de réza, ou no mesmo pregão de há duzentos anos.

Os tempos mudaram. Mas as *bahianas* ainda veneram Senhor do Bonfim, ainda vão lavar seu templo e sambar na Ribeira. Ainda descem a ladeira da Conceição no dia 8 de Dezembro, porque é o dia de Nossa Senhora da Conceição da Praia, e oferecem os mesmos quitutes nas imutáveis e pitorescas barracas, onde se ouvem os berimbáus e se assistem às lutas dos capoeiras. Ainda rezam nos mercados da Baixa dos Sapateiros no dia de Santa Barbara, se regalam com muita comida nas festas dos *Dois Dois*, e jamais se esqueceram de presentear Yemanjá, a Rainha das Aguas.

Os tempos mudaram. Os senhores de engenho, os donos de escravos, os marotos do comércio e os fazendeiros já não dão mais pulseiras de ouro e barangandans de prata. A desventura trouxe-lhes a visita do antiquario esperto e encheu-lhes o baú de folha de cautêlas do penhor. Hoje, são as brancas chiques que usam seus enfeites. Mas elas estão satisfeitas com os colares de corál, os galhos de arruda e as figas para espantar o mau olhado.

Os tempos mudaram. O Terreiro de Jesús está asfaltado, mas a *bahiana* ainda está lá com seu taboleiro, como está na Misericórdia, no Taboão, no começo da Montanha e na Barroquinha...

A cidade cresce. As ruas novas e os bangalôs modernos empurram para cada vez mais longe os *terreiros* dos pais de santo. Mas não é difícil se ouvir, pros lados de São Caetano, o som dos agôgôs e a surda cadencia dos atabaques. Como é verdade que elas vendem mingáus e cúscús de manházinha, mercadejam o dia inteiro e anunciam os acarajés sonoramente, à noite, como na musica de Caími, e é verdade tambem que se pôde ouvir, no meio do bruáa da Bahia néva junto dos arranha-céus,

Em cima: — São as pretas velhas que mantêm as tradições, que não deixam as batas rendadas e se enfeitam com os colares de corál, as pulseiras "escravas" de ouro puro e jamais trocam o traço característico pelos figurinos occidentais.

Em baixo: — Com o taboleiro e o tamborete, a "bahiana" marcha satisfeita pelo caminho do Bonfim, com destino à Ribeira, para a grande segunda-feira da festa.



A' esquerda: — Despreocupação de quatro tipos de "bahianas"... A' direita: — Ei-la no comercio, sentada á beira da calçada, taboleiro cheio, com os quitutes e os arranjos tentando os passantes, depois que o primeiro freguez a "Benzeu".

entre a multidão apressada e o ruído do progresso, a invocação ao santo, pedindo o primeiro freguês, exatamente como há tantos anos os nossos avós ouviram.

São Francisco, Meu Pai,
Quem me benze?...

Quando Walt Disney esteve no Brasil á procura de características peculiares brasileiras, já conhecia a *bahiana*. Sabia da sua existencia pela letra de quanto samba ouvira e pela escandalosa roupagem estilizada da menos bahiana das brasileiras — Carmen Miranda. Talvez tivesse visto mesmo alguma *bahiana* em qualquer festa e se surpreendido por não encontra-las á solta, pelas ruas do Rio de Janeiro. Mas, quando levou consigo o primeiro dos escolhidos, o nosso muito amigo Zé Carioca, sentiu que não podia dispensar aquela expressão tão nacional do Brasil. E mandou o convite de Hollywood.

Mas não foi assim, não. A *bahiana* não era só ela. Tinha de arrastar todos os elementos componentes do quadro, que são o sol dos trópicos, a beleza imensa da Bahia de Todos os Santos, as ruas de Salvador, as reliquias dos tempos coloniais, as igrejas e as ladeiras, os apetrechos de sua arte miraculosa, o banquinho, o fogareiro, o abanador, o taboleiro...

Uma verdadeira equipe de artistas, mobilizada pelo Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda, está hoje surpreendendo a *bahiana* onde quer que esteja e fixando-a nos momentos mais naturais de sua vida simples, para que possa aparecer em Hollywood na inteireza dos seus hábitos e na beleza viva da tradição que ela representa. Enquanto isto, fotografos, pintores e intelectuais estão compondo o ambiente e procurando descrever fielmente os costumes trazidos de tão longe e conservados há tanto tempo.

O anfitrião magico da cidade dos sonhos está esperando todo este material para fazê-lo viver, no esplendor de suas cores, num filme technicolor sobre a Bahia, e o trabalho parece que se converterá no documentario mais abundante para a fixação em imagem e cor da *bahiana*.

Aqui está ela, em todos os seus tipos, nas centenas de fotografias já prontas para irem para Disney. Vêmo-la nos grandes dias, toda enfeitada, de chale e de *voltas*, pronta para a procissão ou para o samba. E também nos dias de trabalho, a pleno sol, sentada tranquilamente nas calçadas, em comércio. Aqui estão as *mães de santo* e as *filhas de santo*, distinguidas pela cor dos chales e a pudicícia dos olhares.

Caleidoscópio de novidade, de detalhes curiosos. A *bahiana* de taboleiro á cabeça nas ruas. Sentada no banquinho defronte do taboleiro apoiado

num cavalete, atendendo a alguém que a chamou. *Bahiana* de todas as sôrtas, das que vendem, das que têm barracas de comida, das que fazem acarajés á vista do freguês, *bahianas* mais pobres que as suas pobres companheiras, que nem têm os trajes, mas guardam a herança culinaria da raça...

Outras fotografias nos evocam cenas desta velha cidade de Tomé de Souza. A Igreja de Nosso Senhor do Bomfim, vista de longe e de frente, vista nos dias de sua festa, com a *bahiana* como figura central, a *bahiana* e seus companheiros de rua, vendedoras de *medidas* do santo, de imagens e de preces, de medalhas e de terços na escadaria do templo. Está fixado cada um dos elementos indispensaveis da vida da *bahiana*: o fogareiro típico, o banquinho, o taboleiro, o abanador, a colher de páu, a panela de barro, como os quitutes, o feijão ralado do acarajé, o quiabo do carurú, a folha do éfó, a massa do vatapá, o milho de pimenta e de dendê, o amendoim, a cocada, a *amoda* e o pé-de-moleque...

A *bahiana* dominando no Carnaval, as verdadeiras e as falsas. A *bahiana* dia de São João, a cangica e a pamonha. Os balões, os fôgos e as fogueiras. Com a *bahiana* vai também um pedaço de vida da Bahia, fixado nas casas grandes que ainda estão de pé lá pros lados de Brotas, com suas varandas verdadeiramente coloniais, os seus portões e as suas grades de ferro. Artistas estão reconstituindo azulejos antigos, imagens e nichos, uma preciosa bagagem que a *bahiana* levará a Hollywood, para encher de admiração os olhos de todas as platéias do mundo...



Um verdadeira "natureza morta" é esta fotografia, fixando os quitutes da bahiana, um carurú, um vatapá e um "arroz d'aussá", na panela de barro em que são preparados.



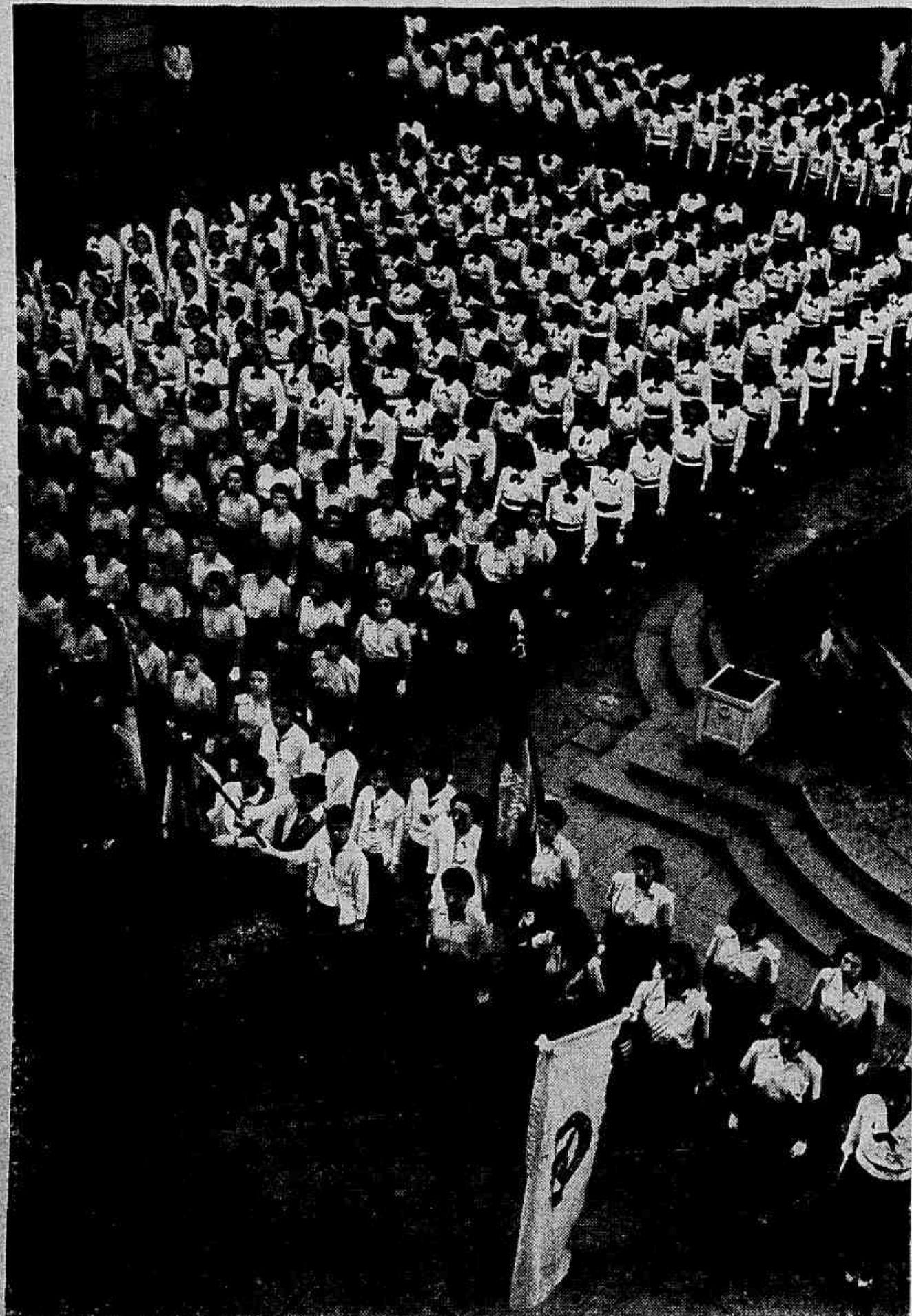
O prof. Celso Kelly, em brilhante discurso, saúda o general Penaranda em nome do Instituto de Educação.



O prof. La-Fayette Côrtes, diretor do Instituto La-Fayette, proferindo vibrante saudação ao presidente boliviano, em nome do educandário que dirige.



Acompanhado pelas altas autoridades, o presidente Penaranda chega ao Instituto de Educação.



Aspecto parcial do pátio interno do Instituto de Educação, vendo-se, confraternizados, alunos desse estabelecimento municipal de ensino e do Instituto La-Fayette, cuja bandeira desce em continência ao presidente da Bolívia e à sua luzida comitiva.

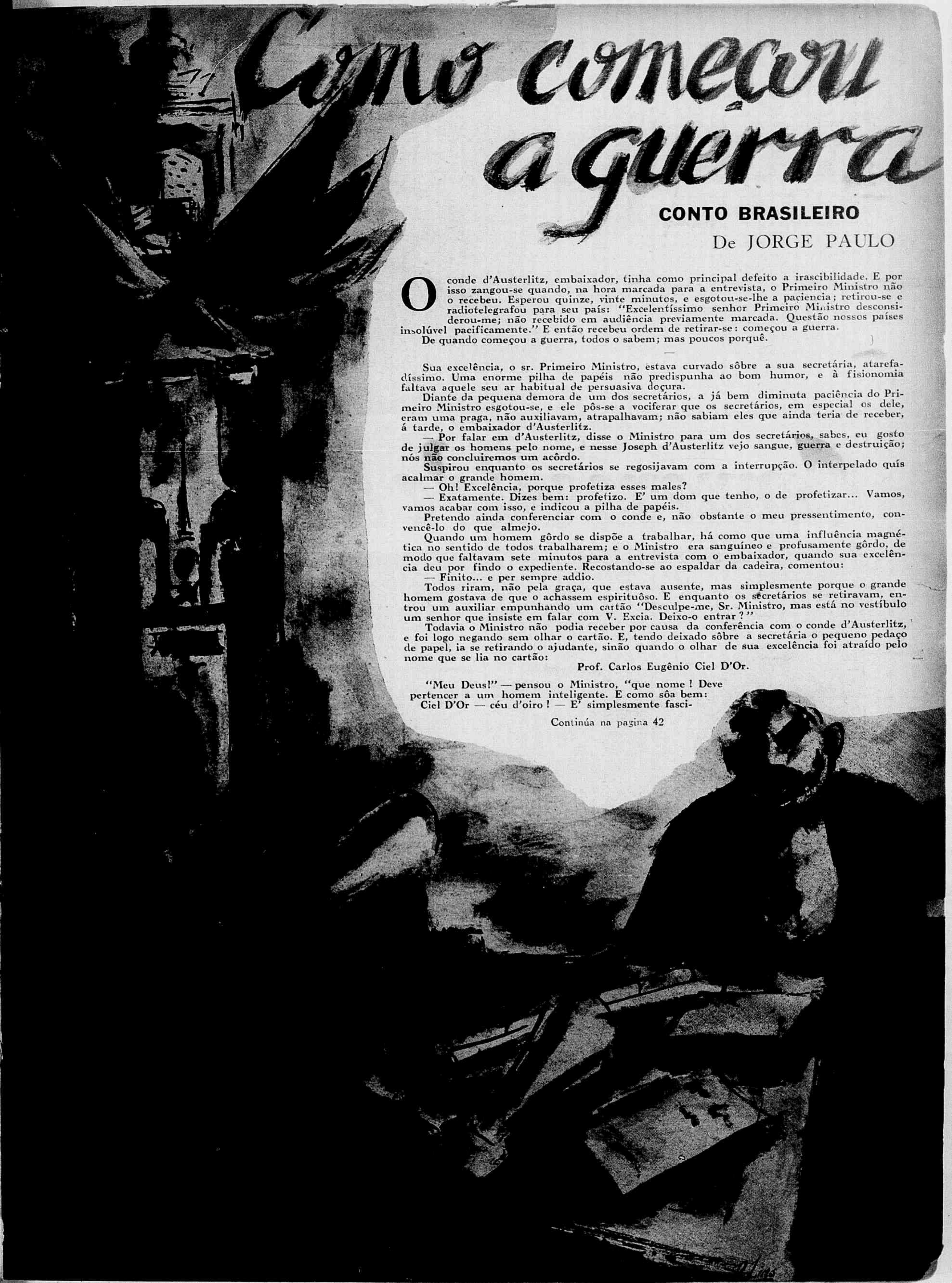
BRASIL-BOLÍVIA

Foi uma festa de rara beleza e emoção, que por certo muito tocou ao coração do presidente Penaranda, a recepção que se realizou em sua honra no Instituto de Educação, à qual se associou de maneira brilhante o Instituto La-Fayette. Ali chegando, em companhia do chanceler Tomás Elio, ministro Macêdo Soares, general Rivera, embaixador Alvestegui e autoridades, recebeu S. Exa. as entusiásticas aclamações de mais de 2.000 estudantes, sendo cantados os hinos brasileiro e boliviano. A seguir, o general Penaranda foi saudado pelo prof. Celso Kelly, em nome do Instituto de Educação, seguindo-se com a palavra o prof. La-Fayette Côrtes, que produziu um vibrante discurso, findo o qual a aluna Nany Barbosa fez entrega a S. Exa. de um exemplar da bandeira brasileira, ricamente trabalhada em seda e prata, oferta da diretoria e do corpo docente do Instituto La-Fayette à Escola Brasil, de La Paz. Nesse momento foi cantado o Hino à Bandeira. Fez então uso da palavra o prof. Leonel Gonzaga, diretor do Instituto de Educação, entregando ao general Penaranda uma flâmula para a Escola Brasil, da capital boliviana. Uma saudação orfeônica ao presidente da Bolívia e o desfile dos alunos deram por encerrada a reunião.

O Instituto La-Fayette ofereceu, ainda, um album geográfico confeccionado pelos alunos do Departamento Masculino, destinado a representar o Brasil econômico, político e social no estabelecimento de ensino secundário padrão da Capital da Bolívia, e, também para a Escola Brasil, a Antologia dos professores Leonor Posada e Arnaldo Bellucci, repositório do que melhor realizou a cultura brasileira sobre a nossa Pátria.

Após o discurso do prof. La-Fayette Côrtes, o general Penaranda recebe das mãos da aluna Nany Barbosa, do Instituto La-Fayette, uma bandeira brasileira, confeccionada em seda e bordada a prata, que se destina à Escola Brasil em La Paz.





Como começou a guerra

CONTO BRASILEIRO

De JORGE PAULO

O conde d'Austerlitz, embaixador, tinha como principal defeito a irascibilidade. E por isso zangou-se quando, na hora marcada para a entrevista, o Primeiro Ministro não o recebeu. Esperou quinze, vinte minutos, e esgotou-se-lhe a paciência; retirou-se e radiotelegrafou para seu país: "Excelentíssimo senhor Primeiro Ministro desconsiderou-me; não recebido em audiência previamente marcada. Questão nossos países insolúvel pacificamente." E então recebeu ordem de retirar-se: começou a guerra. De quando começou a guerra, todos o sabem; mas poucos porquê.

Sua excelência, o sr. Primeiro Ministro, estava curvado sobre a sua secretária, atarefadíssimo. Uma enorme pilha de papéis não predispunha ao bom humor, e à fisionomia faltava aquele seu ar habitual de persuasiva doçura.

Diante da pequena demora de um dos secretários, a já bem diminuta paciência do Primeiro Ministro esgotou-se, e ele pôs-se a vociferar que os secretários, em especial os dele, eram uma praga, não auxiliavam, atrapalhavam; não sabiam eles que ainda teria de receber, á tarde, o embaixador d'Austerlitz.

— Por falar em d'Austerlitz, disse o Ministro para um dos secretários, sabes, eu gosto de julgar os homens pelo nome, e nesse Joseph d'Austerlitz vejo sangue, guerra e destruição; nós não concluiremos um acôrdo.

Suspirou enquanto os secretários se regosijavam com a interrupção. O interpelado quis acalmar o grande homem.

— Oh! Excelência, porque profetiza esses males?

— Exatamente. Dizes bem: profetizo. E' um dom que tenho, o de profetizar... Vamos, vamos acabar com isso, e indicou a pilha de papéis.

Pretendo ainda conferenciar com o conde e, não obstante o meu pressentimento, convencê-lo do que almejo.

Quando um homem gôrdo se dispõe a trabalhar, há como que uma influência magnética no sentido de todos trabalharem; e o Ministro era sanguíneo e profusamente gôrdo, de modo que faltavam sete minutos para a entrevista com o embaixador, quando sua excelência deu por findo o expediente. Recostando-se ao espaldar da cadeira, comentou:

— Finito... e per sempre addio.

Todos riram, não pela graça, que estava ausente, mas simplesmente porque o grande homem gostava de que o achassem espirituoso. E enquanto os secretários se retiravam, entrou um auxiliar empunhando um cartão "Desculpe-me, Sr. Ministro, mas está no vestibulo um senhor que insiste em falar com V. Excia. Deixo-o entrar?"

Todavia o Ministro não podia receber por causa da conferência com o conde d'Austerlitz, e foi logo negando sem olhar o cartão. E, tendo deixado sobre a secretária o pequeno pedaço de papel, ia se retirando o ajudante, sinão quando o olhar de sua excelência foi atraído pelo nome que se lia no cartão:

Prof. Carlos Eugênio Ciel D'Or.

"Meu Deus!" — pensou o Ministro, "que nome! Deve pertencer a um homem inteligente. E como sôa bem: Ciel D'Or — céu d'oiro! — E' simplesmente fasci-

Continúa na pagina 42

O conjunto de Cornell e Mc Clintic conseguiu mais um tento. Uma vés mais a atriz-produtora e seu marido diretor, alcançaram uma vitória com a *As Tres Irmãs* de Chechov, uma pintura realista da vida russa, que requer ação perfeita e direção consumada. Miss Cornell e sua companhia proveram ao primeiro requisito, Mr. Mc Clintic ao segundo.

Não é esta a primeira vez que os dois artistas escolheram uma peça com os olhos fitos no palco e não na bilheteria e obtiveram sucesso tanto artístico como material.

Katharine Cornell e Guthrie Mc Clintic estão casados há vinte e um anos. Durante dezessete éle dirigiu-a no palco e durante os restantes ela foi sua própria produtora. Seu casamento teve tanto sucesso como seus desempenhos teatrais. Fui á casa deles outro dia, em Beekman Place, debruçada sobre East River. Fui conversar com eles sobre teatro. Não acreditava muito na harmonia conjugal que diziam existir entre eles. Parecia-me provável que em qualquer discussão sobre teatro haveriam de surgir dissensões. Era difícil descrever no papel de uma esposa exemplar uma atriz que penetra a própria comédia de um certo frenesi dramático.

A cena foi a bibliotéca do casal. Uma das paredes está ocupada por duas estantes que alcançam o teto, com uma lage de mármore entre ambas. Outra está ocupada por janelas francesas que dão para um terraço dominando o rio.

Uma mesa redonda, várias lâmpadas, cadeiras estofadas e flores em grandes vasos enchem a sala. Há uma inteira ausência de formalismo nessa arrumação, que se estende a toda a casa.

Os Mac Clintics aqui vivem desde que se casaram. A casa era um *slum* quando alugaram-lhe um andar. A vizinhança mudou, porem, de então para cá, e a propriedade hoje pertence a eles. Da entrada aos fundos está cheia de recordações de sua carreira: muita cadeira e mesa já serviu no teatro á falta de coisa melhor.



Conversa sobre teatro

ENTREVISTANDO O
CONJUNTO CORNELL
M CLINTIC

de S. J. WOOLF



Aqui eles fazem seus planos e discutem as peças que vão produzir. Estudam-nas nos melhores detalhes.

"Eu sei que você já ouviu uma porção de coisas sobre as possibilidades de briga entre marido e mulher quando ambos são da mesma profissão". Miss Cornell disse isso de pé em frente á lage de mármore, "mas achamos o contrário. Temos tantos interesses em comum que nunca estamos aborrecidos um com o outro. O teatro é um laço entre nós e não uma barreira".

"Naturalmente não concordamos em tudo", aparteou Mc Clintic. "Mas embora Kit e eu estejamos relacionados ao teatro somos seres razoáveis. Você sempre ouve uma porção de conversa fiada sobre temperamentos. As personalidades criadoras têm a fama de exóticas. Há porem uma diferença em ter temperamento e ser temperamental. O verdadeiro temperamento não significa atirar pratos á cara um do outro ou travar luta á menor provocação. No que diz respeito aos atores, ser temperamental está fora da moda e até os reporters que outrora usavam toda a sua capacidade inventiva em descobrir as excentricidades das estrelas terão de procurar outras histórias a seu respeito. Minha experiência me ensinou que, quanto maior o artista mais considerado é. É isto, penso eu é exato, não só no teatro como em todas as artes."

"Sem dúvida temos discussões", confessou Miss Cornell. "A's vezes fico aborrecida, ás vezes é Guthrie, quem fica. Mas creio que uma das razões de nosso casamento ter sido tão bem sucedido foi que a casa é grande podemos nos isolar um do outro sempre que o queremos".

"Kit pode dar vassas á sensibilidade atrás das portas, mas raramente o faz". É de novo Mc Clintic quem fala. "Sou a pessoa que menos grita. Quando o faço, porem, ela grita de tal maneira que tenho de voltar á calma e falar baixo."

Miss Cornell enterrou-se numa cadeira ao lado do fogo estalejante. Daí passou a evocar recordações da semi-invalida que ela reproduziu em *Os Barrett de Wimpole Street*. Contudo nada havia de frágil nela enquanto repousava aí com a luz da lâmpada caíndo sobre sua máscara movel e expressiva. Seu cabelo preto caia-lhe sobre a fronte larga e suas tēmporas cheias, a ocultar-lhe parte da garganta. Seus supercílhos arqueados salientam a órbita marcada de seus olhos e estes são sombreados por longas pestanas.

Há algo estatuario nela. Os planos de sua face se prestariam muito bem ao modelado, e no entanto nem o mármore nem o bronze poderiam sugerir sua expressão sempre mutavel nem exprimir sua vibrante personalidade. Fracassariam também descrever-lhe a intensidade.



McClintic é uma pessoa comum e o teatro não deixou nenhum sinal característico tanto em suas maneiras como em sua aparência. Falando não entanto sobre seus trabalhos adquire por vezes a atitude teatral, representando o incidente que recorda, acompanhando suas palavras com gestos expressivos e frequentes.

Quando lhe perguntei como dirigia uma peça respondeu-me que não agia por nenhum método.

"Leio uma peça que me diverte ou comove. Experimento descobrir os melhores atores para ela e então tento fazer com que os atores reproduzam em mim o que causou a peça."

Então ambos começam a descrever suas representações. Descrevem um palco sem cenário num teatro escuro. Tudo porem está em seu lugar.

McClintic senta-se numa mesa num canto do palco, o manuscrito diante dele. Acende um cigarro atrás do outro. Os atores, com seus papéis nas mãos começam a ler. De tempo em tempo ele os detem. Levanta-se e representa para que vejam como quer a cena. "Você imagina-se vindo aqui triste," diz ele a uma atriz. "Imagine-se triste e o que diria. Agora substitua as palavras da peça pelas suas próprias, mas conserve nelas o mesmo sentimento."

"Por Deus!" — exclama ele em outra ocasião. "Você acaba de passar a perna numa dúzia de estrelas. Mostre que você está sem fôlego."

Nada é desprezível — a posição de uma cabeça, o movimento de um braço. Ocasionalmente alguém hesita na direção a dar. "Muito bem", diz ele, si você não o sente, deixe que lhe mostre como devia senti-lo". E o ator tem a oportunidade de aprender uma boa lição.

"O que tento fazer", disse Mr. McClintic resumindo é despertar no ator um senso criador que lhe seja próprio. Atores não são marionettes. Têm suas idéias próprias, e não creio que um diretor possa imprimir-lhes sua personalidade. Mas ele percebe que representam numa determinada maneira para produzir o efeito requerido".

"Representar", disse Miss Cornell, "é, em certo modo, como pintar. Um ator deve dar uma impressão. O mesmo acontece ao pintor. Um pintor olha para alguma coisa e sente uma certa emoção que tenta exprimir. Si o consegue, outros extrairão da pintura a emoção que ele extraiu do objeto."

Um ator tem certas palavras a dizer que devem despertar determinadas emoções. Ele deve observar essas emoções através das luzes da ribalta. O auditorio deve sentir o que se supõe sinta o autor — felicidade, tristeza, amor, ou qualquer outra coisa.

ATENÇÃO!

Deste numero por diante oferecemos aos nossos leitores uma novela de sensação, além dos dois contos habituais.

"Mas, eis o ponto importante, e penso que seja exato tanto para o pintor e o ator como para todos os outros artistas. Eles devem sentir a emoção, mas sempre domina-la. No minuto em que o ator esquece que está representando, está perdido. Nunca deve perder de vista o fato que tem um público do outro lado do palco. Ele tira algo desse público e dá-lhe algo também."

"Minha experiência pode dar-lhe uma idéia do que quero dizer. Sou uma péssima leitora. Aborreço-me quando imagino alguém a ouvir minhas palavras pela primeira vez. Penetro meu papel lentamente. Imagino-o e procuro lembrar-me das pessoas que conheço agindo nas mesmas circunstâncias. Passo a passo, acrescentando uma pincelada aqui e outra acolá, e com o auxilio de Guthrie, crio uma personagem."

"Isto não significa que os atores devam curvar-se ante seus proprios sentimentos. Embora permaneçam senhores de si mesmos põem em suas obras algo indescritível que sai deles mesmos."

As relações de Miss Cornell com o teatro começaram ha muito. Em Bufalo, o avô Cornell era um amador tão ardoroso que extasiava uma platéia inteira. Aí ele representava em beneficio de seus amigos. Seu pai também ouviu o apêlo de Thespis e eventualmente abandonou sua clínica médica para tornar-se um diretor teatral em sua propria cidade.

Sua filha nasceu quando ele estudava em Berlim, mas a família logo voltou a Bufalo. No tempo em que Katherine já podia patinar, ela usava o vestibulo do teatro de seu pai como rink. Foi só quando viu Maud Adams em *Peter Pan* que ela resolveu ingressar na vida teatral.

Aos quinze anos, na Escola Oaksmere, em Mamaroneck, ela começou a escrever peças, a dirigí-las e a representá-las. Muitas vezes, membros do *Washington Square Players* iam lá para orientar os estudantes. Eddie Goodman, oa tempo um diretor com seu grupo (que mais tarde originou o Theatre Guild), dirigiu uma peça chamada *Peça* escrita pela propria Miss Cornell. Depois, disse-lhe si fôsse algum dia a Nova York, que o procurasse.

Para a jovem isto significava a promessa de um contrato. Quando terminou a escola, tomou um quarto em Nova York e começou a vaguear pela *Comedy Theatre*, onde os *Washington Square Players* estavam representando. Por fim, obteve o que queria e seu primeiro papel foi o de uma mãe japonesa que tinha quatro palavras a dizer: "Meu filho! Meu filho!"

Foi esta a primeira vez que Guthrie McClintic viu Katharine Cornell. Ele nascera em Seattle, onde fre-

quentara uma escola secundária e depois a Universidade de Washington. O palco sempre o atraiu e poucas representações houve na opera que ele não fosse ver.

Após dois anos de estudo, veio para Nova York, para a Academia Americana de Arte Dramática. Durante algum tempo, desempenhou papéis secundários. Então Winthrop Ames contratou-o, primeiro para descobrir talentos novos, depois para dirigir algumas peças.

Em 1919, Jessie Bonstelle percorria com sua companhia Bufalo e Detroit. Ela conhecia o Dr. Cornell e ofereceu trabalho a sua filha. Katherine progrediu, passando dos papeis de mulheres de alta sociedade a artista de primeiro plano da companhia. Quando Miss Bonstelle decidiu produzir *Little Women*, deu a Miss Cornell o papel de Jo.

Foi este seu primeiro sucesso. Passou a Detroit e a primeira coisa que lhe disse Miss Bonstelle foi que conseguira um novo diretor, Guthrie McClintic.

Antes que a estação terminasse, o diretor e a estrela estavam casados e quando o teatro fechou regressaram a Nova York. Ele começou a procurar uma peça a produzir (Ames prometera ajuda-lo financeiramente) e ela subiu as escadas dos escritorios de empresarios á procura de trabalho.

Cedo, ambos obtiveram sucessos, McClintic com sua produção da *Estrada de Dover* e ela com seu papel em *Carta de divórcio*. Foram os presentes de casamento que recebemos da Broadway", disse Miss Cornell. Desde então, McClintic consignou varios sucessos, enquanto ela interpretava papeis famosos como Julieta, Santa Joana, etc. Foi com os *Barrett de Wimpole Street* que ela se tornou uma atriz-produtora.

Contudo Miss Cornell nunca foi uma estrela. Ela não crê no sistema estelar. Diz que se orgulha por seus programas dizerem: "Katharine Cornell apresenta" e por ter seu nome em último lugar na lista dos atores.

"Ha algo trágico", disse ela, "em ver uma estrela apagar-se, tornar-se gradualmente mais e mais fraca. Acresce que um bom ator representa melhor quando rodeado de bons atores. O brilho de uma boa representação faz viver uma peça."

"E alem disso", diz Mr. McClintic, "a peça é tudo"

As fotografias que acompanham esta reportagem mostram cenas das peças de Chekov, "As Tres Irmãs", que constituiu um dos maiores sucessos da ultima temporada na Broadway. Vemos Katharine Cornell, encarnando a heroína da peça, rodeada por algumas figuras de destaque da sua companhia.



Resistirá a Itália à invasão?

Quando os soldados americanos desembarcarem na Itália — e hão de fazê-lo num futuro próximo — que espécie de recepção vão ter, em Gênova, perto das planícies lombardas, e no sul, perto da Tunísia? Esta questão é de vital importância tanto do ponto de vista militar como do político. Antes de entrarmos em detalhes específicos, consideremos primeiramente a evidência dos amargos grêços que se repetem hoje em torno das mesas de café — onde não se bebe café — na Itália — grêços que se comentam quando o espião fascista deixa a sala. Consideremos a conversa entre o Otimista e o Pessimista tal como é repetida á socapa.

O Otimista: "Não ha dúvida que a Itália está perdendo a guerra!"
O Pessimista: "Sim! Mas quando?"

O sarcasmo italiano, frequentemente indecifrável para os não italianos oculta na realidade um profundo desespero. Os nossos elementos comunicam também que "todos" os italianos em 1943 concordam no seguinte: "Ele ordenou uma guerra que perderíamos mesmo si a vencessemos, porque nos tornaríamos uma colônia alemã." Os italianos dizem agora "ele" em vez de Mussolini, do alto do seu despreso. E o despreso na Itália é mais terrível que o ódio. Mais tarde voltaremos a Mussolini.

Consideremos a questão: "Que acontecerá quando os soldados americanos desembarcarem na Itália?" A resposta não é difícil. Si fôrem feitas os necessários preparativos morais e diplomáticos pelos Aliados, eu e todos os outros que conhecemos a psicologia do povo italiano, não hesitaremos em prever esta sequência de acontecimentos na Itália:

1 — Os americanos serão recebidos como irmãos e libertadores pelo povo, pelo exército e pelos jovens e ousados heróis do exército subterrâneo;

2 — O exército italiano ha de orgulhar-se uma vez mais de lutar ombro a ombro com o exército americano contra os alemães como em 1917-18.

3 — O povo da Itália acolherá de braços abertos a união das armas italianas e americanas como símbolo do futuro progresso e prosperidade da Itália.

4 — Os fascistas! Pobres fascistas! Cada um deles jurará aos americanos que se tornou membro do partido apenas para proteger-se e ás vezes para lutar na frente interna. Jurará que no fundo de seu coração foi desde o princípio e até o fim democrata — e haverá mais verdade do que parece em suas declarações.

5 — Mussolini fugirá, a menos que seja assassinado ou se suicide. Mas seu fim é certo.

6 — O pobre rei também ha de fugir. Não ofe crecerá resistência e até se dará por muito satisfeito em escapar.

7 — O povo italiano adotará uma fórmula republicana de govêrno, sem rei e sem ditadores.

Esta é a época oportuna e o que expomos vai acontecer. Baseio meus prognósticos em informações confidenciais, no meu conhecimento do povo italiano e no meu constante contacto com sua alma; moralmente nunca fui um exilado; muito ao contrário.

Já aqui, para dar aos americanos uma visão mais perfeita dos italianos, gostaria de esclarecer dois pontos — duas perguntas que costumam ser feitas com frequência:

A — Si é verdade que os italianos odeiam o fascismo por que não se revoltam?

B — Que acontecerá ás inúmeras divisões alemãs que estão agora na Itália quando os aliados desembarcarem?

Quanto ao ponto A os italianos não se revoltam porque, a este tempo, não o podem fazer. Para começar, a idéia de revolta é apenas um vestígio nas nossas recordações históricas. Durante as revoluções americana e francesa e durante nossas guerras e revoltas contra os Austro-Alemães de 1821 a 1860, os cidadãos tinham quasi que as mesmas armas dos militares. Fôram travadas batalhas quasi em igualdade de condições.

Hoje, porém, com grandes canhões, tanques, aviões e até gases venenosos á disposição dos invasores nazistas e da milícia fascista, os tiranos reteem todas as armas e a revolta é impossível. E' preciso lembrar que a única revolta vitoriosa nos tempos modernos foi a Revolução Russa de 1917 e esta realizou-se apenas quando o exército do Czar dissolveu-se e a polícia tinha desaparecido.

Ainda mais, acresce á falta de armas pelos que gostariam de revoltar-se (e que planejam revoltar-se quando chegar o momento), uma importante razão psicológica que milita contra qualquer espécie de tentativa nesse sentido que se processe agora. Os italianos perguntam, de acôrdo com as informações secretas mais recentes: "Que acontecerá si nos revoltarmos agora?" Os homens cuja coragem física e moral não ficam em dúvida, respondem: "Si nos revoltarmos agora apenas agravaremos a situação, pois os nazistas mandarão mais tropas. Isto fará a situação pior, não só para

Conde Carlo Sforza

nós italianos, mas para os soldados das Nações Unidas que estão se aproximando com certeza e por cuja chegada esperamos."

Permiti-me sublinhar esta afirmação:

Não se póde contar com revoltas na Itália até que os exércitos aliados desembarquem no sólo do continente italiano. Saliento continente, porque a Sicília e a Sardenha são frutos já maduros para a colheita aliada. Até as crianças dessas ilhas detestam tudo que é fascista. Os frutos cairão na Sicília e na Sardenha no dia em que os Aliados sacudirem a árvore.

Agora, quanto ao ponto B. As últimas informações recebidas da Itália notificam que o número de tropas alemãs aí não é de 300000 homens, como fôra noticiado, mas sim de 400000. Era intenção de Hitler defender a Itália com uma forte cabeça de ponte da Africa do Norte e as poderosas bases aéreas da Sicília e da Sardenha. Com o colapso deste plano, Hitler tem apenas uma alternativa: retirada do que sobrar das tropas alemãs afim de provêr á linha de defesa nos Alpes e na costa francesa. Não é segredo militar que no momento em que os Aliados atacarem a Itália será numa verdadeira "blitz" e em muitos pontos simultaneamente. Será estrategicamente impossível para os alemães, acossados na frente interna, pela população civil e talvez pelo exército correr de um ponto a outro da Península numa tentativa de defender a Itália. E será impossível a Hitler enviar reforços para uma Itália revoltada.

Si os americanos quiserem possuir uma visão compreensiva do espírito italiano de hoje, devem assimilar três elementos básicos na política presente: (1) Fascismo; (2) O exército; (3) O exército subterrâneo.

Quanto ao primeiro, o fascismo não está apenas morto; está putrefeito. Si alguns fascistas como Farinacci, ainda gritam na Itália, fazem-no pela mesma razão que levam os transeuntes a cantar perto de um cemitério em noite escura. Mussolini, sabêmo-lo pelas informações secretas, é hoje odiado e despreso até pelos elementos mesmos do fascismo que são ingenuamente honestos. Odêiam-no não tanto pela proximidade da derrota, mas porque os diminúe. Mussolini levou os italianos a crêrem que ele havia forjado a mais poderosa força militar do mundo inteiro. Agora sabem que se tratava de um "bluff" e de uma fraude — "bluff" para os estrangeiros e fraude para os italianos. Sabem também que, quando Mussolini trabalhava de mãos juntas com a Casa de Sabóia, levou-os a uma guerra impopular contra a França e a Grã-Bretanha em junho de 1940 e o fez com um exército que havia sido previamente desorganizado e dissipado através de uma administração corrupta e a baixa dos melhores generais. Desde que fôssem bons oficiais eram máus fascistas.

Ninguém na Itália fala de Mussolini. A tragédia tornou-se demasiado intensa para ele. Ele partilha com o desditoso rei o despreso da nação e, o que é mais importante, o despreso dos que permanecem fascistas passivos. A informação secreta nos diz que a única idéia da Itália de hoje é: Combate, fuge ou suicida-se no dia em que os Aliados desembarcarem na Itália? A maioria acredita que fugirá. Qualquer coisa póde acontecer, pois é um covarde com acessos ocasionais de falsa coragem. O que sei é que a cortina já está caindo sobre seus dias de "vida perigosa".

Agora, quanto ao segundo ponto: o exército. Quando pensamos no exército italiano devemos imaginar um exército traído, um exército que lutou contra a sua vontade numa guerra demasiado fácil na Etiópia, que é perigoso, contra sua vontade na Espanha, e contra sua vontade e em traje de verão no frio das montanhas negras; um exército forçado a apunhar pelas costas um amigo e a combater na Líbia sem equipamento ou munições adequados. Imaginemos, então, o que acontecerá quando os Aliados desembarcarem na Itália! Não haverá dúvidas quanto á importância da ameaça italiana ao exército aliado. Todos os oficiais pensam e dizem abertamente quando a polícia secreta não está perto, que fôram traídos pelo fascismo, pelo rei e por Mussolini.

Não ha um oficial no exército regular italiano que não saiba que quasi todos os ministros da guerra são escravos cegos do bando fascista que conseguem seu intento desarmando e desorganizando o exército regular em proveito da milícia fascista.

A milícia fascista — os camisas negras — foi um exército partidário composto exclusivamente de fascistas fanáticos que ó tinham de prestar contas ao Duce. Mussolini conseguiu "fascicizar" o exército italiano que detestava e temia. Seu pesadêlo era que o exército se revoltasse contra ele embora soubesse que durante sua longa e gloriosa história nunca se tivesse revoltado e sempre tivesse respeitado a autoridade civil.

Neste caso, o exército acorreu ás fileiras. Só um ministro da guerra, general Gazzera — hoje prisioneiro militar dos Estados Unidos, resistiu a Mussolini e a sua milícia — mas Mussolini exilou-o. Então ordenou ao exército que imitasse a Milícia! Enquanto o Duce gritava que tinha "oito milhões de baionetas" sua milícia fascista estava ocupadíssima em saquear os equipamentos e armas do exército italiano que mordía os lábios e não obstante permanecia fiel á autoridade do momento — Mussolini.



"As tropas americanas serão recebidas como irmãos pelo povo italiano, o exército e as forças subterrâneas"



"O exército italiano terá orgulho em combater mais uma vez ombro a ombro com os americanos."



"O exército subterrâneo levantar-se-á contra os Nazistas e distribuirá armas trazidas pelos invasores amigos."

O exército resistiu na sua maneira passiva quando os piores ministros da guerra — como Cavallero — eram cúmplices de Mussolini; no fim Mussolini e sua milícia venceram e ao mesmo tempo perderam! O resultado desta longa luta silenciosa foi o reverso exato do que acontecia na Alemanha, onde houve um combate idêntico entre o exército e os nazistas vencedores. Da luta entre os Junkers — a grande casta militar alemã e o partido nazista nasceu um grande exército. Do conflito italiano proveu a desintegração da força militar italiana.

E que acontecia à milícia fascista? Fracassaram como soldados — recuaram e correram em todas as frentes nas quais estiveram sob o fogo do iri go. O exército regular ridiculariza-os chamando-lhes "matadores civis". O exército regular? Quando a guerra foi declarada os oficiais partiram para a frente sabendo que iam a um trágico sacrifício pela Itália que amavam — e pela sua honra pessoal.

Alguns dias antes que Mussolini e o rei invadissem a França a despeito das súplicas dos generais e de outros, quatro homens importantes previram Vitor Emanuel contra o perigo de uma declaração de guerra. Era nas proximidades do fim de maio de 1940. Nós quatro, sendo eu o menos importante, pedimos ao rei que não compromettesse a Itália, não deshonrasse a monarquia, assinando a declaração de guerra à França e à Inglaterra — um ato no qual Mussolini via sua oportunidade de permanecer no poder. O rei nem sequer nos respondeu.

Logo que Mussolini invadiu a França para conquistar... Menton, partiu para Bordéus e quando tudo estava perdido para a Inglaterra. Eu havia comprado uma moradia na Riviera francesa, perto da fronteira italiana. Alguns dias antes do fatal 10 de junho de 1940, quando Mussolini e seu obediente rei declararam a guerra, o general X, de óculos escuros e disfarçado, saltou em frente à minha casa envolto numa nuvem de poeira. Encontrou-me no jardim, cumprimentou-me e disse: "E a guerra. Uma guerra vergonhosa, mas devemos obedecer. Parto para a guerra não para o assassinato! Você está condenado. Há uma conspiração diabólica contra a sua vida. Fuja imediatamente por nós, si não por você mesmo."

Outro general, depois que a Polónia fôra invadida pelos alemães contou-me:

"Nossa situação, no início da guerra, era das mais desesperadas. Das setenta baterias que deviam abrir fogo logo que rompessem as hostilidades só uma estava em posição de atirar. Tivessem os franceses atacado em vez de acreditar na "não-beligerância" de Mussolini, os franceses poderiam ter alcançado Mião em vinte e quatro horas. Nós italianos estávamos nas mãos de criminosos. Admiro-me do que são os líderes franceses."

A questão permanece sem resposta. O que eu sei é que em Bordéus preguei em vão a Pétain e Weygand que o que ignoravam Mussolini e Hitler era simplesmente isto: a Inglaterra não capitularia, e no decorrer da luta os Estados Unidos unir-se-iam à Inglaterra contra nós.

Agora, algumas palavras sobre o terceiro ponto: o exército subterrâneo. De princípio devo dizer que o exército subterrâneo italiano, em bora menos conhecido do que os outros é o mais poderoso e efetivo que já foi realizado. Este exército em suas várias formas e organizações, será de grande auxílio aos aliados quando desembarcarem na Itália. Será difícil para estas diversas organizações lutar no campo de batalha, mas será fácil "dispor" de algumas auto-vidas nazistas que podiam apanhar o pretexto para permanecerem no poder. Com prazer o exército subterrâneo ajudará a varrer os alemães em retirada, explodirá os comboios, despedaçará os trilhos e demolirá os túneis. Fuzilarão, estrangularão e esfaquearão os nazistas invasores.

Distribuirão armas e munições trazidas pelos invasores amigos. Heróis jovens, inteligentes e corajosos, são as tropas de sabotagem da Quinta Coluna. Quem são eles? São politicamente os liberais, compostos principalmente de estudantes das Universidades; os socialistas, na maioria operários; os democratas cristãos, constituídos por organizadores da esquerda e camponeses, e os comunistas recrutados nas famílias da pequena burguesia e entre os operários. É verdade que estes grupos acharam impossível uma unidade formal devido às discordâncias teóricas de suas doutrinas; mas seus melhores líderes estão sempre trocando informações; eles cooperam muito cordialmente. Todos amam a Itália!

Paremos aqui por um momento e olhemos para o mapa dos países mediterrâneos. Lembremo-nos que a estratégia é às vezes gênio, porém, mais comumente, simples senso comum. Que revela o mapa? Revela entre outras coisas que a aproximação da Itália pela Tunísia é realmente um caminho muito curto; do mesmo modo a bota italiana estreita-se em frente das praias tunisianas, como uma convidativa ponte. A Tunísia, para os aliados é com efeito um presente do céu! Lembremos também que ao desembarcarem as forças aliadas nessa ponte fazem-no, técnica e formalmente — si não moralmente, em território do Eixo! O efeito psicológico deste fato será tremendo não só na Itália como na França, nos Balkans, na Polónia, na Holanda, na Bélgica, na Alemanha e no Japão. Ecoará através do mundo! Mas sob a condição de que seja feita a necessária preparação moral e psicológica.

Que devem fazer as Nações Unidas para encorajarem os italianos e prepararem seu espírito para o dia em que o azul Mediterrâneo ofereça canhões seguros da África do Norte à Itália? Grandes alceres morais e diplomáticos devem ser lançados e a coordenação e os preparativos devem ser perfeitos. Os soldados do exército, os marinheiros da armada, os líderes anti-fascistas, o exército subterrâneo, os civis — todos os italianos — devem ser informados e devem saber que os americanos veem como amigos e libertadores.

As grandes e resolutas decisões devem ser tomadas antes que o primeiro soldado aliado ponha o pé no solo continental italiano. Os aliados invasores devem ser reconhecidos como amigos e libertadores pelo povo iliano.

Os italianos acreditarão em italianos honestos e respeitados — mas não acreditarão em proclamações estrangeiras. A história italiana está cheia de proclamações dos franceses, ingleses e austríacos após a queda de Napoleão — proclamações cheias de promessas de unidade e liberdade, mas logo esquecidas quando desaparecia a necessidade da assistência italiana. Si é exato que os italianos estão orando pela libertação, devo avisar aos aliados que o caminho para a total cooperação com os italianos deve ser desde já alicerdado.

Gostaria de ser mais minucioso no que diz respeito aos detalhes destes preparativos, mas talvez seja imprudente fazê-lo em



"Mussolini fugirá, a menos que seja assassinado ou se suicide. Mas seu fim é certo!"



37 ANOS DE ATIVIDADE PROFISSIONAL — Comemorando o transcurso do 37.º aniversário de sua investidura no cargo de corretor de fundos públicos, ocorrido no dia 6 de Junho ultimo, o sr. Ernesto Stampa, que é o presidente do Sindicato dos Corretores de Fundos Públicos e Cambio, numa louvável demonstração de fé cristã, promoveu a entronização da imagem do Sagrado Coração de Jesus, no seu escritório no edifício da Bolsa de Valores, tendo oficiado o ato monsenhor dr. Henrique Magalhães. Terminada a cerimônia, proferiu o ilustre sacerdote uma vibrante oração alusiva à solenidade religiosa. Com a palavra, o sr. Ernesto Stampa falou sobre a data que era festejada, agradecendo, comovido, a presença de monsenhor Magalhães e de quantos ali estavam. O corretor Stampa, que foi muito cumprimentado e felicitado pelos numerosos amigos que compareceram ao ato, ofereceu-lhes ao final, uma taça de champagne. Na gravura, que é um aspecto parcial, aparecem, a contar da esquerda, a sra. Angelita Vassimon, monsenhor dr. Henrique Magalhães, sr. Ernesto Stampa, senhora Mendonça Basto, sr. Juvenal de Queirox Vieira, presidente da Bolsa de Valores, e sr. Eduardo Ferreira.

Novela de sensação

De hoje em diante a "Revista da Semana" publicará, em todos os numeros, uma novela sensacional escolhida sob rigoroso critério.

INSTITUTO DE RESSEGUROS

Recebemos um exemplar do Relatório que o Sr. João Carlos Vital, Presidente do Instituto de Resseguros do Brasil apresentou ao Ministro do Trabalho, referente ao 3.º exercício de Janeiro a Dezembro de 1942.

São mais de duzentas páginas com elementos elucidativos, dados, estatística, etc. Agradecemos.

Tem ctspa? Queda de cabelos? Já usou tudo? Experimente agora a Loção Nordiska.

NORDISKA

Tônico de Amendoas. A ultima criação para a beleza da Mulher. Leite Anti-Efêico. Infalível contra as imperfeições do rosto

público, hoje. Posso dizer apenas isto: Os líderes das Nações Unidas conhecem todos os problemas — e cuidarão muito bem deles.

Indagaram-me sobre o futuro da Itália de após guerra. Digo apenas isto: Quando terminar a guerra, quando fôrem contados os mortos, haverá na Itália muitos italianos capazes de continuar as belas tradições da Itália e de preparar a formação de uma forma republicana de governo, forte, liberal e tolerante. O desembarque de tropas americanas na Itália será tão grande quanto um milagre — para a Itália — como foi o desembarque de Garibaldi e de seus "mil" na Sicília. Apesar de tudo, a principal arma de Garibaldi foi uma mensagem de amor, honra e esperança para todos os italianos. Eis porque venceu e realizou mais uma marcha triunfal que uma campanha.



"O pobre rei também fugirá. Ele não oferecerá resistência e ficará satisfeito em dar o fóra."



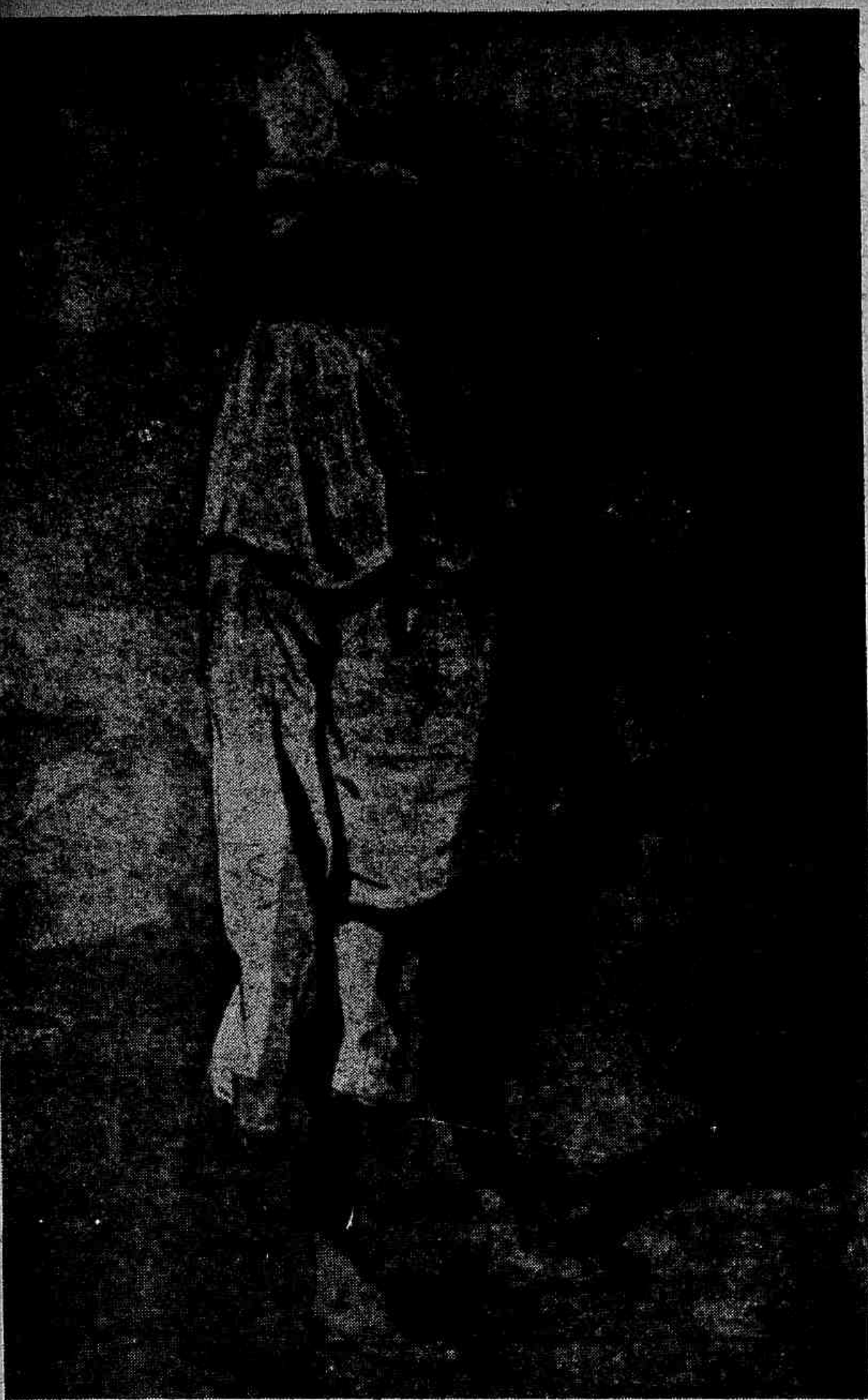
"O povo italiano adotará uma forma republicana de governo, sem rei, sem ditadores!"

GAVARNI, FILOSÓFO SUTIL

Por EUGÈNE FOURGUES

PARA lutar contra a miséria dos seus primeiros tempos, Gavarni contava com dois recursos que empregava simultaneamente, com toda a energia e vigor de sua alma ardente: o trabalho e o amor.

O trabalho foi a grande dignidade de toda a sua vida, o resgate de todas as suas fraquezas, e deu ao conjunto de sua obra a amplitude e a solidez que a farão viver no futuro. Em todas as épocas de sua existência, ele foi um terrível trabalhador. Por volta de 1839, Gavarni fez presente a seu amigo Fourgues de um album compreendendo vinte e oito provas antecipadas de suas últimas litografias, sôb as quais havia ele mesmo escrito as legendas em finos arabêscos. A série intitulava-se: "Uma semana de trabalho". Mais tarde, nós o veremos, no jornal "Paris", fornecer todos os dias uma gravura durante um ano inteiro. Concebe-se que uma atividade tão firmemente temperada podia dar confiança a quem dela dispusesse, e se compreende melhor que as complicações de dinheiro jamais causassem graves preocupações a Gavarni, certo que ele estava de poder liquidar sua situação por um desses esforços titânicos. E mesmo, quando sua mão se enervou de desenhar os "bonshommes" cotidianos, foi noutro trabalho, na pesquisa árdua das ciências matemáticas que achou a distração e o desafio necessários.



Em cima: "Não é de mim que hão de trocar!"

Em baixo: Ilustração para "Histoire de Politique" ("Masques et visages")



"Mistress W. G." (Da série "L'Artiste").

Quanto ao amor, este outro recurso de Gavarni contra as tristezas das horas negras, foi coisa diversa, e o que se tem dito a esse respeito é muitas vezes exagerado. Certamente ele teve, mais do que qualquer outro, a preocupação do eterno feminino. A mulher foi sempre a grande inspiradora de sua arte e um dos grandes interesses de sua vida; não foi porém o único, longe disso. Se ele gostava por vezes de espantar os contemporâneos com atitudes á Don Juan sãbiamente calculadas em busca de efeito, é bom não aceitar sem críticas algumas dessas manifestações dum amor próprio às vezes um tanto ingênuo. A verdade é que para Gavarni, — como para todo artista verdadeiro — o amor não era muitas vezes sinão a curiosidade da mulher, a necessidade insaciável de decifrar o enigma obsedante e cruel que existe no fundo de seu olhar. Isso só basta para explicar porque, durante longos anos, não deixou de ir de uma a outra, dos olhos negros aos olhos azuis, das marquêsas às coitezas, das literatas às criadas, das rainhas do teatro às vagabundas dos "boulevards", pedindo a todas o segredo que a natureza lhes parece ter confiado e que elas guardam de era em era, impenetráveis como efínges, tentadoras como fadas. Longamente e tenazmente, perseguiu esse mistério fugitivo que elas passavam de mão em mão, á sua vista, e que ele via fugir-lhe ás buscas obstinadas. Para atingí-lo, empreendeu lutar contra elas no seu próprio terreno, fez-se muito feminino, e quiz vencer Celimene pela "coquetterie" própria e pela inconstante astúcia, pela graciosa brandura de seu "élan" e pela finura de sua intriga. Muitas vezes pareceu vitorioso e pôde crêr que atirára a sua finalidade. O público mesmo contribuía para seu êrro, fazendo pesar sobre ele a temível notoriedade do homem de boa sorte inesgotável. Vêiu um dia, no entanto, em que teve de compreender que em tal jôgo as vitórias são derrotas a que só a vaidade dá colorido, que a mulher — mesmo enganada um instante — acaba sempre tomando sua "révanche" e que em matéria de sentimento é o esperto que no fim de conta paga todas as diferenças. E por essa razão sua obra, na qual registou com tanto cuidado suas observações metódicas, e condensou tão hábilmente o resultado de suas análises cotidianas, nada mais ensina á nossa geração sobre a mulher de hoje. A eterna interrogação se impõe de novo a todos nós e o sortilégio feminino, um instante desmascarado, mudou de meios e conservou todos os seus efeitos.

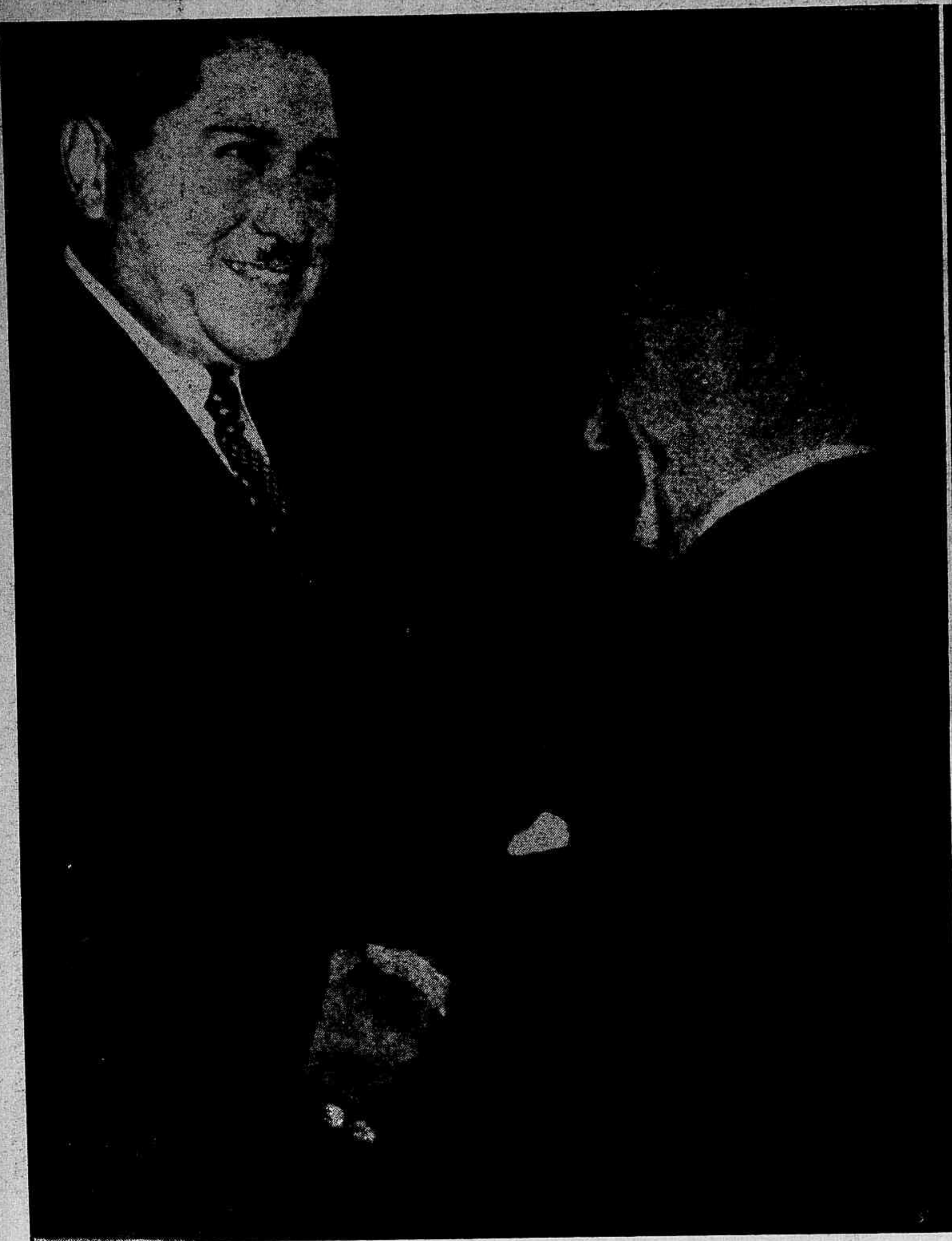
A lavadeira
("Les parisiens").



"Cearão?" (Paris le soir).



"E' na verdade uma coisa profundamente triste pensar no modo ignôbil de viver desses pobres burgueses." ("Les artistes").



Os presidentes do Brasil e da Bolívia apertam as mãos, simbolizando a amizade entre as duas nações irmãs.

O Rio recebeu a visita honrosa de mais um ilustre chefe de governo: o presidente da República da Bolívia, nação amiga e aliada.

Hóspede oficial do governo brasileiro o general Henrique Penaranda foi alvo das mais carinhosas



Durante o banquete no Itamarati, quando falava o presidente Getúlio Vargas.

BRASIL - BOLÍVIA

e efusivas manifestações, tanto pelo mundo oficial, como pela população carioca.

O visitante ilustre que chegou a 23 e partiu a 28 do mês p. p., deixou nesses poucos dias indelével impressão no povo e no governo brasileiros da amizade e solidariedade da nação vizinha.

Por ocasião dessa visita oficial foram concluídos e assinados diversos e importantes tratados entre o Brasil e a Bolívia, como sejam:

1) Facilidades cambiais no comércio a varejo entre populações fronteiriças.

2) Facilidades de licença para exportação de produtos alimentares. Simplificação das formalidades para a exportação de artigos brasileiros e do petróleo boliviano para o Brasil.

3) Instalação de uma agência do Banco do Brasil em La Paz.

4) Estabelecimento, em Santos, de um entreposto franco para as mercadorias importadas e exportadas pela Bolívia.

5) Fomento de turismo.

6) Ampliação do regime de empreitadas para a execução da estrada de ferro Brasil-Bolívia.

7) Organização de um serviço de transportes entre Corumbá e Sta. Cruz de La Sierra.

8) Construção de uma ponte sobre o Rio Grande.

A visita do preclaro presidente e os tratados que o Brasil concluiu com a Bolívia foram fruto da mais alta significação na política continental e repercutiram em todos os países da América motivando palavras de louvor como aquelas ditas por "La Prensa" de Buenos Aires e "La Manana" de Montevideú:



"...a decisão do Brasil (porto franco) constitui um expoente de solidariedade continental". "A decisão do governo do Brasil é um belo gesto que na própria América merece ser assinalado como exemplo à consideração das nações americanas e que confirma a tradicional política de solidariedade continental que inspira o Itamarati."

Em cima: Aspecto fotográfico da solenidade realizada na Academia Brasileira de Letras, quando falava o Gal. Penaranda.

Em baixo: O Presidente da República da Bolívia quando recebia a imprensa.



O general Penaranda saindo a passeio, acompanhado por altas personalidades do mundo oficial.



No banquete que lhe foi oferecido no Ministério da Marinha, quando falava o Presidente Henrique Penaranda.



O Chefe do governo da Bolívia quando respondia às homenagens que lhe foram prestadas no Supremo Tribunal Federal.



Entre os ministros do exterior do Brasil e da Bolívia, palestram os dois presidentes das repúblicas vizinhas.

De São Paulo



O novo diretor da Escola Politécnica, quando proferia o seu discurso de posse.



Aspecto apanhado durante a visita do governador da Guiana Francesa, sr. Jean Rapenne, ao interventor Fernando Costa.

INSTITUTO ROENTGEN
Radoterapia superficial e profunda
DRS. ALVARO FORTES-FERNANDO AZZI.
Rua Barão de Itapetininga, 139
Salas 10, 11, 12 e 14 -- Tel. 4-0394
— SÃO PAULO —

Chegada do novo consul geral de carreira e conselheiro Comercial da Embaixada do Chile, sr. Raul Juliet Gomez.

Quando fôr a São Paulo
... não deixe V.S. de incluir em seu programma de passeios ou digressões uma visita aos
Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil
★
• Restaurante • Salão de Chá • American Bar (4a. sobreloja)
CASA ANGLO BRASILEIRA Succedora de MAPPIN STORES
D. RAMOS DE AZEVEDO - S. PAULO



Des Estados



Paraíba Concentração Trabalhista na Praça da Independência em João Pessoa, vendo-se em primeiro plano os operarios da Fabrica Rio Tinto. — 1 de Maio na Paraíba.



Rio Grande do Sul A Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, sob a orientação do seu Provedor, Dr. Archimedes Fortini, acaba de crear mais uma secção: o serviço de cirurgia do Prof. Eliséu Paglioli. A inauguração dessa moderna enfermaria cirúrgica revestiu-se de solenidade e foi pretêxto para se homenagear e se ressaltar, publicamente, o saber e a abnegação do Prof. Paglioli. Interpretando os sentimentos dos srs. médicos e em nome da Administração fez a entrega da nova enfermaria o Prof. Tasso Vieira de Faria. Oferecendo um retrato do Prof. Paglioli, o sr. Otávio Sagebin pronunciou um pequeno discurso dizendo do gesto de justiça e clarividência do sr. Provedor e do auxilio que prestará o Prof. Paglioli a toda coletividade, tendo melhor campo para estudar a cirurgia craneana, sua especialidade. E citou a opinião abalizada do cirúrgico ilustre Dr. Fermin Barcala, da Universidade de Montevideu, pelos trabalhos, do homenageado. Respondendo aos discursos o Prof. Eliséu Paglioli agradeceu a homenagem.



SALVOS POR POMBOS — Quando um bombardeiro Whitney foi forçado a descer no Mar do Norte, a tripulação antes de embarcar nos botes de borracha soltou o pombo correio de bordo. A sua chegada à base fez-se um cálculo baseado na velocidade de voo do pássaro, encontrando-se assim a posição do bombardeiro, o que tornou possível o salvamento.



RADIO-TELEFONIA SILENCIOSA — Este transmissor-receptor, utilizado pelas forças britânicas na Tunísia, dispõe de um microfone que se prende ao pescoço deixando assim o operador com as duas mãos livres. Em serviço de patrulhamento este poderá enviar mensagens sem elevar a voz acima de um murmúrio.



CHUVA DE BANDEIRAS — Num recente ataque diurno desfechado pelo Comando de Caças, os aviões britânicos deixaram cair sobre Bruxelas uma chuva de bandeiras belgas. Muitos civis, na cidade, aclamavam delirantemente os aviões que voavam em baixa altitude.

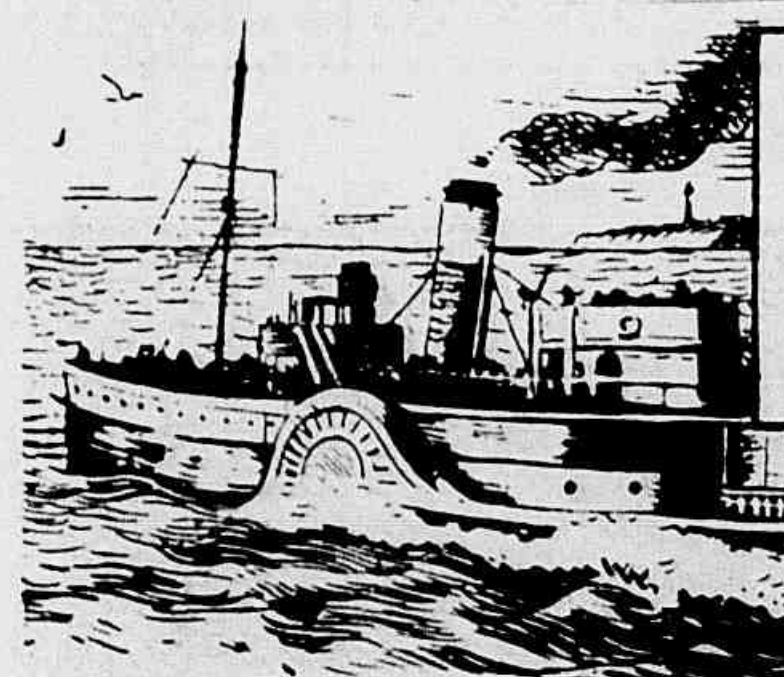


ESCOLA DE HEROIS. — No Grande Hall, de Cheltenham College, um dos mais antigos da Inglaterra, há duas lápides com os nomes dos antigos alunos distinguidos com a Victoria Cross, num total de 14 nomes.



HOSPITAL SUBTERRANEO — A 70 pés sob o solo, em certo ponto da Inglaterra, existe um hospital militar com acomodação para 400 pacientes. Uma usina de ar condicionado refresca quase 1.000 jardas de galerias.

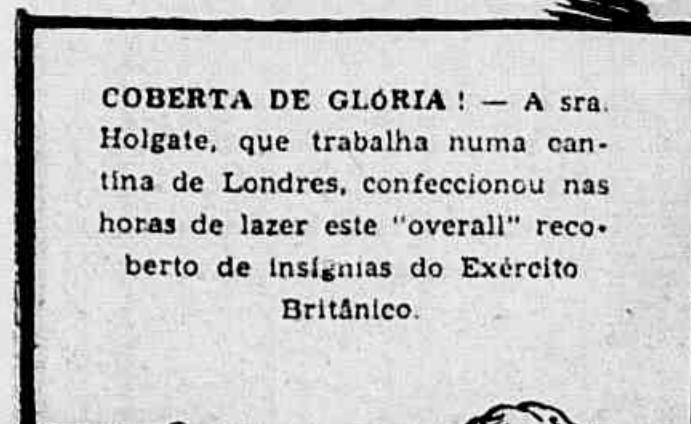
RASCUNHOS LONDRINOS



UM VETERANO DOS MARES — Construído há 55 anos para pequenas viagens de excursão, nos feriados, o navio "Monaarch" foi transformado em caça-minas, na última guerra e, sob o nome "Exway" encontra-se mais uma vez em serviço patrulhando um porto britânico.



UM PRESENTE IMPERIAL. — Haile Selassié, imperador da Etiópia — a primeira nação libertada nesta guerra pelas armas britânicas — teve um gesto de real elegância. Enviou recentemente 58 anéis de ouro destinados ao Fundo de Assistência da R.A.F.



COBERTA DE GLÓRIA! — A sra. Holgate, que trabalha numa cantina de Londres, confeccionou nas horas de lazer este "overall" recheado de insígnias do Exército Britânico.



UMA MARCA PARA OS SALVADORES — Os homens do Serviço Aero-Marítimo de Socorros, da Grã-Bretanha, salvaram a vida de numerosos pilotos. Agora o Serviço possui uma marca própria — numa lancha de grande velocidade vão pintadas as suas cores — branco sobre um fundo azul, do famoso azul da Força Aérea.



UMA MEDALHA "EXPRESSIVA" — Datada de 28 de Outubro de 1942 tendo num lado gravada a cabeça de Mussolini, e, de outro, as palavras "Summa audacia et virtus" esta medalha foi cunhada pela Itália para comemorar a entrada triunfal do Duce no Cairo!

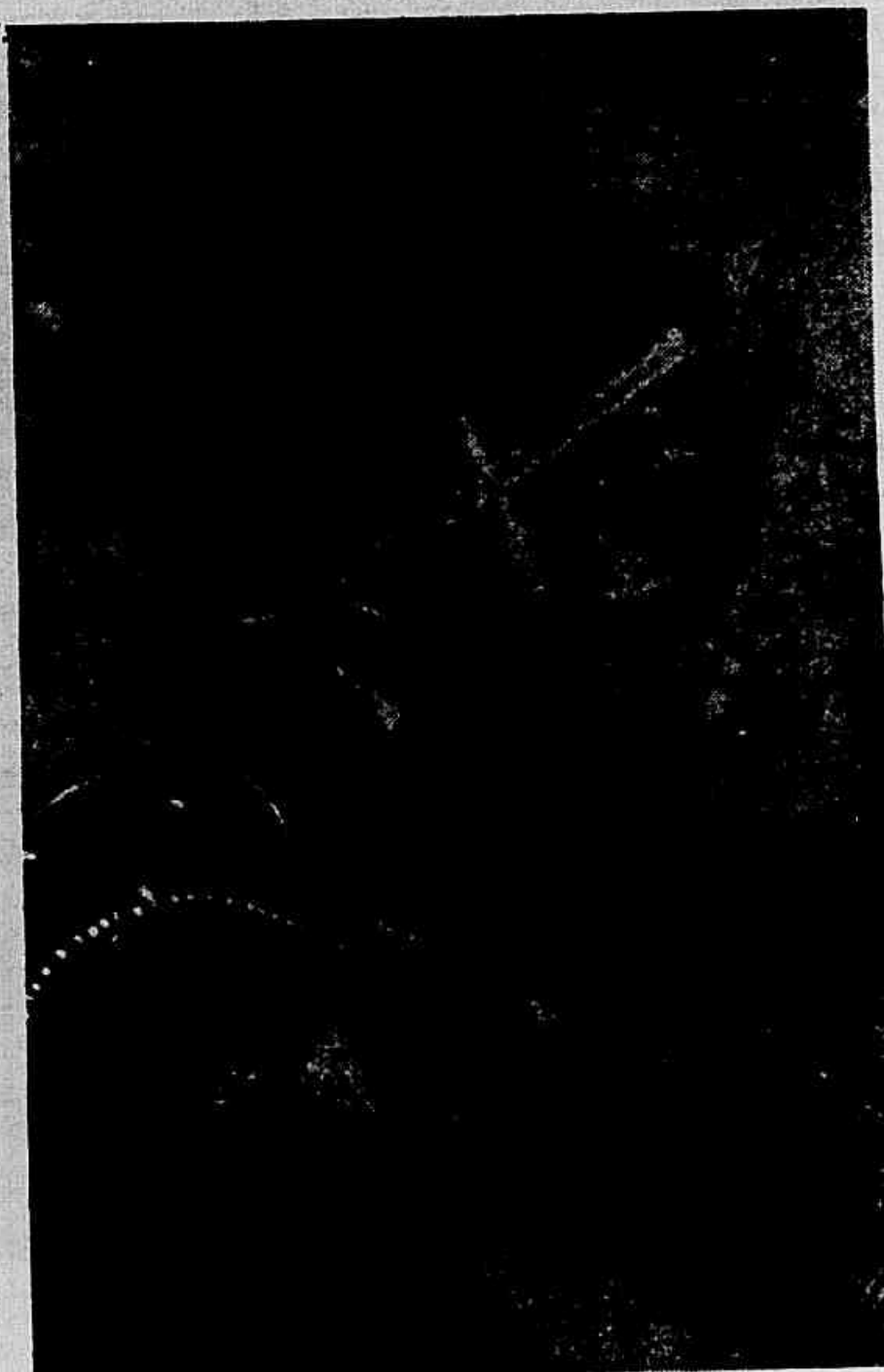
GLORIA A ESTES CABE- LEIREIROS DE CLASSE!



KENYA DO NORTE — Uma joven 'esposa das tribus Tendilles usa um capacete desta especie.



NOVA GUINE' — Infinitamente complicado é este penteado de cabelos rebeldes, mantidos por meio de rédes.



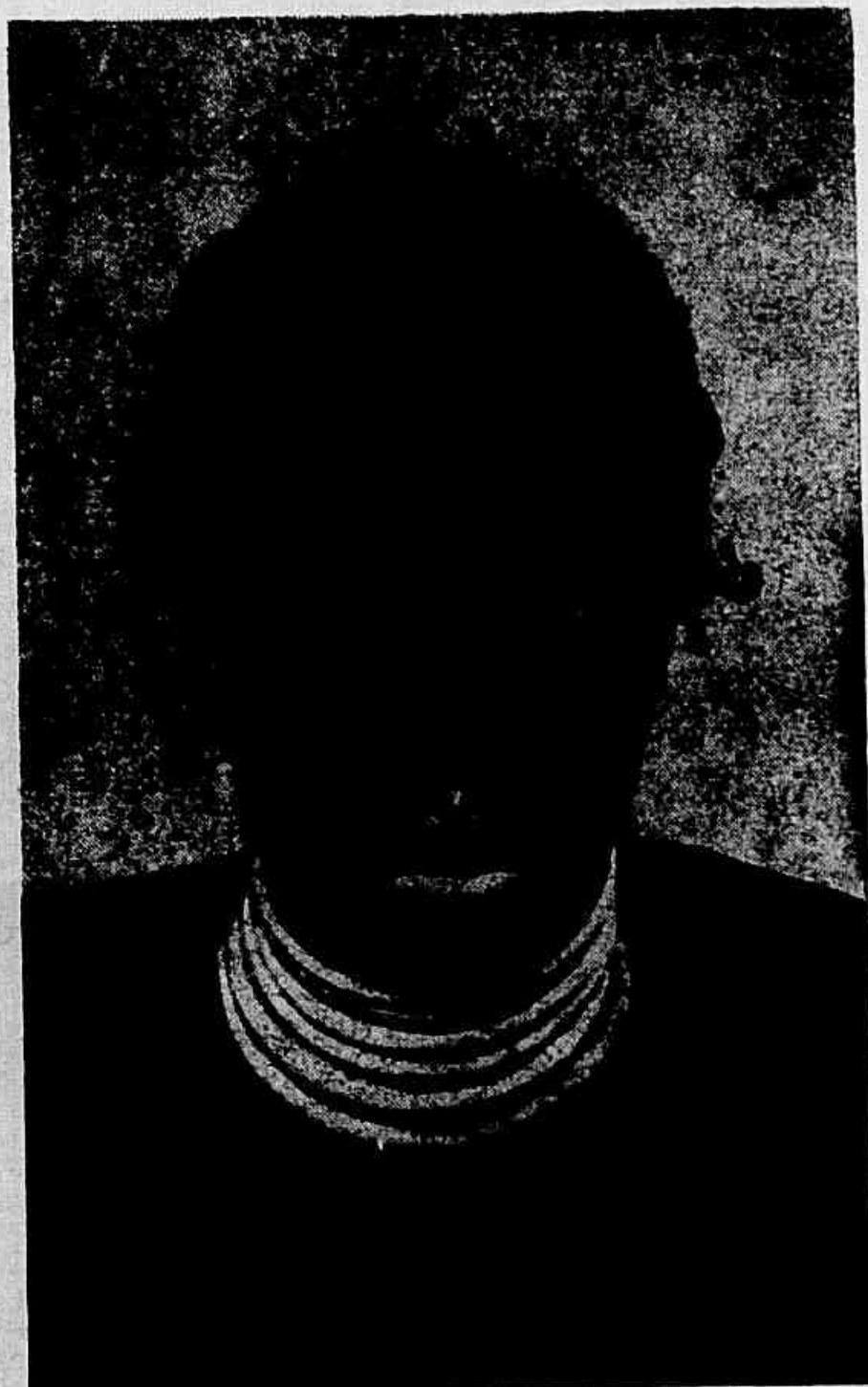
AFRICA DO SUL — O cabelo desta beldade é simplesmente eriçado, como um tufo vegetal, e amarrado apertadamente em torno do crâneo.



CAMERUM — Um rabinho de porco multiplicado várias vezes dá a esta pequena um ar muito simpático.



AFRICA CENTRAL — Uma série admirável de tranças com as pontas desfiadas — tendo uma faca no occuruto.



SUDÃO — Esta garota usa um "fes" colorido, sem a respectiva tampa, com os cabelos arranjados por cima dele.

Isto é que é uma vitória no capítulo do adorno das cabeças femininas.



PAPUA — Uma debutante da tribo Motuana usa uma tiara de folhas e flores.



CONGO NORDESTINO — Seu tratamento de beleza começou na infância, quando a mãe desta "girl" lhe manteve o crânio num torniquete de cordas.



CAMERUNS — Um estilo favorito aqui é esta coleção de trancinhas miudas caindo sobre os ombros.



EQUADOR — Um triunfo na arte capilar para esta adaptação à forma da cabeça — na Africa Equatorial.



KENYA DO NORTE — Cabeça raspada a navalha e uma franja de balangandans de cabelo enfeitados de contas.



CONGO — Outro penteado de cabeça funil. O crânio é coroado por um nó de cabelos em forma de corneta.

Noticiário Elegante

ANIVERSARIOS

Dia 3 — Senhora: Maria Garcia de Holanda.
Dia 6 — Senhores: Almirante Isaias de Noronha, Ministro Pedro Mibielli.
Dia 8 — Dr. Iberê Nazareth, industrial.

HOMENAGENS

Amigos e conterrâneos do Sr. General Antonio Fernandes Dantas, recentemente nomeado Interventor Federal no Rio Grande do Norte, homenagearam-no no dia 23 com um almoço no Automovel Clube, ao meio dia.

FLORIANO PEIXOTO

Sob a direção do Grêmio Floriano Peixoto, tal como anualmente vem acontecendo, foi homenageada a memória do Marechal Floriano por ocasião do aniversário do seu falecimento, dia 29 p. p. Demonstrações várias de reconhecimento de seus gloriosos feitos foram dadas não só pelos que combateram a seu lado por ocasião da revolta de 1893, como também pelos representantes das novas gerações, instruídas da grandeza da atuação do bravo soldado, cuja vida foi toda cheia de exemplos de patriotismo.

Pela manhã, junto à sua estátua, foi dado o toque da alvorada, por uma banda de clarins do Exército. Às 15 horas, na praça que tem o seu nome, partiram bondes especiais conduzindo ao cemitério de São João Baptista os homenageadores da memória do intrépido defensor da Pátria.

Em frente ao seu mausoléu falou, por delegação do grêmio, o jornalista Floriano de Lemos, discorrendo sobre o papel representado pelo eminente brasileiro, sob diversos pontos de vista. Às 21 horas, no auditorium da Associação Brasileira de Imprensa, salão

Oscar Guanabara depois de executada a sinfonia do *Guarany* pelo grande conjunto musical da Polícia Militar, ocupou a tribuna a menina Walkyria Tregia, do curso complementar do Colégio Pedro II, em nome da mocidade florianista. Em seguida usou da palavra o professor Roberto Macedo, desse estabelecimento de ensino, tratando da figura do homegeado como administrador militar.

VIAJANTES

Pelo avião da carreira da Panair, embarcou dia 26 para Porto Alegre o Sr. Ministro João Alberto, Coordenador da Mobilização Econômica que, juntamente com o Sr. Interventor Federal General Cordeiro de Farias e as classes produtoras do Rio Grande do Sul, estudará os problemas que mais de perto interessam a economia rio-grandense, afim de concilia-la com as necessidades dos consumidores.

A comitiva do Sr. João Alberto foi constituída dos Srs. Major Gilberto Marinho e Rivadávia de Souza, membros do seu Gabinete, seguindo ainda em sua companhia sua filha, senhorinha Rose Maria Lins de Barros.

Realizou-se no mês passado o enlace matrimonial do srta. Helena Pradera Torres, filha do sr. Francisco de Paula Torres e de d. Paqueta Pradera Torres, com o sr. Dylson José da Costa Rabello, filho da viúva sra. Marilth Corrêa da Costa Rabello.

Foram padrinhos da noiva, no civil, os seus pais, e no religioso o sr. Joaquim de Oliveira Silva e a sra. Dyrce de Oliveira Silva.

Pelo noivo, testemunharam o civil o sr. Luiz de Oliveira e a sra. Marta de Lourdes Oliveira, e o religioso o sr. Wilson Freire Carvalhal e a srta. Cella Pradera Torres.

O ato civil realizou-se na residência dos pais da noiva, à rua Ibituruna n.º 54, apartamento 2, e o religioso na Igreja do Coração de Jesus, na rua Benjamin Constant.



Enlace da srta. Letícia Carneiro com o dr. Alcysio de Melo Leitão — a noiva filha do prof. Levy Carneiro, o noivo filho do prof. Melo Leitão — levou a Candelária figuras reais nas ciências, na magistratura, na diplomacia e em todos os círculos de nossa sociedade. Foram padrinhos do noivo o sr. e sra. desembargador Florencio de Abreu e a noiva o sr. e sra. Levy Carneiro, tendo o monsenhor Henrique Magalhães celebrado as núpcias no altar mor, ricamente ornamentado, de onde pronunciou brilhante oração no fim da qual leu a bênção papal aos noivos. A noite, na residência do dr. Levy Carneiro teve lugar elegante recepção.



Por ocasião do transcurso do 25.º aniversário de casamento o dr. Daniel de Carvalho e sua exma. esposa d. Alice Mibeli de Carvalho e filhos receberam as mais carinhosas demonstrações de estima vindas de todos os elementos de nossa sociedade. O templo em que se realizou a missa em ação de graças ficou repleto e, à noite, na residência do ilustre casal, em Botafogo, a recepção oferecida pelos aniversariantes transcorreu com extraordinária concorrência e brilho invulgar.



CASAL GENERAL CORDEIRO DE FARIAS — No dia 15 de Junho p.p. o casal general Cordeiro de Farias celebrou as bodas de prata, sendo por esse motivo homenageado pelos parentes e amigos. A missa em ação de graças foi rezada na igreja de S. Joaquim, em S. Cristóvão, tendo, à noite, em sua residência, à rua Joaquim Palhares, o ilustre casal oferecido uma brilhante recepção à sociedade carioca. Nossa foto mostra um aspecto apanhado durante a cerimônia religiosa.



A festa simbólica da Coroação de Nossa Senhora, com que os fiéis comemoram todos os anos a passagem do Mês de Maria, é uma solenidade que já se tornou tradicional na igreja de Santo Antonio dos Pobres, da Venerável Irmandade do Santíssimo Sacramento. A foto que acima estampamos é um flagrante sugestivo da Coroação levada a efeito na igreja de Santo Antonio dos Pobres no dia 30 de Maio último.



NA LIGA ESPIRITUALISTA — Aspecto da festa litero-musical com que a Liga Espiritualista, foi entregue ao público a edição da novela "Perdão-te". No programa tomaram parte o escritor Jacy Rego Barros, a violinista Liege Aurea, a cantora Margarida Costa, a pianista Diva Lira, tendo os acompanhamentos sido confiados aos pianistas Geraldo da Rocha Barbosa e Ermelindo Castelo Branco.

Jockey Club mundano



A tarde turfística realizada domingo ultimo no Hipodromo da Gavea contou a honrosa presença do General Penaranda que, em companhia do Ministro Oswaldo Aranha e de outras altas autoridades civis e militares, assistiu o desenrolar das corridas, da tribuna de honra.

As fotos que estampamos nesta pagina fixam aspectos da visita do Presidente da Bolivia ao prado do Jockey Club e da numerosa assistencia das corridas de domingo.

«MIDNIGHT»



Meia-noite em Hollywood. . . Algumas estrelas enchem de esplendor e de beleza os *night-clubs*; outras deixam-se estar em casa, languidamente, esperando que sonhos suaves lhes cerrem as pálpebras. Por isso é que enquanto a quentíssima(?) Ann

CYMA

ANTIMAGNETICO
O RELOGIO QUE SE RECOMENDA
POR SUA ALTA QUALIDADE



À Venda em todas as Relojoarias

Savage (Columbia) prepara-se para dormir, Jane Frazee a lourinha da Universal, fugindo aos convidados, descansa um pouco no seu *living* ao mesmo tempo que relembra a elegância de Anne Gwyne, sua companheira de *studio*, maravilhosa num vestido de lantejoulas.



"Estrelinhas"

A idade de transição de menina — moça é a mais ingrata talvez para os figurinistas. Daí a escassez de modelos relativos a esse período. Entretanto o interessante figurinista, encarregado do guarda-roupa da Universal, apresenta, por intermédio de Gloria Jean, lindo vestidinho de lã ou crepe rayon branco. Ao lado, num autentico atestado do bom gosto do embelezador das estrelas, um penteado bonito e adequado para as garotas do tempo de Gloria Jean.

Concordam?



RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

Lançam a moda

E agora, as novíssimas:

São as novíssimas que estão revolucionando Los Angeles e adjacências pelo seu "charm" ou inconfundível "glamour". Ainda são "estrelinhas" mas já estão mandando. E assaltando corações. Acautelem-se milionários da terra de "Uncle Sam". Acautelem-se!

Porque Anne Gwyne (Universal) a do interessante conjunto de chapéu e bolsa regalo parece (pelo tamanho da mesma) uma temível cavadora de ouro. Lamentoa outra, Leslie Brooks, (esperem por ela em "Cidade sem homens" da Columbia) apesar da discrição do traje — um elegantíssimo costume cinza — nem é bom falar...



PÓ DE ARROZ
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
FINO, ADERENTE E INVISÍVEL
A VENDA EM TODA A PARTE



UM BELO "LIVING-ROOM"

A PRESENTAMOS hoje aos nossos leitores um exemplo de *living-room* europeu, construído a propósito num dos ângulos da edificação, recebendo por isto a luz do sol de todas as horas e dominando a paisagem que pode ser vista através da larga janela. Completando a beleza e o conforto da peça, o ornamentador dotou-a com moveis de largas curvas e cores alegres, que bem se adaptam ao ambiente a que se destinam.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
 MARCA

UNIES
 REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
 AGÓRA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

Conto estranjeiro

Casamento

QUANDO Jorge de Thievres se foi instalar no inverno passado, entre Nice e Menton, numa *villa* um tanto retirada, tinha apenas o propósito de repousar um mez ou dois, respirando o sol, olhando o céu e o mar.

Aos quarenta e cinco anos, sentia-se, por assim dizer de repente, cansado das agitações e violências da cidade: a vida mundana, o tumulto das ruas, a ansiedade daqueles que, desejando dar à existência todos os possíveis divertimentos e prazeres, o que mais obtem são perturbações para o espírito e os nervos, e decepções para o sentimento. O médico mesmo lhe aconselhara como urgentemente necessário aquele período de relativo isolamento, com as distrações mais singelas e o cuidado de evitar todos os motivos de exaltação ou de fadiga.

Jorge ia passear quasi todos os dias até um ponto mais pitoresco da encosta, abrigado do vento e inclinado para o mar. Nas manhãs de céu mais limpo, encontrava por ali uma senhora e uma moça. A senhora inspirava respeito; a moça era linda, mas visivelmente atacada dum mal cruel e sem esperança. Jorge passou a cumprimentá-las, a trocar com elas algumas palavras de cortezia. E ao separarem-se, dizia ele consigo, sob a mais natural das comições:

— Pobre pequena!

Soube que o pai da criaturinha morrera tuberculoso, assim como o irmão mais velho; que ela se chamava Lúcia; que mãe e filha, sempre juntas, adorando-se uma à outra, viviam de modestos recursos de fortuna; que toda a gente tinha pena de ambas; e que delas e da sua vida, limitada a um quarto de casa de hospedes, e àquelas curtas saídas para o ar livre, só se podia dizer bem. E à medida que assim se informava, ia sentindo pelas duas senhoras mais interesse e mais simpatia.

A fisionomia da mãe, quando a filha não estava olhando para ela, exprimia uma dor profunda, a dor dos que já não contam com socorro nem conforto de espécie alguma. Os dias e noites de angústia à cabeceira do marido primeiramente e logo depois do filho; as duas agonias, os dois enterros e agora a certeza do terceiro transe, que não podia demorar... Se, porém, a filha voltava os olhos para ela, todo aquele martírio se convertia em doçura. E Jorge enchia-se de admiração, cada vez que aquele senblante atormentado ainda conseguia sorrir e aquele coração, cheio da lembrança dos dois mortos, acarinhava a filha que não tardaria a morrer.

Duma brancura de camélia, olhos enormes, o nariz saliente de mais entre as faces encovadas, com veias muito azues nas mãos de cera, a pobre doente, fraca demais para longas leituras, deixava cair o livro na areia ou, esquecendo sobre os joelhos a aguarela começada, ficava imóvel horas inteiras com o olhar perdido no horizonte.

E Jorge dizia consigo:

— Em que pensará esta pequena que vai morrer e que talvez saiba disso?

Um dia, Lúcia, movendo entre os longos dedos dois fios de seda, um branco, outro azul, executava um trabalho de *crochet*.

— E' lindo isso que está fazendo... disse-lhe Jorge — Parece uma touquinha de boneca.

— Destino-o a uma amiga minha que casou o ano passado e está esperando um bebê... E' tão feliz!

No dia seguinte, sentada no mesmo banco, em companhia da mãe, Lúcia lia um livro. E aquela página a impressionava deveras, por que voltava atrás, repetidamente. Depois, ficou pensativa e esqueceu-se de voltar a página...

Jorge passou por trás do banco e, deitando um olhar ao volume aberto (era a *Lenda dos Séculos*) encontrou estes dois versos:

*Não me importa, morrer, oh, deusa!
Mas só depois de haver amado!*

Lúcia imaginava:

— Não terei muito tempo de vida. Querem-me iludir, mas eu sei que é o mesmo mal de meu pai e de meu irmão. Morro moça, paciência; quereria, porém, ter vivido, por pouco tempo que fosse, como vivem as outras mulheres. A maior parte das minhas amigas são casadas. As que não o são ainda conhecem homens que as galanteiam, lhes fazem a corte. A mim, nunca me fizeram a corte. Não saberei o que significa ser amada, ser esposa, ser mãe... Não sou feia. Tenho encontrado muitos rapazes a quem agradei e que, ao princípio, pareciam inclinados a amar-me. Depois, subitamente, mudavam de maneiras para comigo; deixavam de me tratar como moça; e os seus olhares passavam a exprimir apenas piedade. Ver-se-á então assim tão depressa que vou morrer? Que tristeza! Este senhor que agora vemos todos os dias é bem parecido, distinto e dá uma impressão de bondade. Mal, porém, ousa falar-lhe, olhar para ele. Tenho medo de verificar que, para ele como para os outros, não passo duma doente a quem se deve tratar com carinho porque vaç morrer. Toda a gente assim faz comigo; mas essa própria bondade, o ar enternecido que as pessoas se dão ao aproximar-se de mim me lembram a cada momento aquilo que eu tanto desejaria esquecer. Oh, se eu pudesse ser amada d outra maneira, por pouco tempo que fosse...

Do seu lado Jorge pensava:

— Criaturinha deliciosa... Talvez se tivesse saude fosse pouco interessante. Mas esta fragilidade, esta palidez, a idéa da morte inevitável... E daí, talvez não. Quem sabe se, mesmo saudavel, não seria encantadora? Pobre pequena!

Depois, passando a outra ordem de reflexões:

— Não é difficil adivinhar no que ela pensa, durante aqueles longos silêncios. De certo num bem que se lhe mostra inacessível, na felicidade a que não pode aspirar... E por que não? Se lhe proporcionassem essa alegria? Se lhe dessem a ilusão do amor? E se eu tentasse?... Representaria, uma generosa, piedosa comédia. E quem sabe se seria uma comédia até ao fim?

De repente, assaltou-o esta inquietação:

— E se ela não morresse?

Foi interrogar o médico que tratava de Lúcia.

— Perdida! respondeu o doutor — Não ha a menor esperança. Se durar ainda tres mezes, será o máximo.

Diante disso, Jorge resolveu:

— Vamos a isto. Será provavelmente a melhor ação da minha vida.

Foi ter com a mãe de Lúcia e pediu-lhe a mão da moça; A excelente senhora julgou, um momento, que ele tivesse endoidecido. Depois, quiz dissuadi-lo, chamá-lo à razão; mas a todas as objeções ele replicava:

— Mas eu a amo, eu a amo!

DO ESCRITOR FRANCES

JULES LEMAITRE

Por fim argumentou:

— A senhora deve estar certa da minha sinceridade, da pureza das minhas intenções. Se o que pretendo fazer é uma loucura, a ninguém ela prejudicará. E se não for uma loucura?

Citou exemplos de curas inesperadas, incríveis; foi eloquente; deu àquele coração de mãe um pouco de esperança.

— Em suma, concluiu ele — sua filha nada tem a perder com esta união. Eu a tratarei como a uma irmãzinha doente. E seremos agora dois, a senhora e eu, a cuidar dela de todo o coração.

A mãe de Lúcia cedeu a essas razões. E Jorge de Thievres foi autorizado a começar a sua corte.

Ao ouvir as primeiras palavras de amor, Lúcia teve um sobresalto

— Mas então... Não é tão certo assim que eu vá morrer?

— A prova de não ser isso nada certo está no desejo sincero que lhe exprimo de fazer de você minha mulher. Conservo todo o meu juizo. E se admitisse que você não tinha cura, como me arriscaria à desgraça de a perder? Ha de viver, tenha a certeza; ha de viver, porque eu a amo!

Lúcia achou simples e claro tal raciocínio. Desse dia em diante, todas as manhãs Jorge de Thievres levava à noiva um ramo de flores. Entretinham longas conversas de namorados. Lúcia, exultante, fazia projectos. E Jorge empregava todos os meios, in-



clusivamente o de a contradizer de vez em quando e até de lhe dirigir uma ou outra censura, tudo isso de leve, o bastante apenas para lhe provar que a não considerava uma enferma irremediavelmente perdida.

Preparou caprichosamente o quarto nupcial. Mandou forrar as paredes de papel verde-claro, tendo ao alto grinaldas de jacintos. As largas janelas deixavam entrar o ar saudavelmente. Tudo respirava graça e frescura. E o leito, pouco mais espaçoso que as habituais camas de solteiro, convidava a um doce repouso.

Foi para esse recinto de gentileza e suavidade que Jorge, após a cerimonia, conduziu a esposa. Lúcia parecia mais branca que o próprio vestido de noiva e as próprias flores de laranjeira...

O marido sentou-a nos joelhos. Despiu-a devagarinho, com mil delicadezas. Lúcia ofegava, deslumbrada, como num encantamento. Deitando os braços tão delgados; tão frágeis, em volta do pescoço do marido, olhava-o em êxtase esquecida de tudo o mais. E, sentindo contra si aquele corpo ligeiro, purissimo, cuja vida não tardaria a ex-inguir-se Jorge sentia-se invadido por uma ternura infinita.

Depois, veio-lhe a impressão de que era "a sua filhinha" que ele achegava ao coração. Não ousou sequer beijá-la na boca. E, tendo-lhe vestido uma capisa adornada de rendas e de laços claros, levou-a ao colo para o leito, como a uma criança.

Passou a noite com as mãos da esposa entre as suas.

Assim decorreu uma semana. Ao oitavo dia, uma hora antes de morrer, a enferma pediu a Jorge que se aproximasse um pouco mais e disse-lhe ao ouvido:

— Meu bom Jorge, parece que vou partir. Não fui infeliz de tudo. Sei que você se lembrará de mim pelo tempo afóra, sempre. E de toda a minha alma lhe agradeço; porque, graças a você, conheci como as outras mulheres a alegria de ser esposa e pude proferir as palavras "meu marido"...

Depois dessa aventura Jorge envelheceu rápida mas resignadamente. E' que conhecera, enfim, na sua plenitude; o amor e a dor.

Cantando na Chuva

Esse é o título de um velho fox e que ficou muito em voga, na infância do cinema falado. Possuía melodia fácil e atraente e não houve pessoa que não o cantasse.

Harmoniosos e simples como aquela música são estes modelos lançados por Lord & Taylor, Macy e Stein & Blaine para as elegantes de hoje.

Quer executados em seda ou lã, quer em "tussor" ou "rayon" ficam sempre encantadores.



A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para a pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

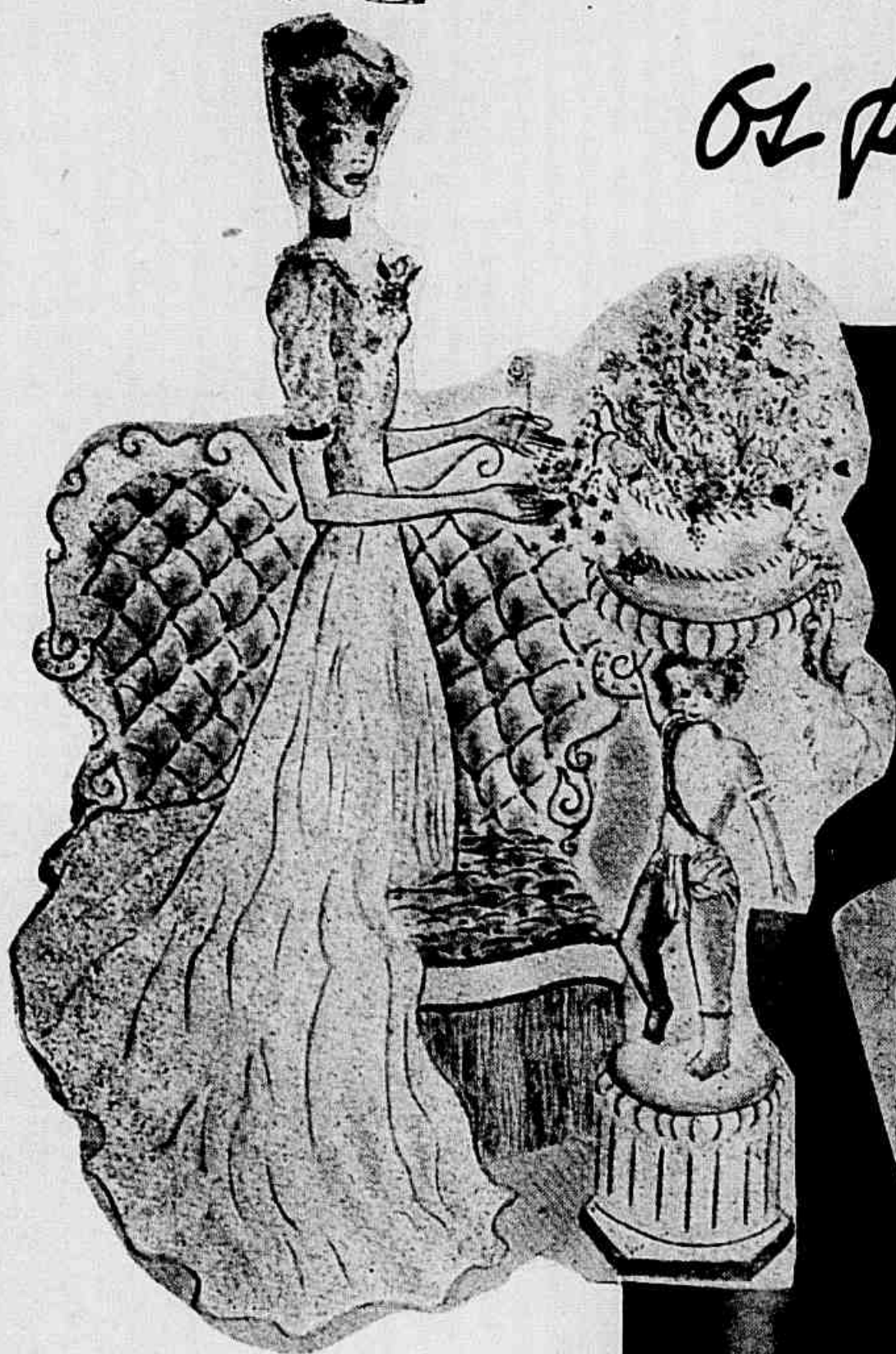
Experimente-o.



Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais completo para higiene e conservação dos dentes.



Os perfumes "dizem"



E dizem muito... Muitas vezes, até mesmo em crimes passionais tem servido para identificações de amorosos desesperados. Uma valsa... um perfume que não se esquece e depois... a Marcha Nupcial ou o "adeus para sempre". Mas a lembrança obstinada do perfume, fica. Os perfumistas sabem disso. E principalmente do papel que desempenham quando a serviço do pequeno deus Amor.

E descobriram quais os que devem ser usados a tal hora e em tal ocasião. A ronda das essências vem como uma lição de encantamento, "Sois de Paris", "Amour-Amour...", "Dans la nuit", "Un air embaumé", "L'ardente nuit", "E preve", "L'aimant", "Tabu", etc...

Janet Blair, a linda estrelinha da Columbia, e grande conhecedora da técnica sentimental, aconselha a você que não se entregue inteiramente a embriaguês do "Moment Suprême" afim de não entrar em "Possessão" para não cair em "Vertige", evitando assim, o consequente "Scandal".

Os perfumes não "dizem...?"



Parada hiberna



Original vestido em lã escura, sabiamente adornado, realça a elegância do modelo. Proprio para um aperitivo numa tarde bem fria.

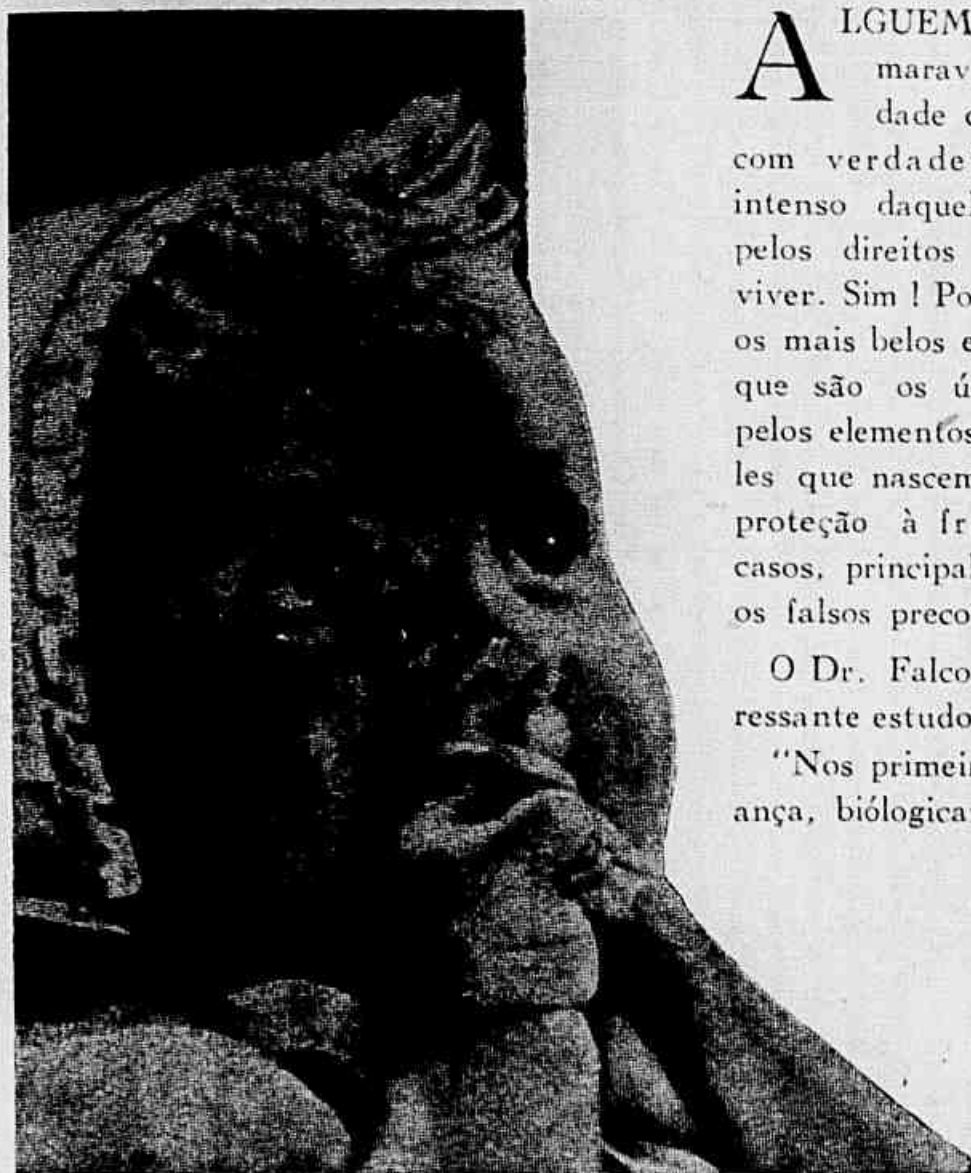
Saindo da casa senhorial ela foi "apanhada" por uma objetiva indiscreta. E que lindo instante! Agitava o elegante chapéu de antilope que combinava admiravelmente com o vestido de lã cinza adornado com 4 babadinhos nos punhos. Os mesmos também formavam o jabot que emprestava ao vestido um "quê" verdadeiramente notável.



BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
ESPEC. GUILHERME KLOTZ
SÃO PAULO - 1471 Av. Brig. Luis Antonio
TRATAMENTOS CIENTÍFICOS DA CUTIS
Poco saíam-me prospectos!
FOME...
ENDEREÇO...

ROUGE LÍQUIDO
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
DAS FACES UM ROSADO
INCOMPARÁVEL
A VENDA EM TODA A PARTE

Baby, você é muito importante!



A LGUEM que tenha assistido a maravilhosa lição de humanidade de *Flores do pó*, viveu, com verdadeira emoção, o trabalho intenso daquela mulher que pugnava pelos direitos dos que começavam a viver. Sim! Porque o bebê tem direitos: os mais belos e sagrados de todos porque são os únicos não reivindicados pelos elementos interessados. São aqueles que nascem do Amor, do desejo de proteção à fragilidade e, em muitos casos, principalmente da vitória contra os falsos preconceitos sociais.

O Dr. Falconi Villagómez, num interessante estudo de psicologia, afirma:

"Nos primeiros anos da vida a criança, biologicamente, só consome; não produz nada. Vive exclusivamente o momento presente; pois não concebe o passado e o futuro. Identifica a mamãe e a babá pelo olfato; a memória é quase nula nas primeiras

semanas de vida. Sem a menor noção de tempo e de espaço, o lactente quer pegar objetos situados muito longe dele; não avalia a distância em metros, mas pelo esforço necessário para atingir a coisa desejada."

Por tudo isso e compreendendo a importância da formação de gerações fortes e sem complexos de inferioridade é que o Brasil de hoje cuida profundamente de um problema: a criança.

E para solucioná-lo o Departamento Nacional da Criança, empreendendo uma campanha, elogiável em todos os sentidos, reconhece, preconiza e divulga os seguintes direitos para crianças nascidas ou residentes no Brasil:

- 1 — Ser atendida desde o seio materno, e nascer bem, evitados o quanto possível os riscos de morte, doença ou deformidade;
- 2 — ser criada sob o carinho maternal, e no ambiente da família, ou, na falta deste, num que se lhe aproxime o mais possível;
- 3 — nunca sofrer fome ou penar por insuficiência de elementos nutritivos indispensáveis;
- 4 — ser tratada como criança, e como tal respeitada e atendida nos seus justos interesses e aspirações;
- 5 — receber os princípios de educação que a preparem para a vida, e lhe permitam tomar consciência do seu próprio destino;
- 6 — receber assistência médica e higiênica, que lhe evite riscos de doença e de morte;
- 7 — jamais ficar abandonada à sua própria sorte, sem amparo material, social e moral, eficiente e carinhoso;
- 8 — não ser menosprezada por motivos de família, ilegitimidade, pobreza, raça, religião, deformidade física ou mental;
- 9 — nunca ser vítima de crueldade ou exploração, nunca ser submetida a trabalhos que lhe possam prejudicar o desenvolvimento normal e a saúde, o caráter, a educação, a liberdade e a alegria de viver;
- 10 — nunca permanecer segregada de convivência social, proporcionada esta de acordo com as suas condições pessoais;



11 — não ser considerada criminosa e responsável quando em falta social, devendo em tal caso receber assistência judiciária especializada e os corretivos adequados;

12 — merecer, com sua mãe, a precedência no trato público, e serem ambas as primeiras a receber socorros em caso de calamidade.

PETRÔLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir
da longa vida...
dos Cabellos,

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



INFALIVEL NA CÁSPA,
QUÊDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo

Bate-papo de Guerra

Legendas de
Sonia Regina

Desenhos de
Luiz Goulart

O Amor — astucioso —
Sabe muito... e isso é um mal
Pois se torna perigoso
Quando entra no Hospital

—
Resolve tudo, analisa
Risos, suspiros, pressões
E nesse afã de pesquisa,
Sacrifica corações!

—
Sem pensar em sofrimentos,
Com remédios diferentes
Vai fazendo casamentos
De esculapios e... doentes...

— Aquele rapaz do 42^o disse-me que se eu não fizer o plantão inteirinho no quarto dele vai tocar a campainha de segundo em segundo e gritará até que o hospital fique em polvorosa e o diretor me repreenda.

— E? Pois o do 48 hoje ameaçou de cortar os pulsos com as giletes que a esposa trouxe, caso eu não lhe desse um beijo.

— E você?

— Dei, naturalmente.

— E depois?

— Apliquei-lhe uma bofetada, mas fiquei com tanta pena que prometi esperar o seu divórcio para me casar com ele.

— Milagre!!! Decididamente é o caso mais estranho da minha vida de médico. A sua pressão, que estava baixíssima, subiu rapidamente enquanto a sua pulsação ficou forte.

— Ué, doutor... Milagre nada!

Então o senhor não acha aquela enfermeira suficientemente capaz de ressuscitar um defunto?



INTIMIDADE...

Leslie Brooks — (Columbia) — apresentando-se lindamente "deshabillé" (modelo confeccionado em crepe mousseline) inicia a parada das "últimas" confecções de Bonwill e Stern onde a profusão de camisolas, robes, e roupas interiores em crepes rayon ou da China, com ou sem bordados, mas quase sempre ornamentadas de rendas finíssimas fazem com que os homens não "chorem" o dinheiro gasto por suas mulheres nessas aquisições preciosas.



Bolos, bebidas e biscoitos

BISCOITOS DE ARARUTA

INGREDIENTES:

250 gramas de farinha de trigo,
250 gramas de manteiga,
300 gramas de araruta,
250 gramas de açúcar,
3 gemas
1 clara em neve.

Bata as gemas com açúcar, depois junte a clara e a manteiga. Bata bem para então adicionar as farinhas peneiradas. Se ficar mole, acrescente mais farinha. Faça os biscoitos da forma que preferir e leve a assar no forno.

TORTA BRANDA

INGREDIENTES:

3 chécaras de farinha de trigo,
1 chécara de água,
1 1/2 chécara de açúcar,
1/2 chécara de manteiga,
3 colherzinhas de Royal,
baunilha e sal q. b. e
3 claras em neve.

Derreta a manteiga, junte de vagar o açúcar, e sempre batendo adicione o Royal, a baunilha e a água aos pouquinhos. Por ultimo acrescente as claras e despeje em 2 fôrmas. Forno brando durante os 5 primeiros minutos, depois aumente o calor e deixe por mais 15 minutos. Sirva simples ou recheada e coberta com glacê.

MASSAS FRITAS:

WAFFLE

INGREDIENTES

3 colheres de manteiga,
3 colheres de gordura amolecida,
3 colheres de Royal,
2 chécaras rasas de farinha de trigo,
1 colher de sal,

2 ovos,
2 chécaras de leite,

Misture e peneire os ingredientes secos. Bata as gemas até ficarem esbranquiçadas, junte o leite, os ingredientes peneirados, a manteiga, e por último as claras em neve. Esquente bem o aparelho elétrico, bezunte de gordura, deite por cima uma camada da pasta, feche, deixe cerca de 3 minutos, retire e sirva logo com manteiga ou com calda aromatizada. Se não tiver o aparelho proprio para waffle, espalhe numa frigideira bem quente e untada e toste dos dois lados.

BOLO EXCELSIOR

Amassa-se de chécara de manteiga, com uma chécara de açúcar. Juntam-se uma colherinha de essencia e um ovo bem batido, e, em seguida, uma chécara de leite, uma chécara de maizena e outra de farinha de trigo, 1/2 colher das de chá de sal e 3 colheres, das de chá, de fermento em pó, misturados. Assa-se em forma ou forminhas untadas.

BOLO MAGESTIC

Batem-se 3 colheres das de sopa, de manteiga, com 3/4 de chécara de açúcar juntam-se tres gemas que devem estar muito bem batidas, e 1 colher das de chá, de essencia. Peneiram-se 1/2 chécara de maizena, 1 chécara de farinha de trigo e 3 colheres, das de chá, de fermento e põe-se, alternadamente, com 1/2 chécara de leite, na primeira mistura. Assa-se em forma untada, forno brando.

Cobre-se em seguida com o seguinte glacê de limão:

Peneiram-se 250 grs. de açúcar em uma vasilha, misturando-se com 3 colheres, das de sopa, de sumo de limão, e fazendo-se um caldo grosso e liso.

BOLINHOS DE BATATA DOCE

Misture 4 chécaras de purê de batata doce 2 ovos batidos e sal; engrosse com 1/2 chécara de farinha de trigo e 1/2 chécara de maizena. Forme bolinhos e ferva-os por espaço de 5 minutos, fritando-os, depois, em manteiga ou azeite.

BOLO DE NEVE

Batem-se em creme, 2 chécaras de açúcar e 1 de manteiga; juntam-se 1 chécara de leite e 10 gotas de baunilha, e, a seguir, peneirados juntos 1 chécara de maizena, 2 chécaras de farinha de trigo e 2 colheres, das de chá, de fermento em pó. Adicionam-se 6 claras batidas em neve. Fôrma untada. Depois de frio, enfeite com glacê branco e salpique com amêndoas picadas. Forno quente.

BEBIDAS QUENTES

CHOCOLATE COM GEMAS

Ingredientes: — 4 paus de chocolate, 4 gemas, 4 colheres de açúcar e 8 chécaras de leite. — Dissolve-se o chocolate no leite e deixa-se ferver bem. Bata-se as gemas juntamente com o açúcar. Despeje-se por cima o chocolate fervente, leve-se de novo ao fogo sem deixar ferver, e sirva-se.

MATE CHIMARRÃO

Deite mate em pó até o meio da cuia apropriada, acabando de enche-la com água fervente. Deve-se tomar esta bebida com a bomba propria, sem açúcar e o mais quente possivel.

GEMADA DE CAFE'

Bata 1 gema com 1 colher rasa de açúcar, até ficar esbranquiçada. Em seguida, deite por cima 1 chécara de café bem quente. Dispensa-se a canela.

LEITE QUEIMADO

Leva-se uma colher bem cheia de açúcar ao fogo. Quando ficar alourado, despeja-se por cima uma chécara de leite quente. Dissolva-se e sirva-se.

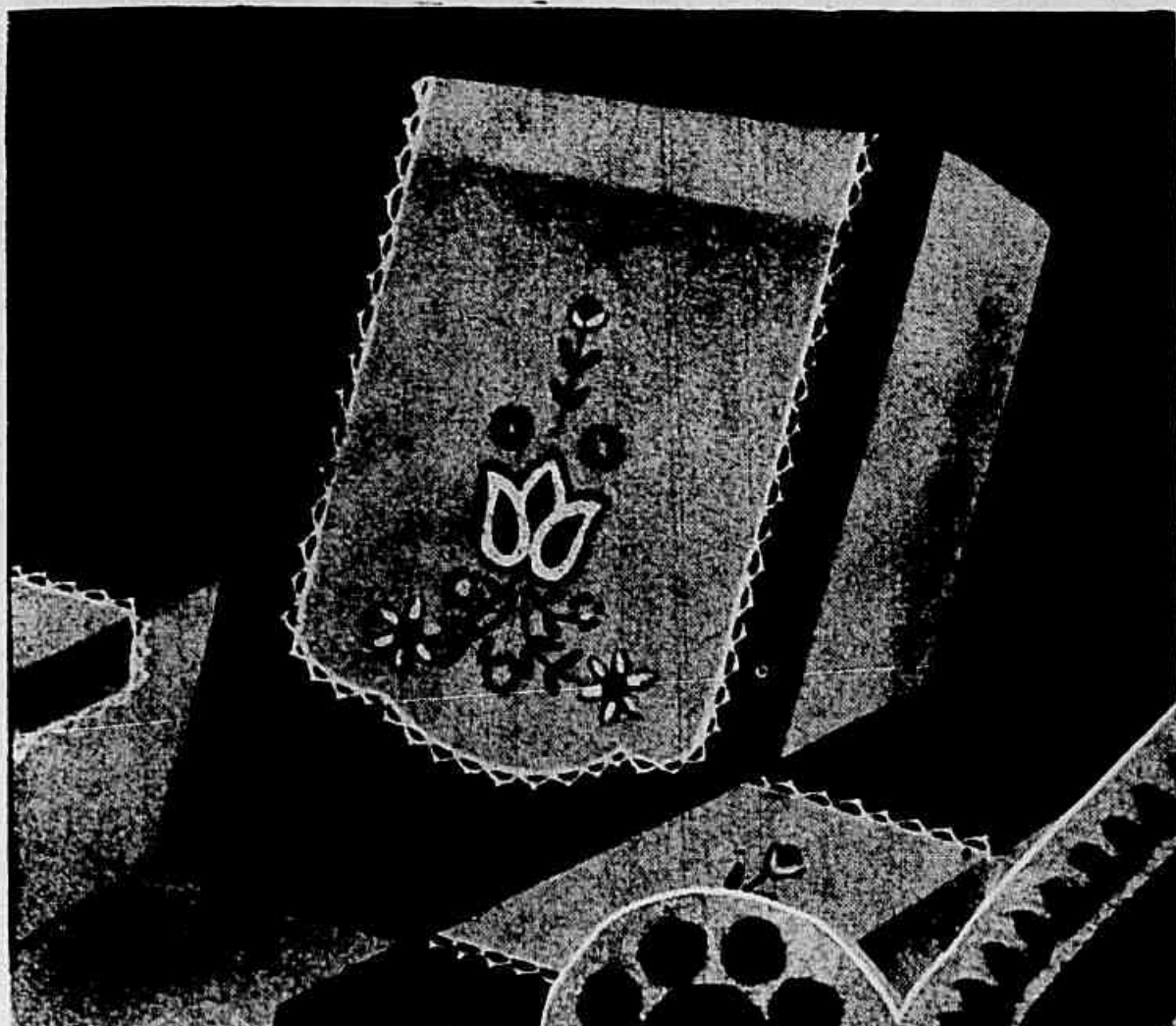
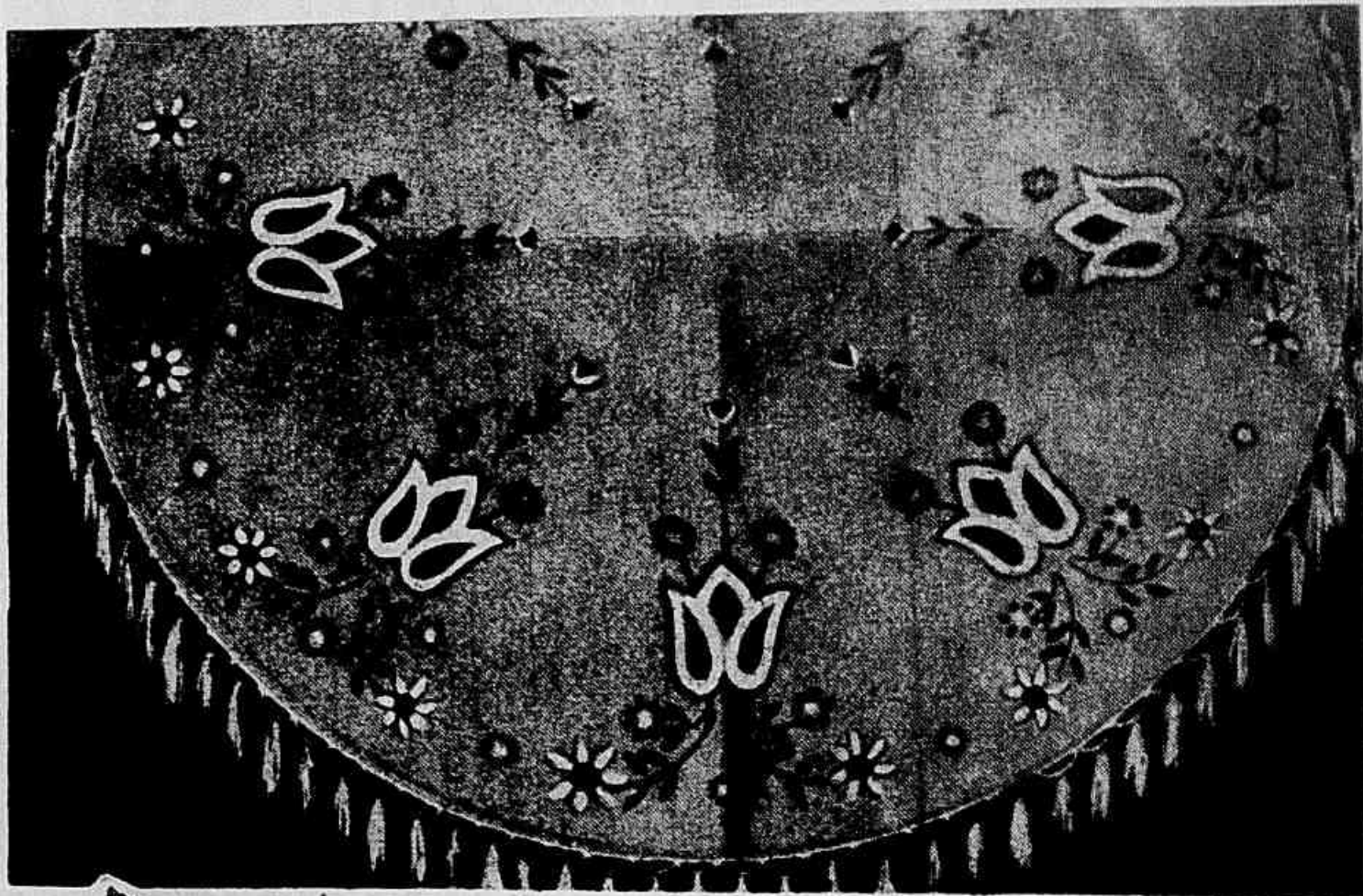


Torne seu lar um mundo maravilhoso

LINDO MOTIVO EM BORDADO BULGARO

Apresentamos aqui alguns trabalhos com os quais, provavelmente, você

gostará de ornamentar a sua casa. No centro de mesa redondo, em linho, as flores grandes são colocadas em círculo no centro do mesmo, enquanto aparecem flores pequenas e as respectivas



DOR de ESTOMAGO?

AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ULCERAS

Papeis

BANKETS

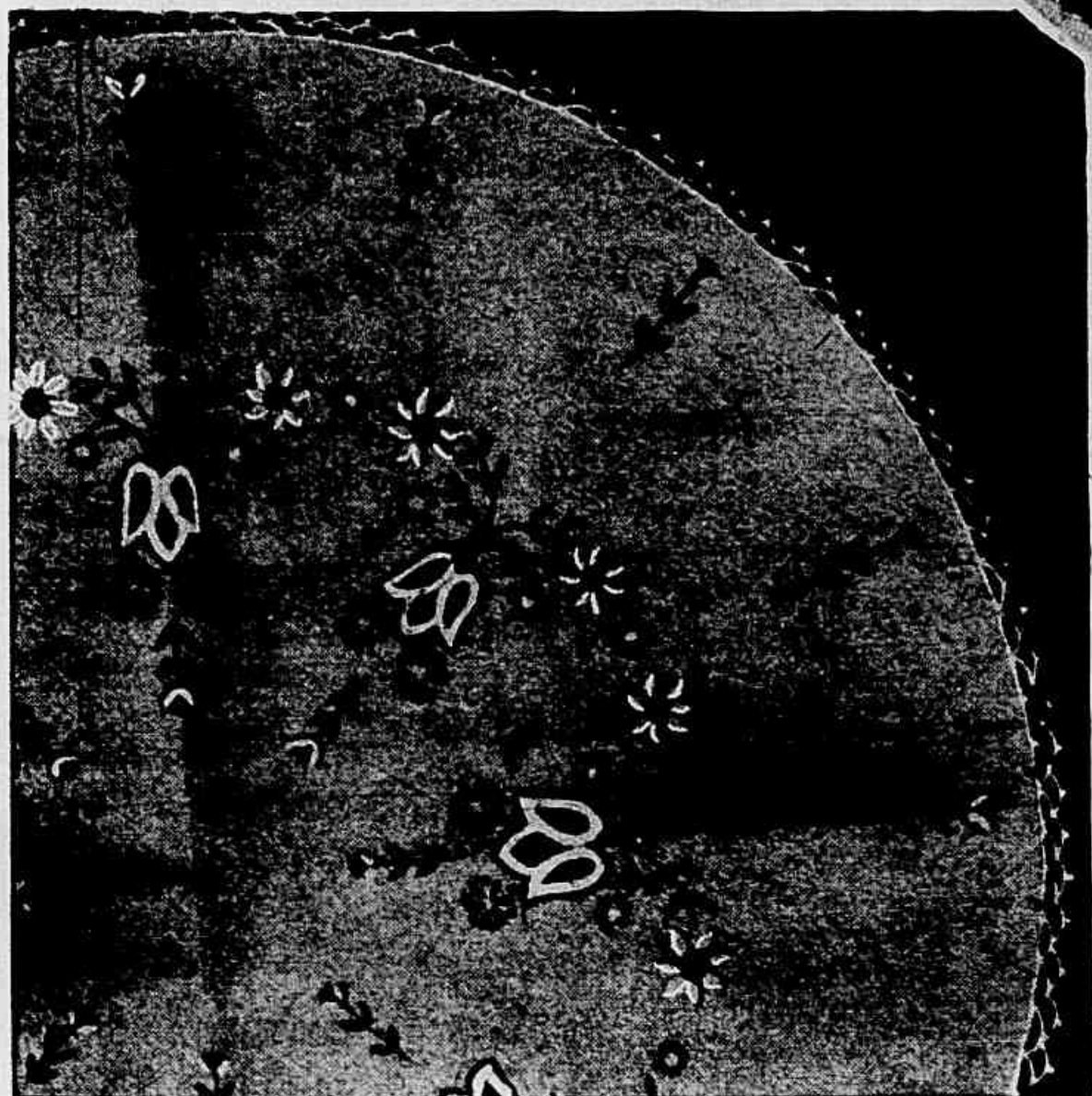


Senhoras!

CAPSULAS

MENAGOL

PARA FALTA DE MENSTRUÇÃO
APR. PELA CENS. SANIT. N. 96 - J. 4



folhas tanto na parte exterior como na inferior.

As flores maiores são executadas em azul forte bordando-se os pétalos a ponto de festão. O centro do pétalo maior, é feito em negro, enquanto nos pétalos laterais vê-se uma rede de pontos alaranjados no contorno.

O mantozinho termina de forma irregular nele riscando-se flores grandes e pequenas, de maneira que se forme um círculo de flores pequenas e folhas. O jogo que se segue é também adornado com um desenho grande no pano que se coloca no espaldar e, por último, apresentamos ainda um pano redondo feito em lã e fio prateado!

MOBILIARIOS FINOS EXPOSTOS EM GRANDES MOSTRUARIOS

Convidam-se as distintas famílias a visitarem os mostruários junto à fábrica de Moveis "Lamas", nos quais estão expostas as mais recentes criações de mobiliários nos diversos estilos, dotados de todos os requisitos para satisfazer quem pretenda adquirir moveis de qualidade e de bom desenho.

As exposições que a fábrica "Lamas" mantém no Flamengo, Urca e Copacabana são de simples propaganda, sendo os moveis "Lamas" vendidos exclusivamente nos mostruários anexos à fábrica, com facilidade, em certos casos, de pagamento.

A marca de PÉS DORIDOS está arruinando a sua face?



Dóres nos pés podem fazer-lhe parecer anos mais velha do que é.

Faces sulcadas pela dor, falta de disposição, nervos cansados, fadiga, mal-estar - estes são alguns dos resultados nocivos que pode causar um mal nos pés.

O Dr. Wm. M. Scholl, notável autoridade sobre males dos pés, criou um remédio, uma aplicação ou um Suporte de Arco para o alívio de cada mal-estar nos pés. Estes contribuidores para a felicidade dos pés são vendidos nas drogarias, sapatarias, perfumarias e várias outras lojas em todo o mundo. Seu custo é pequeno. Procure a marca Dr. Scholl.

CALOS - DÓRES NOS DEDOS

Os ZINO-PADS DR. SCHOLL aliviam imediatamente as dores e extirpam suavemente os calos; eliminam a pressão do calçado; macios e acolchoados, impedem a formação de calos, dores nos dedos e bolhas dagua.

CALOSIDADES

Os ZINO-PADS DR. SCHOLL, em tamanhos especiais para calosidades, aliviam a dor, amaciam e suavizam a pressão sobre o ponto dolorido; desprendem rapidamente e extirpam as calosidades.

JOANETES

Os ZINO-PADS DR. SCHOLL, em tamanhos apropriados para joanetes, protegem as articulações sensíveis e dilatadas; eliminam a pressão do calçado.

ARCOS DÉBEIS

O FOOT-EAZER DR. SCHOLL e exercícios apropriados, aliviam o cansaço, pés doridos, as dores na perna e pé quando devido à debilidade ou caída dos arcos.

PÉS QUENTES E CANSADOS

O BALSAMO PÉDICO DR. SCHOLL dá alívio imediato, eliminando a ardência e cansaço dos pés muito doloridos.

PÉS SENSÍVEIS

O PÓ ANTISÉPTICO DR. SCHOLL normaliza a transpiração e refresca os pés sensíveis; torna cômodo o calçado apertado.

JOANETES

O REDUZIDOR DE JOANETES DR. SCHOLL, de borracha macia, elimina a dor causada pela pressão do sapato, corrige a saliência e evita que se deforme o sapato.

Peritos do Dr. Scholl sempre à sua disposição para conselhos grátis sobre todos os males dos pés. Peça exame sem compromisso de compra.

SUPORTES DE ARCO-REMÉDIOS

Lojas Dr. Scholl

PARA O CONFORTO DOS PÉS

RUA S. JOSÉ, 114 RIO
RUA DO AROUCHE, 71 S. PAULO

5-1A-20

Cara ou Corôa

(Continuação da pág. 9)

sorte de detê-la e de salvar a vida de um ou dois dos mais importantes membros da tribo. Isso me deu um certo prestígio mas ao mesmo tempo teve a desgraçada consequência de me fazer inimigo de diversos curandeiros. E' um mau negócio ter essa gente como inimigo. Contudo, por um longo espaço de tempo, seu trabalho subterrâneo não surtiu efeito aparente. Eu mesmo não sabia nada a respeito. Toleravam-me e me deixavam trabalhar em paz.

Naturalmente eu sabia que estava trabalhando em cima duma espécie de vulcão. E' sempre assim, quando se trata com gente primitiva. Custa muito pouco transformá-los de amigos em inimigos. E' preciso manter olho vivo na balança. Qualquer coisa inteiramente imprevista e sem a menor importância para nós, pôde bastar para entornar o caldo.

Eu não sabia disso naquela época. Lembrome que não estava ainda maduro. Era o perfeito amador. Convencêra-me de que tivera bastante sorte em fazer amizade com um povo notoriamente hostil e deixava o páu correr. Mergulhei no meu trabalho e me esqueci de tudo mais.

As coisas correram brandamente durante vários meses. Comecei a fazer progressos e a aprender coisas que revolucionaram todas as prévias idéias sobre doenças tropicais. Podia entrever uma vida inteira de trabalho aberta diante de mim. Era uma existência ideal para alguém inflamado no ardor da juventude.

Foi quando, de repente, as coisas começaram a se azedar.

Os nativos, com os quais eu tinha vivido em termos amigáveis, tornaram-se repentinamente ariscos. Começaram a evitar-me, a esgueirar-se furtivamente, quando me viam ir chegando. Um ou outro chegava mesmo a correr e sua atitude cristalizava uma insolência franca e uma franca ameaça.

Um dia uma flecha se quebrou contra a parede de meu banheiro enquanto eu estava nele. Era um projétil horrivelmente farpado e deixou de alcançar-me por algumas polegadas.

Digo-lhes que só então comecei a perceber as coisas. E o que vi não era nada agradável. Os aborígenes tinham-se virado definitivamente contra mim. Trabalho dos curandeiros, naturalmente, embora na ocasião eu não o compreendesse. Tudo o que sabia era que estava no coração duma terra selvagem, sozinho e desamparado no meio de selvagens que tinham a reputação de ser os mais traiçoeiros e cruéis de todo o mundo. Não era exatamente uma sensação agradável.

Fez uma pausa para reacender o charuto, nem eu nem Crawford dissemos uma palavra. Esperávamos.

— Eu era uma espécie de Livingstone — resumiu Stevens. — Sózinho e isolado numa terra selvagem. Ninguém perto de mim, exceto negros hostis.

Mas tive meu Stanley... — A voz arrastou-se e por um longo minuto ele ficou silencioso.

— Já ouviram falar em Laura Arnham? — perguntou abruptamente. — Suponho que não. Ela é de um tempo muito anterior ao de vocês.

Bem, Laura Arnham era uma criatura notável. Filha dum homem muito rico e sem a menor atração pela vida social. Era também muito bonita. Linda mesmo, creio eu. Mas sua inclinação era somente para viajar por lugares estranhos.

As mulheres, naquele tempo, não faziam dessas coisas, pelo menos não havia muitas que o fizessem, e tal disposição era um tanto censurada. Não era considerada como coisa muito decente. Mas Laura persuadiu ao pai a deixá-la fazer uma experiência. A primeira tentativa foi um sucesso. Talvez pela simples novidade do caso. De qualquer modo, seus livros e seus artigos tiveram uma saída fulminante.

Eu a conheci quando ainda era estudante. Eramos quasi da mesma idade. Nós nos vimos constantemente durante um inverno inteiro. E, como provavelmente já perceberam, ficamos apaixonados.

Naturalmente não se tratou de casamento antes que eu tivesse acabado meu curso e conseguisse estabilizar-me. Eu não sabia quanto tempo isso levaria. Vocês sabem, eu não tencionava tornar-me um médico comum e viver toda minha vida num círculo restrito. Laura concordava comigo nesse ponto. Foi ela que me sugeriu que havia um campo virgem para os estudos sobre as doenças tropicais pouco conhecidas. Ela mesma sugeriu que eu começasse meus trabalhos pela Nova Guiné.

Ela estava por longe, numa das suas viagens, quando eu me diplomei e viajei para a Papuasia. Não pensava em vê-la durante cinco anos. Essa idéia não me agradava muito.

Mas, não tive de esperar cinco anos. Não tive mesmo que esperar mais do que um ano. Eu estava uma tarde do lado de fora de meu bangalô, olhando o sol se pôr por trás da palçada da jangala, quando vi uma canôa descendo o rio. Vinha ainda muito longe, mas pelos reflexos dos remos pude notar que vinha à toda.

Depois surgiu uma segunda canôa e eu pús

meu binóculo e então compreendi. A segunda era uma das grandes canôas de guerra. Havia quinze ou vinte homens nela. Eu podia vê-los refletidos de seus remos, batendo a água juntos. O sol potente arrancava centelhas de suas lanças. Cada golpe diminuía o espaço entre a primeira e a segunda embarcação.

Perseguido e perseguidores voavam na minha direção. Eu não sabia o que fizesse. Toda minha simpatia era naturalmente pelo homem solitário, mas eu estava numa posição mais do que delicada. Se o ajudasse, os aborígenes teriam um motivo de verdadeira queixa contra mim. Isso traria o desencadear da crise. E esse climax tão sério significaria inevitavelmente que nunca mais eu jamais teria "chance" de voltar à civilização, para publicar minhas descobertas, nem vê-los Laura de novo. Não podia resolver se a vida daquele fugitivo solitário valeria tal preço.

Não sei que decisão teria tomado se o caso não se resolvesse por si. A maior parte do rio estava escura, mas aqui e ali o sol brilhava por um momento na jangala e acendia a água com um raio dourado. A canôa dianteira passou por uma dessas faixas.

Ficou na luz apenas um relance, mas foi o bastante para que eu assestasse o binóculo e visse que a figura curvado sobre o remo era a de uma mulher. Percebi uma cabeleira loura, escura de suor e desfazendo-se em cachos abundantes em torno da cabeça, a curva branda do colo e o clarão duma pele branca com uma leve tonalidade de âmbar.

Sim, vocês já perceberam. A môça era Laura. Mas eu não pensei nisso no momento. Seu rosto estava contorcido de tal modo pelo esforço que não a reconheci naquele relance de olhar. E, ao que podia saber, Laura estava a milhares de milhas de distância, preparando seu novo livro. Não, nunca me passou pela cabeça que a mulher fugitiva pudesse ser Laura Arnham. Tudo o que percebi foi que se tratava de uma mulher branca perseguida por uma horda de selvagens e que me tocava fazer tudo o que pudesse para salvá-la. Corri para dentro do bangalô, para buscar meu rifle.

Quando voltei, o espaço entre as duas canôas ficara reduzido à metade. Havia um negro na prôa da canôa de guerra com um feixe de lanças na mão. estava de pé, fazendo a pontaria; então, de repente, o corpo curvou-se como uma catapulta e uma lança fustilou no ar. Pude seguir-lhe a trajetória pelas penas coloridas que a ornavam. Elas passaram tão rente à mulher que eu soltei um grito. Era certo que a lança a atravessara. Ela porém não interrompera a fuga. Eram agora remadas fracas e a água não redemostrava mais em torno do remo. O aborígene, na canôa de guerra, escolhia outra lança, vagarosamente. Inclinou-se para trás e contorceu o corpo.

Atirei. O negro deu um estremecimento violento. A lança em riste caiu devagar e o homem deu meia volta, rolando no rio.

Houve uma palpação de remos batendo para trás violentamente e a canôa de guerra parou quasi no mesmo instante. Os negros conheciam muito bem meu rifle e tinham uma boa dose de medo dele. Pude vê-los olhando para mim e me fazendo gestos de ameaça. Depois voltaram por onde tinham vindo.

A pequena embarcação rumou na minha direção e cortou o rio. Sua ocupante estava claramente exausta. Na verdade mesmo antes da prôa mergulhar na margem enlameada, o remo escorregou-lhe das mãos e ela caiu de rosto no fundo do bote. A barca deslizou lentamente para diante e eu a alcancei e puxei para a lama seca.

Levantei a rapariga de onde ela havia caído. Foi então que a reconheci. Até esse momento semelhante idéia não me penetrara no cérebro. Vocês podem imaginar o que eu senti.

— Era uma complicação dos diabos! — continuou Stevens. — Nunca me vira em pior situação. Minha posição era bastante má enquanto eu estava só, mas havia uma possibilidade de sair vivo daquelas brenhas. De fato, isso requeria uma sorte extraordinária, mas não era impossível.

Mas de repente o Destino me pregava uma das partidas perversas. Mandava para junto de mim a mulher que eu amava e a sua vinda praticamente assinava nossas duas sentenças de morte. Ela era uma presa fácil para os caçadores de cabeça e eu o havia defraudado. Matara um homem para roubá-la a eles. Era certo seguir-se uma retaliação. Laura e eu discutimos tudo isso, quando ela teve forças suficientes para falar. Ela me disse que um dos grandes jornais lhe oferecera uma grande vultosa quantia para ir à Nova Guiné e procurar uma explicação para o desaparecimento de Sir Henry Grandger. Seu caso era muito parecido com o do Coronel Fauwett, a respeito do qual vocês lêem de vez em quando alguma coisa. Ela aceitara a incumbência e fizera suas investigações. Estava de regresso à costa, depois de ter descoberto que Granger e a comitiva tinham sido trucidados, quando os guias a abandonaram. Laura conseguiu roubar uma canôa duma aldeia nativa e estava tentando safar-se. Por algum tempo conseguiu passar despercebida, mas por acaso os aborígenes a notaram. Minha intervenção chegara na hora justa.

Mas nós podíamos vê-los o que nos aguardava e a situação parecia completamente desesperada.

rada. Sentamos na varanda depois de escurecer e ficamos observando os grandes morcegos fúrfagos que batiam as asas no alto. A noite era inteiramente tranquila. Havia estrelas.

Na sombra da morte, aprende-se a saborear cada momento em sua plenitude. Foi uma hora de uma pungente e lancinante beleza a que passamos na varanda, com a jangala negra subindo para o céu diante de nós como uma grande e crenulada muralha. Nunca nos tínhamos amado tanto como nessa hora; em toda probabilidade nós nunca mais atingiríamos tal cimo de exaltação. Cada segundo esperávamos a morte surgir da noite e nos submergir. Esperávamos alguma coisa violenta, terrível e explosiva. E não tínhamos medo. Mas, quando chegou o clímax foi infinitamente pior do que tínhamos imaginado. Ninguém pôde imaginar as sutilezas infernais duma raça primitiva.

Quando esperávamos defrontar um turbilhão de brutal violência, fomos ao contrário surpreendidos por um calmo raciocínio e por uma escolha. Uma escolha infernalmente concebida. Quando a expectativa e a escuta tinham trazido nossos nervos a um grau de intensidade extrema uma figura subitamente se materializou na varanda. Chegou-se sem rumor, como uma sombra. Eu saquei convulsivamente o revólver, mas Laura segurou-me o braço.

— Ainda não, — cochichou ela.

O vulto começou a falar. Eu reconheci a voz como a do curandeiro mór da tribo. Mesmo hoje eu não compreendo muito bem o dialeto. Mas Laura entendeu. Traduziu-o. O curandeiro estava nos oferecendo uma escolha. Eu, disse ele, tinha violado a hospitalidade da tribo, matando um de seus melhores guerreiros. E havia roubado deles uma mulher branca que lhes pertencia de direito.

Minha vida estava portanto comprometida. Todavia, como eu tinha sido seu amigo, queriam oferecer-me uma escolha. Se eu lhes entregasse a mulher, podia partir de sua terra em paz. Ou, se eu preferisse, poderia entregar-me a eles e a mulher ficaria livre. Deveríamos ter a resposta pronta dentro de uma hora.

O homem virou-se e desceu os degraus. Eu teria jurado que ele dava um muchocho, ao se afastar.

Quando ele sumiu, eu e Laura ficamos sentados, rígidos e imóveis. Não tínhamos esperado coisa alguma parecida com aquilo, e por um certo tempo nos foi impossível apreendermos todo o seu tremendo significado. Mas, gradualmente, tudo o que aquilo queria dizer nos saltou e compreendemos o horror integral da escolha que nos fora oferecida. Em poucas palavras, resumia-se nisto: Um de nós poderia salvar a vida. Mas isso só poderia ser feito, sacrificando a vida do outro. Pôde-se imaginar uma situação mais terrível para duas pessoas que se amam?

Foi Laura que rompeu o silêncio.

— Temos que decidir — disse ela.

Eu fiz que sim, com a cabeça. — Quando eles voltarem será para levarem um de nós até o rio, onde uma canoa estará esperando para o levar para a civilização. O outro permanecerá aqui e esperará até que venham buscá-lo. Foi isso que ele disse, não foi? Ele falou um bocado ligeiro para que eu pudesse compreendê-lo.

Não houve resposta, por um minuto, depois Laura disse: — Sim. — Em seguida bateu-me na mão. — Agora escute, Mark — disse ela — Esta escolha deve ser justa. Você sabe que eu não acredito no cavalheirismo anacrônico que pede a salvação das mulheres e crianças ao preço de vidas dez vezes mais valiosas do que as suas.

Nós tínhamos discutido esse assunto, anteriormente. Laura não suportava a tradição. Tinha as vistas claras e era independente. Eu podia ver que ia ser difícil achar um meio de a tirar da embrulhada. Ao mesmo tempo, me admirava por ela se prender tão estritamente aos seus princípios. Teria sido tão simples esquecê-los ali, deixar-me assumir o jugo que a tradição impõe aos homens. Mas seria um ato de covardia e eu não deveria esperar isso. Eu não tolero os covardes.

— Você hoje salvou minha vida — continuou Laura. — Estou em débito com você por isso. Fui eu que atrapelei seu trabalho aqui. Também estou em débito com você por isso.

Eu disse: Bobagem!

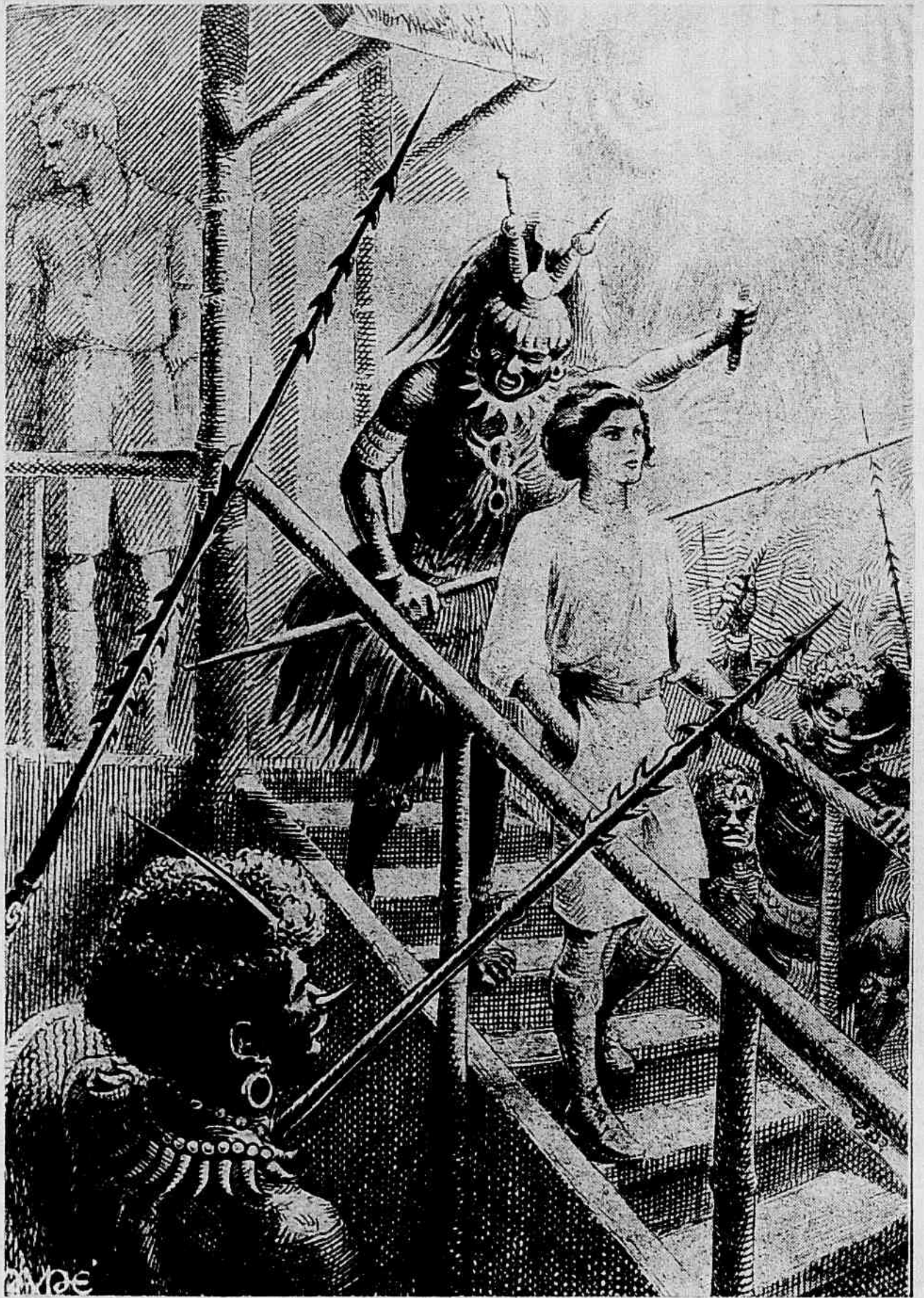
— É verdade. — Se aquela canoa me tivesse apanhado uma ou duas milhas acima, você nunca teria sabido e não se veria nesta complicação. Tudo é por culpa minha. Junte o fato de que você está fazendo aqui um trabalho que em poucos anos salvará a vida de milhares de vidas e tornará o mundo um recanto melhor. Obviamente compete a você continuar vivo. É um dever.

Eu sacudi a cabeça. — “Ha outro dever mais antigo que eu tenho de cumprir. É uma tolice, se você quiser, mas — é uma tradição da minha raça. A vida seria uma coisa inteiramente sem sentido para mim se eu me salvasse deixando a mulher que amo morrer em meu lugar.

— Isto é um absurdo! — gritou Laura zangada.

— Talvez — admiti. — Mas é um fato de que não há como escapar.

— E que direi de mim? — perguntou ela.



— Você acha que eu quero continuar a viver, sabendo que minha vida foi comprada para mim à custa da vida do homem que eu amo? Eu também tenho sentimentos, você sabe.

Eu ainda não tinha pensado sob esse prisma, antes. Pareceu-me perfeitamente razoável. E me veio de repente a idéia num relâmpago que aquilo que nós estávamos discutindo era a respeito de nossas vidas. Nossas vidas. De certo modo eu não havia ainda pensado nisso até então. Mas compreendia agora que um de nós deveria sair do bangalô e descer o rio para toda a ventura e para todos os trabalhos e para a doçura da vida. Ao passo que o outro...para o outro havia dor e treva e a cessação de todas as coisas. Depois dessa hora, nenhum de nós poderia ver mais o outro.

Laura deve também ter pensado nisso, pois sua mão pousou na minha. Eu lhe puxei a cabeça contra o peito e senti lágrimas ardentes molhando-me a camisa. Meus próprios olhos estavam longe de enxutos.

— Não suporto isso — gritou Laura. Não deixarei você sacrificar-se por mim. Ou decidimos isso sob as bases de homem para homem, ou os negros terão de matar-nos juntos. Veja bem o que estou dizendo, Mark!

Eu soltei uma praga baixinho. Eu conhecia aquele tom. Quando Laura falava assim é que havia decidido. E ela podia teimar como qualquer mula. Foi ela, porém, quem achou uma saída.

— Lembrei-me duma coisa — disse ela. — Vamos tirar a sorte. Eu sei que parece frívolo e horroroso entregar uma vida a um jogo de moeda, mas realmente, Mark, é o único meio que encontro.

Tive que concordar com seu plano. Afinal de contas, havia uma “chance” também para eu perder. E se eu ganhasse — bem, eu poderia usar sempre a força. Amarrá-la e carregá-la para longe.

— Muito bem — disse eu. — É bem justo. Mas você me prometeu obedecer ao resultado. Nada de discutir se você ganhar.

Ela prometeu. Entramos e eu acendi uma vela que coloquei na mesa. Ela fazia um póço de luz dourada em torno do qual sombras densas investiam sem cessar. Comecei automaticamen-

te a procurar uma moeda nos bolsos. Não tinha nenhuma. Laura riu.

— Aqui está — disse ela. Arrancou do cordão uma moedinha que usava ao pescôço, como mascote. A moedinha lhe fora dada por ocasião de sua primeira viagem e de então por diante não a deixara mais.

— Cara ou corôa? — perguntei e Laura respondeu: Cara.

Jogou a moeda no ar. A moeda caiu na mesa e ficou girando. A luz da vela brilhou em cima. A moeda parou. Era cara.

Duas em três — disse Laura rapidamente. A luz da vela seu rosto era o de um fantasma. Eu podia vê-la procurando controlar o tremor dos lábios.

Acenei concordando e ela jogou a moeda de novo. E novamente caiu com a cara para o alto.

— Muito bom — disse eu. Acendi um cigarro. Estava procurando desesperadamente representar meu papel. Tinha consciencia do olhar de Laura perscrutando-me. Ela procurou dizer qualquer coisa, mas eu a interrompi.

Saimos de novo para a varanda. Não falamos muito. Era muito duro manter nossa atitude. Qualquer coisinha teria bastado para nos fazer chorar como dois bebês. Queríamos evitar isso.

Então os negros voltaram. Uma verdadeira procissão. Vinham carregando tochas. A luz vermelha brilhava nos seus corpos oleosos, nas suas armas e nos seus ornatos.

Laura e eu nos despedimos. Trocamos um beijo. Então Laura desceu os degraus com a cabeça alta. A luz do archote caía sobre ela, como se fosse sangue. Todos se dirigiram para o rio e embarcaram nas canoas que estavam á espera. Eu observei como as tochas tremiam sobre a água. Tornaram-se cada vez menores e menores até que sua última reverberação vermelha sumiu como uma centelha bruxuleante. Voltei para o bangalô para esperar.

(Continúa na pag. 51)

CARICATURA ESTRANGEIRA

NO MUSEU



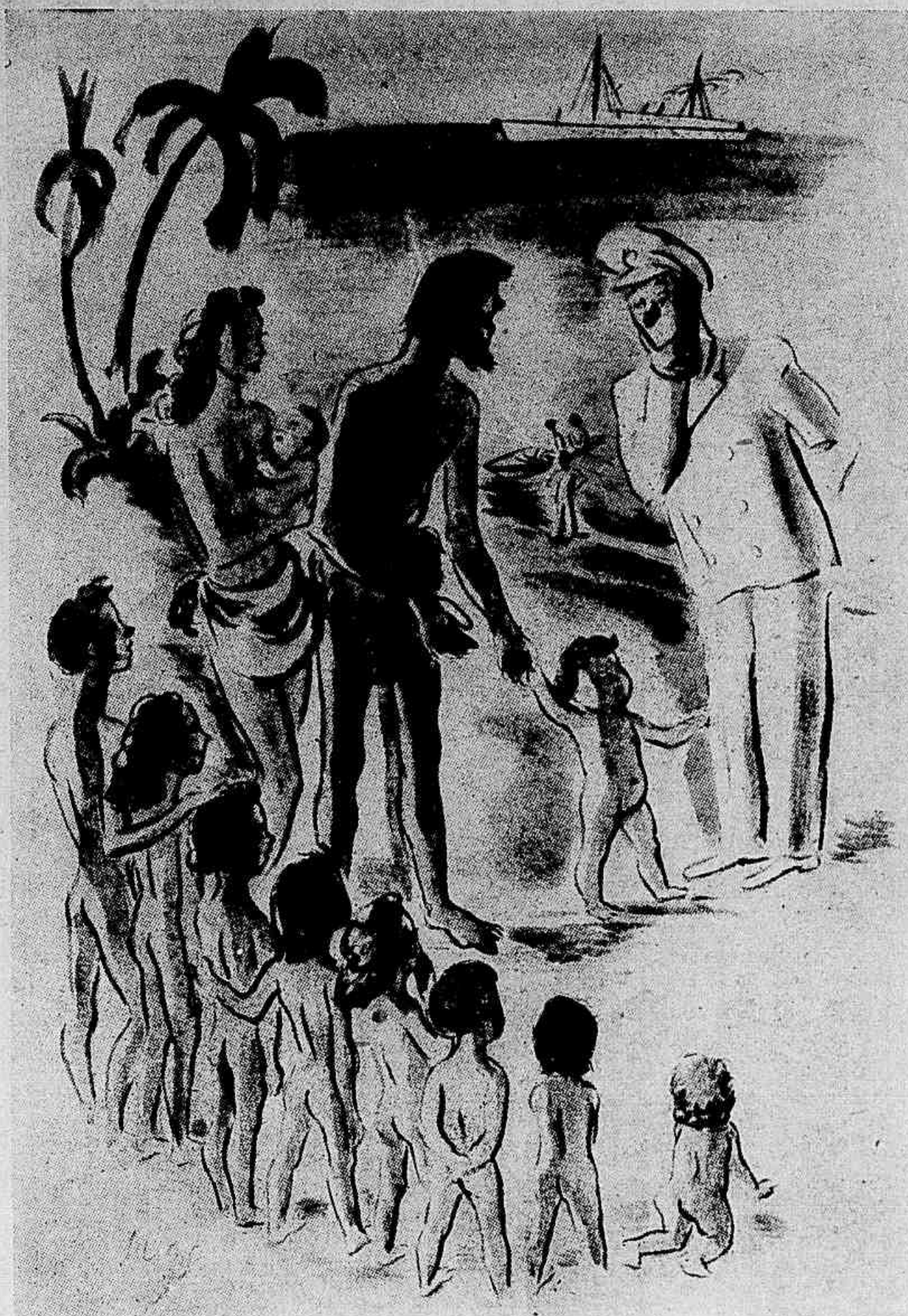
Dois moços engraçados, em visita a um Museu, resolveram divertir-se à custa dos guardas, dirigindo-lhes perguntas idiotas.



A saída, viram um grupo de cães, em mármore. E um dos jovens visitantes quiz fazer a última pilhéria:



— Diga-me uma coisa: Dão comida a estes cachorros?
— Damos, sim, senhor, respondeu o guarda.
— E quando?
— Quando eles ladram.



— Não sei há quanto tempo estamos aqui, capitão. Não temos meio algum de contar os anos.



— Que trabalho fazia você na outra casa?
— Pouca coisa. A patroa tem uma criada para me ajudar.



— Alfredo, a Henriqueta conseguiu que o marido lhe comprasse um anel de safira igual ao meu; portanto, tens que me dar um colar de pérolas igual ao dela!

A ausência da esposa



A senhora X, foi passar alguns dias em casa dos parentes, em Petrópolis, deixando o marido com uma velha criada. Ao chegar à cidade das hortênsias, deu por falta do relógio-pulseira que, naturalmente, lhe caíra na precipitação da partida. E telegrafou à empregada, para que, ao varrer a casa, visse se encontrava a joia em questão.



A resposta foi a seguinte:
"Varri com todo o cuidado, mas só encontrei, debaixo da mesa de jantar, seis rolas de garrafas de Champagne, uma porção de ponta de cigarro e um baralho de cartas."



A senhora X, tornou a arrumar a mala a toda a pressa e desceu pelo primeiro trem.

Raquitismo?

PARA AUXILIAR O DESENVOLVIMENTO

da criança, combater a anemia e o atraso do crescimento, a EMULSÃO DE SCOTT — rica em vitaminas e cálcio — feita do mais puro óleo de fígado de bacalhau — proporciona admirável ajuda. Em qualquer época não há substitutos para a



EMULSÃO DE SCOTT

Tônico das Gerações



MATRIZ: SÃO PAULO

Rua Libero Badaró, 103 loja-107 s/ loja-1.º e 2.º and.

Caixa Postal, 178-B e 2999

fone 2-4550

Tele
grama "CONSTRUTORA"

EMPRESA CONSTRUTORA UNIVERSAL

a maior organização predial do Brasil

Inspetorias em todos os Estados do Brasil
Agências em todas as cidades do Brasil

Cara ou Corôa

Conclusão da página 49

Stevens fez uma pausa abruptamente. Crawford e eu relaxamos os músculos, que estavam tetanizados e rígidos sem que o tivéssemos notado.

— Mas, você fugiu, hein? — disse Crawford. — Enganou os aborígenes.

— Sim — admitiu Stevens. Fugí. Não sei como. Mas abri caminho através dum inferno de lama e de mato e fugí.

— E achou Laura e se casou com ela. — Crawford, levado por sua visão, esquecia que Stevens era conhecido como solteirão.

Stevens respondeu-lhe lacônicamente. Não. Eu não casei com ela.

— Mas porque?

— Porque depois que ela saiu, achei a moeda ainda em cima da mesa onde ela a deixara depois da segunda jogada. A moeda tinha duas caras. Não havia absolutamente corôa.

— Oh! — Crawford estava chocado. — Você quer dizer que ela... trapaceou?

Stevens disse: Sim. Preste atenção, eu não a acuso — acrescentou ele. — As criaturas, mesmo as melhores, fazem coisas estranhas para salvarem a vida. Mas eu não poderia absolutamente casar com uma mulher que deliberadamente fizera trapaça para salvar sua vida à custa da minha. Não poderia. Toquei para diante e nunca mais ouvi falar em Laura durante anos até que um encontro casual me fez saber que ela havia morrido. Mas eu nunca me curei da ferida que ela me fizera. Depois, esta noite...

Eu irrompi apressadamente, procurando mudar o rumo do assunto.

— Mas você ainda não explicou porque desmaiou — lembrei-lhe. — Pelo menos não me parece que tenha explicado.

— Não expliquei? Bem, talvez não. Eu não lhes disse que Laura Arnham tinha um sinal de nascença num dos ombros. Uma estrela perfeitamente recortada.

— Oh! — Crawford pôs-se de pé e sua voz vibrava de horror. — Você quer dizer... Mas, é claro como o dia. — Ele me pegou pelo braço apertando-o até doer. — Um daqueles tambôres é do distrito do rio Sepik. O tampo é feito de pele humana. Pele branca! E ha um sinal de nascença, uma estrela, justamente no meio. Meu Deus, nunca ouvi coisa tão horrível na minha vida!

— Então Laura sabia que você não tinha entendido o que dissera o curandeiro? O que ele dissera era justamente que voltaria para buscar o que deveria morrer.

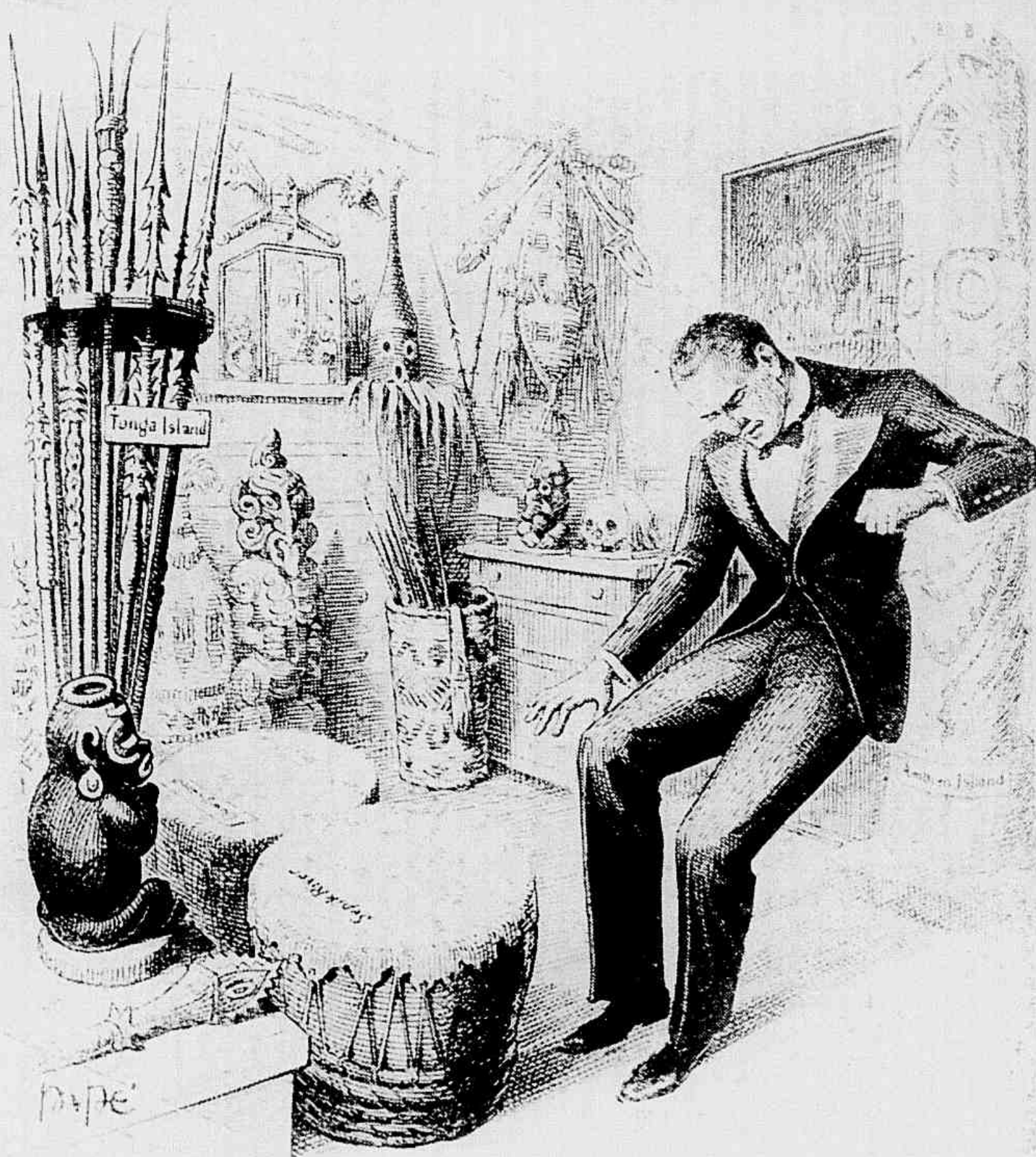
— Sim — disse Stevens penosamente. — Foi

por isso que ela trapaceou para salvar minha vida. Ela morreu por mim. E estes anos todos eu fiquei sem compreendê-la e fui injusto com ela. Deus me perdoe.

Levantou-se repentinamente.

— Boa noite, — disse ele a Crawford. — E muito obrigado. Estou me sentindo agora um bocado cansado. Gostaria de ficar sózinho.

Em silêncio, marchamos de volta através do jardim, para minha casa.



Como começou a Guerra

Continuação da página 22

nante" Chamou precipitadamente o introdutor, ordenando que fizesse entrar o visitante.

Enquanto esperava, foi materializando a figura: devia ser um homem alto, de feições angulosas e voz imponente. Devia (hesitou em afirmar) vestir roupa escura...

Foi interrompido: a porta se abria e, meio minuto após, o professor Carlos Eugênio Ciel D'Or (nome delicioso!) e sua excelência, o Primeiro Ministro, se fitaram.

Num primeiro olhar, sua excelência pôde avaliar quão certas tinham sido as suas previsões: o professor era um homem alto e anguloso; e quando se dirigiu ao Primeiro Ministro, a voz se elevou plena de dignidade:

— Senhor Ministro! Em nome da missão, eu vos agradeço o ter-me admitido.

CHEGOU AO RIO O SR. J. C. REBAZA, DA COLGATE-PALMOLIVE-PEET CO., LTDA.

Pelo avião da carreira da Panair chegou a esta capital, o sr. J. C. Rebaza — alto dirigente da matriz na América do Norte, Colgate-Palmolive-Peet Co., Ltda.

O ilustre visitante que já esteve várias vezes no Brasil, encontra-se em viagem de negócios por toda a América do Sul, e conta em nosso país com um vasto círculo de amizades que soube conquistar pela sua fidalguia e pelo elevado sentido pan-americanista que aplica em todas as suas iniciativas comerciais, muitas das quais tem constituído sólidos elos de aproximação entre os povos deste hemisfério.

Fôram receber o sr. Rebaza no aeroporto, inúmeros amigos, personalidades de destaque do nosso meio comercial, representantes da imprensa, do comércio e da indústria, e o sr. Richard Penn — diretor da Colgate-Palmolive-Peet-Co., Ltda., no Brasil e altos funcionários desta importante organização.



— "Nobre linguagem" — admitiu o Ministro, enquanto balançava a cabeça verticalmente, num gesto de assentimento ou aprovação. "Que missão seria aquela, a referida?" Mas o professor já prosseguia:

— Excelentíssimo, vós sois envolvido num negócio de alta relevância, no qual o conde d'Austerlitz é representante de uma das partes...

A menção do conde, sua excelência recordou-se da entrevista: falavam três minutos; necessário pois que finalizasse o encontro com o professor.

— "Mas como?" — perguntou a si mesmo. "Dizer a ele seja breve — impossível! Esforçava-se por que houvesse ânimo de dizer isso ao professor, o que equivalia a uma despedida". O professor, entretanto, continuava:

— Pois bem, o problema que vos venho expôr é de ordem superior, ele abrange todas as interrogações; harmonizará todos os interesses e dissolverá todas as questões, como essa com o conde.

— Meu caro senhor Ciel D'Or (como era gostoso de pronunciar o nome!) tenho uma conferência com o conde d'Austerlitz neste instante. A sua proposição muito me interessa, mas...

— Excelentíssimo, não percamos nem mais um minuto — a voz se tornara intimativa, os olhos se alargaram extraordinariamente, enquanto a gesticulação, sóbria de início, se tornara agora espalhafatosa. Nem mais um minuto, repetiu; se tiverdes a bondade de ouvir-me, resolvereis problemas de muito maior transcendência de que este do conde. Demorar-vos-ei poucos minutos.

A voz, a atitude, eram firmemente persuasivas. E, sem ter mesmo uma noção nítida do que fazia, o Ministro acedeu.

O professor então expôs a situação dos entes humanos sobrecarregados de problemas quase insolúveis. Dividiu-os (os problemas) em físicos, psíquicos e meta-psíquicos: analisou, explicou e sintetizou-os. Mostrou os campos, no terreno prático, em que ágem as forças políticas. Numa curiosa imagem, expôs os extremismos políticos como dois rolos gigantescos, girando em sentidos opostos e por eixos paralelos (como nas moedas, explicou, exemplificando). Os neutros e os do centro adérem ou são esmagados. Como fugir a esse dilema? interrogou e ele mesmo respondeu: com uma geração preparada especialmente para tal. E argumentou com a psicanálise e Freud sobre a possibilidade de guiar a educação das crianças; explanou o conceito nietzcheano acerca de uma raça de super-homens, "acima das contingências normais de um homem normal". E concluiu empós:

— E' essa a minha missão, excelentíssimo! Trago-vos a solução do problema único: a educação da juventude! Nomeai-me para organizar este serviço, a mim — Carlos Eugênio Ciel D'Or — que as gerações futuras ligarão o vosso nome ao meu na gratidão coletiva de que são credôres os beneméritos do serviço público.

Como aquela rã da fábula, que pretendeu igualar-se ao bô, em volume, o Ministro parecia tender ao volume de um mamute. Despertara. Estivera embalado num delicioso sonho e agora despertara. Foi inchando e crescendo em fúria, o rosto rubro, e explodiu:

— O senhor... o senhor... fazer-me perder tempo... para pedir um emprêgo!... é o cúmulo!

Ponha-se fóra daqui! Fóra daqui! Fóra! Olhou o relógio e sentiu-se agoniadamente aflito: tinha quarenta minutos de atraso. Bulbucou: a hora... a hora... Era intolerável a sensação de enorme peso, esmagando-lhe a cabeça. E todo aquele corpo desceu em vertical, não caiu, não tombou, não escorregou: desabou simplesmente. Ruíu aquela montanha de ossos, carne e gordura; e mais tarde, ao encontrarem-no, fugira-lhe o "élan" vital.

CREME DENTAL



3000

